

sequer aproximada do local. E que perda de tempo para a elaborar.

Uma ideia mais exacta seria dada por uma descrição que fosse acompanhada duma planta em escala, onde fossem marcadas as posições relativas dos diversos objectos que no local se encontrassem, de desenhos feitos à vista, com o pantógrafo ou por descalque, das particularidades mais interessantes, etc. Mas conquanto a planta seja em geral fácil de levantar, bastando ter à mão uma fita métrica, uma pequena régua graduada, um lápis e um papel, e os desenhos feitos por descalque ou com o pantógrafo não exijam, para serem correctamente feitos, aptidões especiais, a sua execução é sempre naturalmente morosa, levando muitas vezes horas.

Não é este, porém, o maior inconveniente do processo. As plantas, os desenhos são sempre mais ou menos esquematizados; registam, como as descrições, aquilo que mais impressionou a quem os fez ou o que mais se coaduna com a opinião, já mais ou menos assente na altura em que são executados, da pessoa que fez este primeiro exame, a propósito do facto que no local se passou.

Por esta razão sabida que nós não vemos senão aquilo que queremos vêr, compreende-se perfeitamente que a certos detalhes que possam vir a adquirir mais tarde, no decurso da instrução, grande importância, não tenha sido ligada a atenção devida ou que haja mesmo pontos que tenham passado completamente despercebidos. Quando se reconhecer a importância desses dados que facilmente poderiam ter sido notados na ocasião, será, na grande maioria dos casos, já tarde para os verificar.

Num documento fotográfico, porém, pelo facto de ser obtido automaticamente, sem intervenção da personalidade do operador, será sempre possível, em qualquer altura, verificar o detalhe a que menos se tivesse atendido.

A fotografia, permitindo ter sempre diante dos olhos a imagem fiel do local, constitue, por assim dizer, «uma espécie de memória artificial do magistrado instrutor» (REISS).

Além disso a possibilidade de voltar a imagem fotográfica, por forma a colocar à esquerda o que está à direita e à direita o que está à esquerda, mudando por completo o aspecto dos objectos fotografados, permite reconhecer certas relações melhor ainda do que examinando o próprio local (REISS).

Estas fotografias podem servir também para confundir o acusado, tendo H. GROSS proposto, para este último fim, que se fizessem projecções luminosas na própria sala das audiências.

A fotografia dum local tirada com um aparelho banal nas condi-

ções ordinárias constitue portanto um documento de alto valor judiciário.

Mas esse cliché apenas nos fornece uma ideia do conjunto do local observado, indicando-nos a situação relativa dum certo número de objectos. Para que a fotografia se tornasse realmente um elemento de primeira importância para o estudo judiciário dos locais, permitindo reconstituí-los com exactidão, era indispensável arranjar um processo de conseguir determinar, à custa duma prova, as dimensões dos objectos representados e as distâncias relativas duns aos outros.

E era preciso além disso, para que o processo fosse utilizável na prática, que estas determinações se fizessem sem necessitar recorrer a fórmulas e cálculos complicados.

É dalguns pontos desta questão da chamada *fotografia métrica* que nos vamos ocupar.

Antes de entrar porém no assunto que especialmente vamos tratar é indispensável atender ao seguinte — são três as hipóteses a considerar nesta questão conforme o objecto que se pretende fotografar:

1.º Ou se trata de reproduzir objectos sensivelmente planos; caso simples e a que acidentalmente nos referiremos adiante.

2.º Ou se trata de fotografar um local com mais ou menos profundidade; caso complexo sobre o qual incide especialmente este estudo.

3.º Ou finalmente o que se pretende é a reprodução duma figura humana viva ou morta, já com fins de identificação, já com fins doutra natureza. Dêste caso não nos ocuparemos agora, propondo-nos no entanto estudá-lo numa segunda memória sobre esta questão.

Todas as três hipóteses que figuramos tem importância judiciária. Com efeito, pondo mesmo de parte a questão da identificação por meio das fotografias chamadas *senaléticas* e que são no fim de contas retratos *métricos* tirados sempre nas mesmas condições, já pelo que diz respeito à posição do indivíduo, já pelo que respeita à redução e, considerando apenas a fotografia dos locais, são variadíssimos os clichés que, para uma completa informação judiciária, haverá, em geral, que obter.

Em primeiro lugar, uma ou mais vistas de conjunto (hipótese n.º 2) tiradas, sempre que for possível, de pontos opostos ou pelo menos afastados. Seguidamente, uma série de clichés destinados a fixar as particularidades que mais interesse possam ter: os diversos aspectos do cadáver e dos ferimentos ou lesões que tenha (hipótese n.º 3), as manchas de sangue que haja no solo ou nas paredes, por exemplo, as impressões deixadas pelos pés ou pelas mãos em diferentes objectos, os vestígios de efracção, etc. (hipótese n.º 1).

II

Deve-se a ALPHONSE BERTILLON um sistema muito simples que permite, na hipótese de ser o solo horizontal e o eixo da máquina paralelo ao solo, isto é, horizontal também, calcular as distâncias dos diversos planos de frente à objectiva, e conseqüentemente duns aos outros, e a redução que sofrem as linhas existentes nesses planos, linhas portanto paralelas à superfície da chapa.

Daqui se pode deduzir:

1.º As distâncias dos diferentes pontos do solo uns aos outros e portanto as distâncias dos diversos objectos situados no solo entre si e as dimensões horizontais dos mesmos objectos, por forma a poder levantar, com extrema simplicidade, uma planta na escala desejada, do local fotografado.

2.º As dimensões verticais dos objectos que toquem o solo ou dalguma das suas partes.

3.º As dimensões das linhas oblíquas, não existindo no solo, que sejam paralelas à superfície da chapa colocada na máquina, e ainda, em certas hipóteses, daquelas que o não sejam.

A primeira disposição imaginada por BERTILLON, para conseguir este resultado, consistia no emprêgo dumas tiras de papel branco, de comprimento conhecido — 1 metro por exemplo — que se colocavam verticalmente nas paredes e nos objectos, a diferentes distâncias da objectiva (fig. 1).

Medindo numa prova, em milímetros, os comprimentos dessas tiras e dividindo 1000 ($1^m = 1000^{mm}$) pelos números assim obtidos, acha-se não só a redução que sofreram as diversas tiras de papel, mas ainda a de todos os objectos situados no mesmo plano de frente, porque praticamente se pode admitir que todas as linhas situadas no mesmo plano paralelo à chapa sofrem a mesma redução.

Ora, duma maneira geral, a redução (r) que sofrem as diferentes linhas situadas num determinado plano de frente, é igual ao quociente que se obtém dividindo a distância (D) do plano considerado a objectiva pela distância (d) da objectiva ao vidro despolido.

Temos portanto

$$r = \frac{D}{d}.$$

Conhecido o r , que acabamos de vêr como se pode determinar e, medindo a distância d , podemos calcular a distância D do plano de frente considerado à objectiva, visto ser

$$D = rd.$$

Calculadas as distâncias à objectiva de dois planos frente passando por duas tiras consideradas, podemos facilmente calcular, por diferença, a distância destes dois planos um ao outro.

Assim, por exemplo, a tira de papel marcada na fig. 1 com a le-



Fig. 1.

tra A media na fotografia original 40^{mm} ; a redução do plano de frente em que está a tira é portanto de 25, e como a distância focal com que a fotografia foi tirada era de 10^{cm} , a distância deste plano à objectiva será portanto de $2^{\text{m}},50$. A tira B media 29^{mm} , a redução é portanto 35,8 e a distância $3^{\text{m}},58$. Os dois planos de frente em que existem as tiras A e B distavam portanto um do outro $1^{\text{m}},08$.

Colocando um número suficiente de tiras de papel, podia-se por esta forma calcular as reduções e as distâncias correspondentes a um grande número de planos. Depois de várias tentativas, porém, BERTILLON estabeleceu um processo muito mais prático, rápido e perfeito para conseguir êste mesmo resultado.

Para compreender a teoria, de resto muito simples, do sistema, começaremos por supor que se tratava de fotografar um solo horizontal onde existissem traçadas linhas rectas, paralelas e equidistantes, dispostas por tal forma que os planos verticais que por elas passassem, fossem perpendiculares ao eixo da máquina suposto, é claro, horizontal. Tirando uma fotografia, nestas condições, obtinha-se uma imagem do solo onde estas linhas apareciam paralelas umas às outras e tanto mais próximas, quanto mais afastadas estivessem do bordo inferior da chapa. Estas linhas seriam além disso paralelas à linha do horizonte e à linha de terra.

Se conhecêssemos a distância que separa essas linhas umas das outras, e se as linhas fossem numeradas por forma a ser possível distinguí-las depois no cliché, e se além disso a primeira passasse pela projecção da objectiva sobre o solo, nós poderíamos, evidentemente, determinar as distâncias dos planos de frente, passando pelas diversas linhas, à objectiva e, dividindo essas distâncias pela distância da objectiva ao vidro despolido, a redução que sofriam os objectos situados nesses vários planos.

Mas é claro que não seria prático nem mesmo possível estar a traçar no solo esta série de linhas. Há, porém, uma maneira simples de determinar a sua posição no cliché.

Para isso, basta-nos conhecer:

- 1.º A altura do eixo da máquina acima do solo, ou seja por outras palavras a altura acima do solo, do plano do horizonte.
- 2.º A linha segundo a qual êste plano corta a chapa depois de colocada na máquina.
- 3.º A distância da objectiva à chapa fotográfica, ou seja a tiragem focal da máquina.

Conhecida a altura do eixo da máquina acima do solo, é fácil vêr que o plano de frente que sofre uma determinada redução, encontra o solo segundo uma linha cuja imagem fica, no cliché, abaixo da linha do horizonte, a uma distância igual ao quociente que se obtêm dividindo a altura do eixo da máquina acima do solo pelo número que exprime a redução considerada, seja qual for a tiragem focal da máquina.

Com efeito, consideremos um corte feito por um plano vertical passando pelo eixo da máquina (fig. 2) e seja O a objectiva, HH' o

eixo da máquina, CC' a chapa fotográfica, SS' o solo e h a altura do eixo da máquina acima d'êste.

Se suposermos que do solo partem uma série de linhas verticais

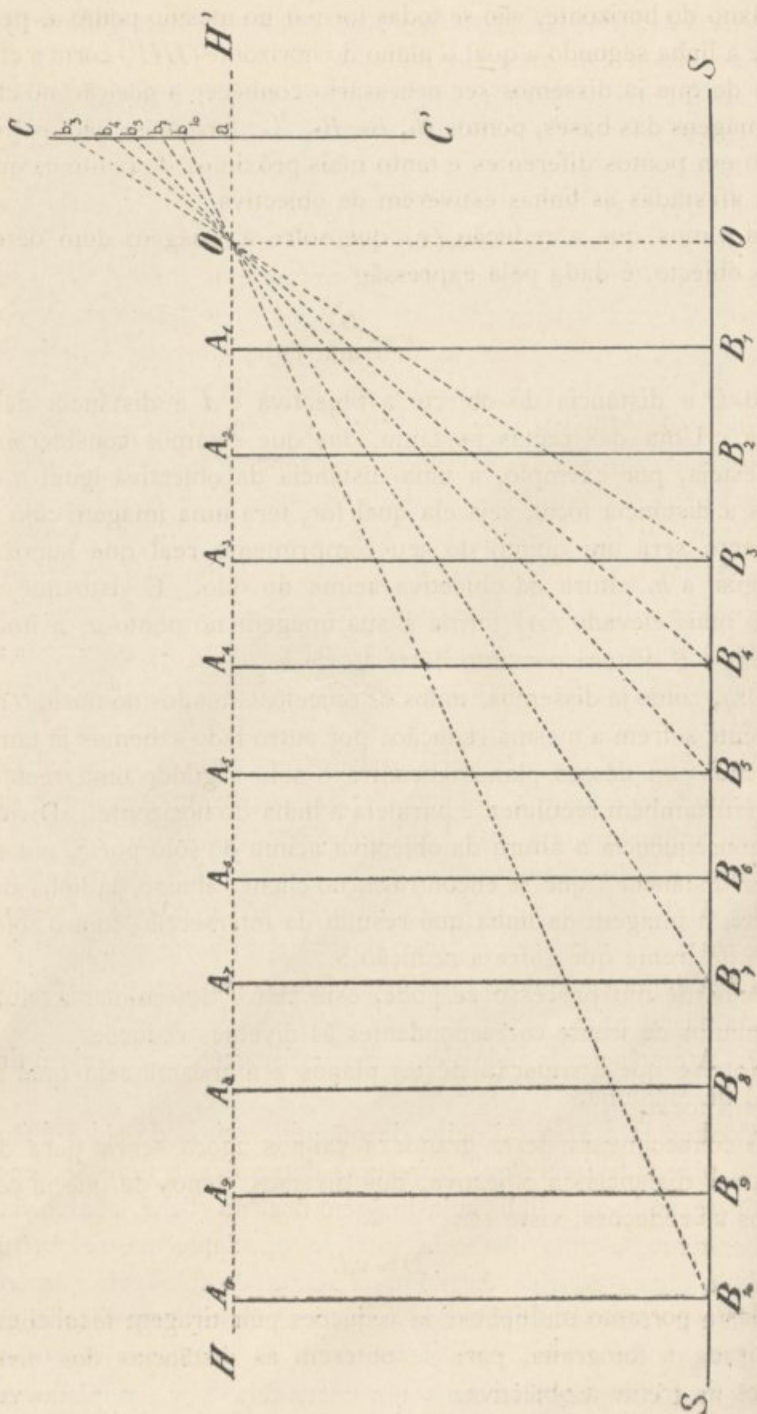


Fig. 2.

($A_1B_1, A_2B_2, A_3B_3, \dots$), situadas a diferentes distâncias da objectiva e tendo todas a mesma altura igual a h , altura da objectiva acima do solo, é claro que as imagens dos pontos A_1, A_2, A_3, \dots que existem no plano do horizonte, vão-se todas formar no mesmo ponto a , pertencente à linha segundo a qual o plano do horizonte (HH') corta a chapa, linha de que já dissemos ser necessário conhecer a posição no cliché. As imagens das bases, pontos B_1, B_2, B_3, \dots , formar-se hão, pelo contrário em pontos diferentes e tanto mais próximos do ponto a , quanto mais afastadas as linhas estiverem da objectiva.

Já vimos que a redução (r) que sofre a imagem dum determinado objecto, é dada pela expressão

$$r = \frac{D}{d}$$

sendo D a distância do objecto à objectiva e d a distância desta à chapa. Uma das rectas portanto, das que estamos considerando e que esteja, por exemplo, a uma distância da objectiva igual a cinco vezes a distância focal, seja ela qual for, terá uma imagem cujo comprimento será um quinto do seu comprimento real que supozemos ser igual a h , altura da objectiva acima do solo. E visto que o seu ponto mais elevado (A) forma a sua imagem no ponto a , a imagem do ponto B distará portanto dêsta $\frac{1}{5}$ de h .

Ora, como já dissemos, todos os objectos situados no mesmo plano de frente sofrem a mesma redução; por outro lado sabemos já também que cada um dêsses planos encontra o solo segundo uma recta cuja imagem também rectilínea é paralela à linha do horizonte. Dividindo por consequência a altura da objectiva acima do solo por 5, nós teríamos a distância a que se encontrará, no cliché, abaixo da linha do horizonte, a imagem da linha que resulta da intersecção com o solo, do plano de frente que sofre a redução 5.

Pelo mesmo processo se pode, está claro, determinar a situação dos planos de frente correspondentes às diversas reduções.

Note-se que a situação dêstes planos é a mesma seja qual for a tiragem focal.

O conhecimento desta grandeza vai-nos agora servir para determinar as distâncias à objectiva, dos diversos planos de que já conhecemos as reduções, visto ser

$$D = rd.$$

Basta portanto multiplicar as reduções pela tiragem focal com que foi tirada a fotografia, para se obterem as distâncias dos diversos planos de frente à objectiva.

Vê-se que é fácil, dada uma fotografia dum local tirada com o eixo

da máquina horizontal, e sendo o solo horizontal também, determinar as distâncias dos diversos planos de frente à objectiva e as correspondentes reduções, conquanto se conheça a *altura do eixo da máquina acima do solo, a situação da linha do horizonte no cliché e a distância da objectiva à chapa.*

Para maior comodidade, porém, para evitar ter que fazer para cada caso particular estas determinações que, embora simples, são delicadas, convém operar sempre nas mesmas condições, por forma a poder utilizar umas escalas de reduções e de distâncias préviamente estabelecidas e applicáveis a todos os casos.

Necessário se torna, portanto, fixar a altura a que deve estar o eixo da máquina acima do solo e a tiragem focal. Nas suas máquinas, BERTILLON coloca o eixo a 1^m,50 do solo. Esta altura, número decimal, o que simplifica os cálculos, aproxima-se bastante da altura média, acima do solo, dos olhos dum homem de pé. Os clichés obtidos nestas condições teem a vantagem de reproduzir o aspecto que teriam as cousas, para um observador que examinasse o local, do sitio onde está colocada a máquina fotográfica; é sabido que o facto de fazer variar a altura da linha do horizonte modifica consideravelmente o aspecto dos objectos fotografados.

Tornando constante a tiragem focal, que nas máquinas BERTILLON é sempre um número decimal (10, 15, 20 ou 25 centímetros), parece que seria impossivel focar estas máquinas, visto que, como é sabido, geralmente se foca estendendo ou encolhendo o fole, variando portanto, o comprimento da câmara. BERTILLON consegue, porém, êste resultado por outro processo, mudando de objectiva; teóricamente seria necessário um número infinito de lentes, na prática porém três objectivas chegam, uma calculada por forma a dar o máximo de nitidez a 1^m,50 da objectiva, a segunda a 3 metros e a terceira de 5 ou de 10 ao infinito.

E assim se conseguem fotografias, conhecendo a tiragem focal com que foram tiradas, sem ter necessidade de a medir directamente, o que, diga-se de passagem, nem sempre é fácil de fazer.

Para tornar mais económico o aparelho as três objectivas teem todas a mesma lente posterior; as três combinações obteem-se mudando apenas a lente da frente.

As objectivas a empregar, nesta ordem de trabalhos, devem evidentemente abranger um campo suficientemente grande para que se possam reproduzir superficies bastante extensas, mesmo quando se não possa recuar muito com o aparelho. Não convém, no entanto, que o seu ângulo seja muito superior a 90°, de contrário as perspectivas virão muito exageradas, as imagens mais ou menos deformadas e, conse-

qüentemente, falseado o aspecto dos objectos. E para estas investigações são evidentemente necessárias perspectivas muito correctas.

Estão nestas condições as objectivas das «trousses» especialmente construídas para a fotografia métrica pelos «Etablissements Lacour-Berthiot» segundo as indicações de ALPHONSE BERTILLON.

Para termos os elementos necessários para o cálculo das escalas de distâncias e reduções, precisamos ainda de conhecer a situação que na fotografia ocupa a linha do horizonte. BERTILLON imaginou uma disposição simplíssima para conseguir marcar automaticamente no próprio cliché a situação desta linha; adiante do vidro despolido existe um quadro de madeira tendo a meio de cada um dos seus lados uma pequena agulha metálica; colocado êste quadro na máquina, na posição devida, duas destas agulhas ficam horizontais e as outras duas verticais, passando está claro as horizontais a verticais e as verticais a horizontais, quando, em vez duma fotografia com a maior dimensão vertical, desejarmos obter uma fotografia oblonga e vice-versa.

A situação destas agulhas é tal que as duas horizontais existem sempre no plano horizontal que passa pelo eixo da máquina, isto é, no plano do horizonte (a recta que elas definem indica, portanto, a linha segundo a qual êste plano corta o vidro despolido ou a chapa sensível onde, devido à sua situação, as agulhas ficam marcadas), e as duas verticais existem sempre no plano vertical passando pelo eixo da máquina; a recta que elas definem é a vertical principal.

Conhecidas as constantes da máquina, podem estabelecer-se duma vez para sempre as escalas das distâncias e reduções, servindo para todos os clichés obtidos nas mesmas condições. Estas escalas desenham-se depois nos cartões destinados a colar as provas, dispondo-as por forma a constituir as partes laterais dum quadro que envolve a fotografia (fig. 3).

Nesta colagem devem fazer-se coincidir os traços escuros deixados pelas agulhas horizontais com o traço «Horizonte» do quadro.

É preciso ainda evitar que a prova estenda ao ser colada, o que evidentemente falsearia as medições que se fizessem; por isso se devem pôr completamente de parte as colas húmidas (amido, goma arábica, etc.), recorrendo apenas ao processo chamado «Collage a sec» que consiste em intercalar uma folha dum adesivo especial entre a fotografia e o seu suporte; uma pressão exercida a quente, em prensas especiais, determina a adesão da prova à lâmina de adesivo e desta ao cartão.

Posto isto vejamos agora, dada uma fotografia colada no competente cartão, quais são as determinações que se podem fazer.

Podem em primeiro lugar determinar-se as dimensões verticais

dos objectos que toquem o solo, multiplicando o comprimento da sua imagem expresso em milímetros (para isso servem as escalas milimétricas que cercam a fotografia) pelo coeficiente de redução correspondente ao plano de frente em que se encontra a dimensão considerada.

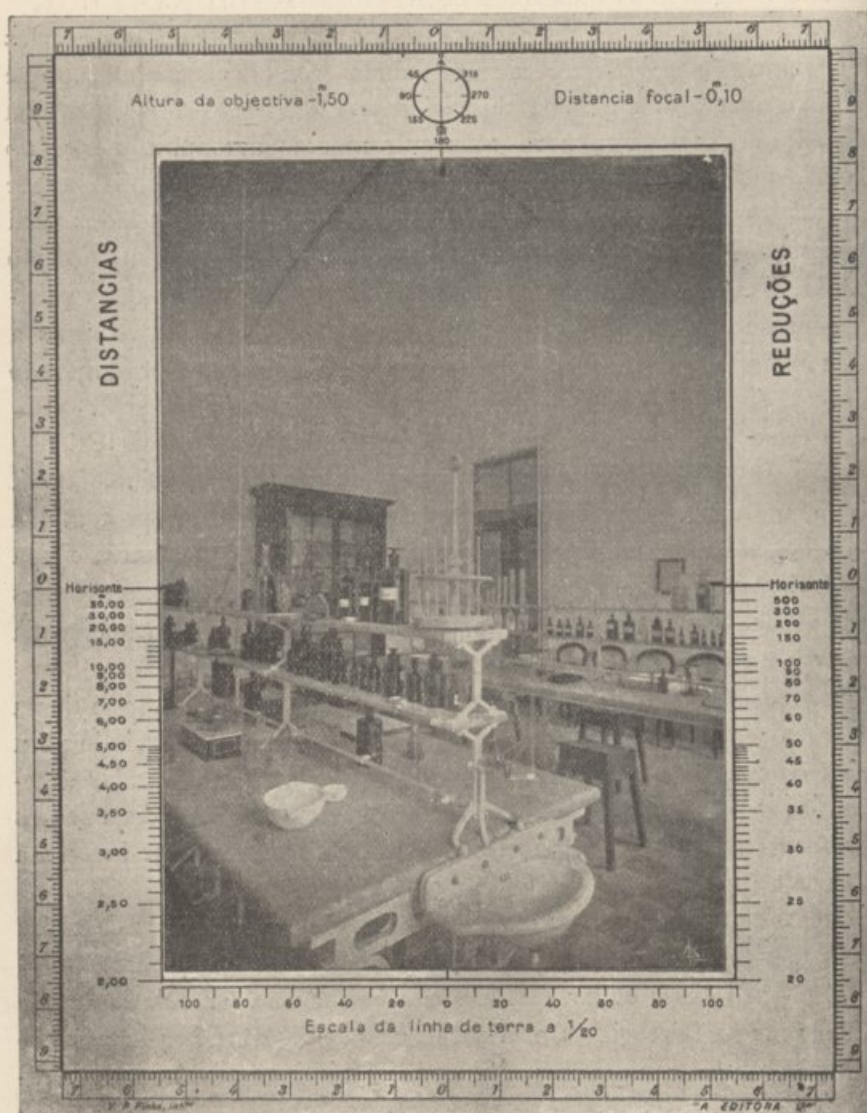


Fig. 3 (reduzida).

Este coeficiente determina-se muito facilmente, tirando pela base do objecto uma recta paralela à linha do horizonte e vendo o número que se encontra no ponto onde esta recta corta a escala das reduções.

Por exemplo, querendo determinar a altura da mesa para instrumentos de autópsia (A, fig. 4), tirando a recta acima indicada, vê-se

que ela vai encontrar a escala das reduções na divisão 42 e, multiplicando por êste número a sua altura na fotografia (23^{mm}), encontra-se $0^{\text{m}},86$. Note-se que para a paginação foi necessário reduzir a fotografia original.

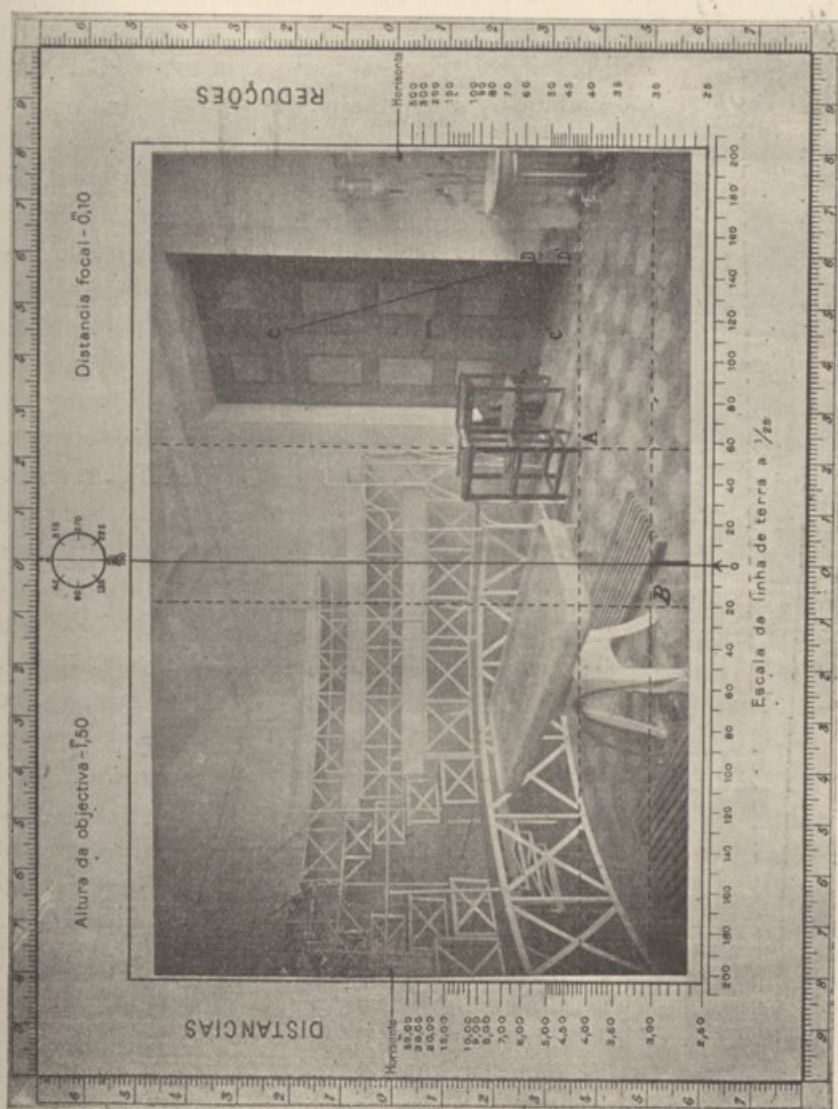


Fig. 4 (reduzida).

Da mesma forma se poderão determinar dimensões horizontais ou obliquas de qualquer objecto, conquanto essas existam em qualquer plano de frente e sejam portanto paralelas à superfície da chapa.

É condição indispensável para estas determinações que os objectos considerados toquem no solo, porque doutra forma não será possível

averiguar o plano de frente em que se encontra a dimensão considerada. Por isso, dos objectos suspensos, não será em geral possível averiguar as dimensões.

B *B'*

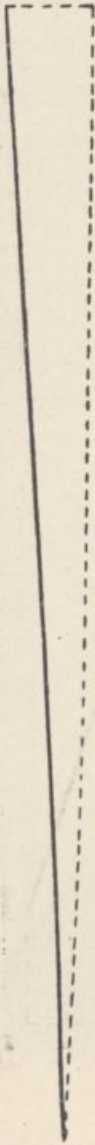


Fig. 5.

Distâncias à objectiva, só se poderão determinar directamente, por simples leitura de escala correspondente, as das partes dos objectos que passem pela vertical principal. E, está claro, nem todos os objectos são cortados por esta linha.

A distância que separa dois pontos do solo, um do outro, só se pode avaliar directamente em dois casos: ou quando esses dois pontos pertencerem ao mesmo plano de frente ou quando se encontrem ambos na vertical principal, porque então bastará saber a distância de cada um deles à objectiva para calcular depois por diferença a distância dum ao outro.

Para fazer outras determinações de distâncias e reduções, é necessário fazer umas construções geométricas muito simples no género das que vão em seguida indicadas:

1.º Determinação da distância dum ponto qualquer do solo à projecção da objectiva sôbre o mesmo solo. Seja o ponto *B* da fig. 4. O plano de frente em que existe este ponto dista 3 metros da objectiva. Figüremos essa distância numa escala qualquer, $\frac{1}{20}$ por exemplo (fig. 5). Levante-se pelo ponto *B'* uma perpendicular; é nesta linha que se deve encontrar o ponto *B*. Ora este ponto dista, na fotografia, 8^{mm} da vertical principal que, multiplicados pelo coeficiente de redução correspondente (30), dão $0^{\text{m}},24$, distância real do objecto ao plano da vertical principal, distância que, reduzida à escala combinada equivale a 12^{mm} . Marque-se esta distância a partir de *B'* e tire-se a recta *OB*; esta recta medida em milímetros e multiplicando o seu comprimento por 20, dá a distância procurada ($3^{\text{m}},01$).

2.º Determinação da distância de dois pontos do solo um ao outro. Pontos *A* e *B* da fig. 4. O primeiro está no plano de frente que dista $4^{\text{m}},20$ da objectiva, e o segundo no que dista 3. É portanto de $1^{\text{m}},20$ a distância dos dois planos entre si. Desenhe-se esta distância numa escala qualquer, $\frac{1}{20}$ (fig. 6). Marque-se no desenho a distância dos dois pontos à vertical principal que já sabemos cal-

cular, tire-se a linha AB cujo comprimento multiplicado por 20 dará a distância exacta dos dois pontos ($1^m,70$).

3.º Determinação da distância entre dois pontos situados nas paredes; C e D da fig. 4. Em primeiro lugar determina-se a distância entre os pontos C' e D' do solo, pelo processo já nosso conhecido,

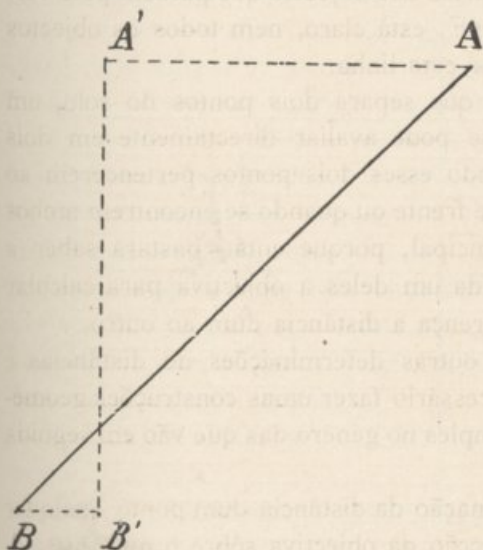


Fig. 6.

que vem a ser de $0^m,76$. Numa escala qualquer ($1/20$) toma-se sobre uma recta um comprimento proporcional a esta distância ($C'D'$, fig. 7). Levantem-se pelos pontos C' e D' duas perpendiculares. Tome-se na primeira um comprimento CC' , correspondente à altura real CC' da fotografia reduzida à escala convencionada. Faça-se o mesmo em relação a DD' . Una-se o ponto D com C , meça-se o comprimento DC que, multiplicado por 20, dará a distância real dos dois pontos considerados, $2^m,44$.

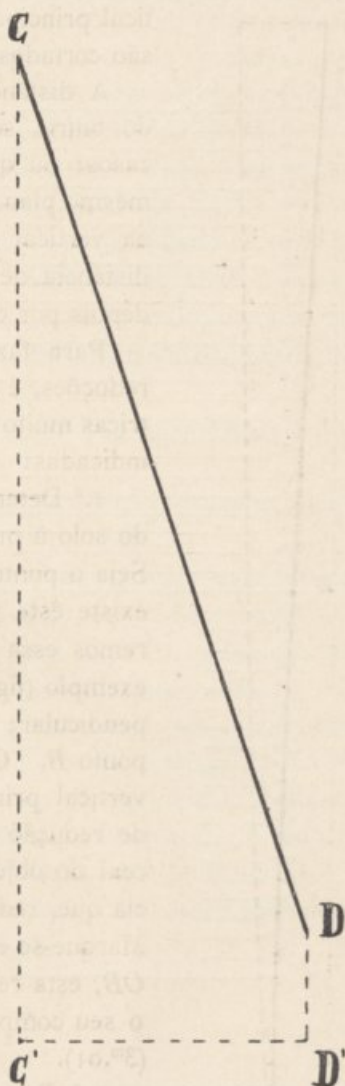


Fig. 7.

A possibilidade de determinar, a custa duma fotografia, as distâncias dos diversos pontos do solo uns aos outros, permite evidentemente levantar uma planta, em qualquer escala, do local fotografado, planta que pode ser levantada quando se demonstre a sua necessidade, passado muito tempo sobre o facto, quando já não exista, no local, qualquer vestígio.

Para a construção da planta à custa duma fotografia recomenda BERTILLON o seguinte método:

Traçam-se num papel (fig. 8) uma série de paralelas distantes umas das outras do valor da tiragem focal, ou seja 10 centímetros no nosso caso, reduzida à escala escolhida ($1/20$ por exemplo). Cada intervalo será portanto neste caso de 5 milímetros. Estas rectas serão

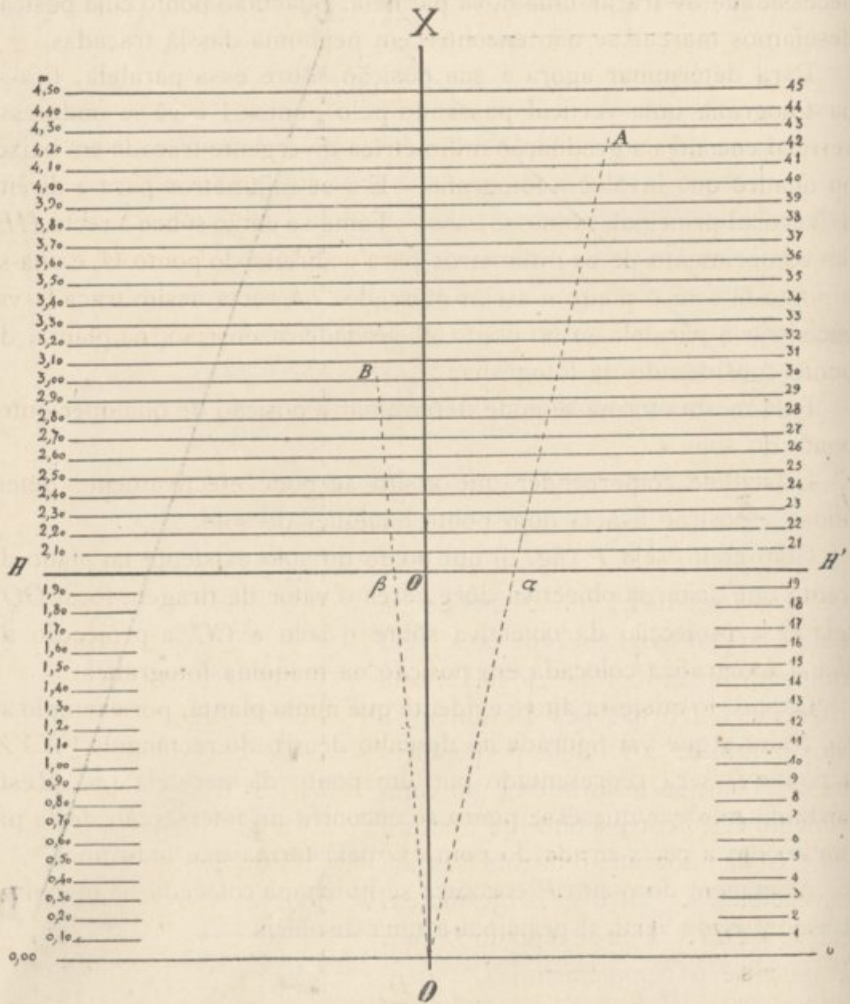


Fig. 8 (reduzida).

numeradas como vai indicado no desenho. Os números da direita correspondem evidentemente aos da escala de reduções traçado à direita da fotografia e os da esquerda aos da escala de distâncias.

Sobre a primeira destas rectas marque-se um ponto O que representa a projecção sobre o solo, da objectiva e levante-se por este ponto uma perpendicular OX que representará a projecção do eixo da máquina, sobre o solo. Neste eixo tome-se um comprimento OO' igual

à tiragem focal e trace-se por este ponto uma recta HH' paralela às outras já traçadas.

Para achar a posição do ponto A do solo (fig. 4), procura-se primeiro onde a transversal passando por este ponto encontra a escala de reduções e vê-se que é na divisão 42, o que quer dizer que o ponto se deve encontrar na paralela 42 desenhada no papel. Poderá haver necessidade de traçar uma nova paralela, quando o ponto cuja posição desejamos marcar se não encontrar em nenhuma das já traçadas.

Para determinar agora a sua posição sobre essa paralela, tira-se na fotografia uma vertical passando pelo ponto A e vê-se onde essa vertical encontra a gradação milimétrica divergente traçada em baixo, no quadro que envolve a fotografia. É a 22 milímetros para a direita da vertical principal, no nosso caso. Tome-se então sobre a recta HH' um comprimento de 22 milímetros para a direita do ponto O' e una-se o ponto O com o ponto a assim marcado. A recta assim traçada vai encontrar a paralela 42 no ponto A , verdadeira posição, na planta, do ponto considerado da fotografia.

Pela mesma forma se pode determinar a posição de qualquer outro ponto do solo.

É fácil de compreender que assim se pode efectivamente determinar a posição exacta dum ponto qualquer do solo.

Com efeito seja P (fig. 9) um ponto do solo existente no plano de frente que dista da objectiva dôze vezes o valor da tiragem focal OO' ; seja O a projecção da objectiva sobre o solo e CC' a projecção da chapa fotográfica colocada em posição na máquina fotográfica.

Depois do que está dito é evidente que numa planta, por exemplo ao $\frac{1}{5}$, como a que vai figurada no desenho dentro do rectângulo $VXYZ$, o ponto P será representado por um ponto da paralela 12. Resta portanto mostrar que esse ponto se encontra na intersecção desta paralela com a recta tirada do ponto O pela forma que indicamos.

A imagem do ponto P encontra-se na chapa colocada na máquina, à esquerda da vertical principal a uma distância

$$d = \frac{D}{12},$$

sendo D a distância do ponto P do solo, para a direita do plano vertical que passa pelo eixo da máquina. Poderíamos determinar geometricamente a posição desta imagem traçando a recta PO e prolongando-a até encontrar o plano da chapa.

É claro que esta recta cortaria a paralela HH' situada a uma distância da objectiva igual à tiragem focal, num ponto p'' distando tanto para a direita da linha OX quanto o ponto p' dista para a esquerda

da mesma linha. É esta a posição que a imagem do ponto P occuparia numa prova.

A recta, portanto, tirada do ponto O para o ponto p'' , separado

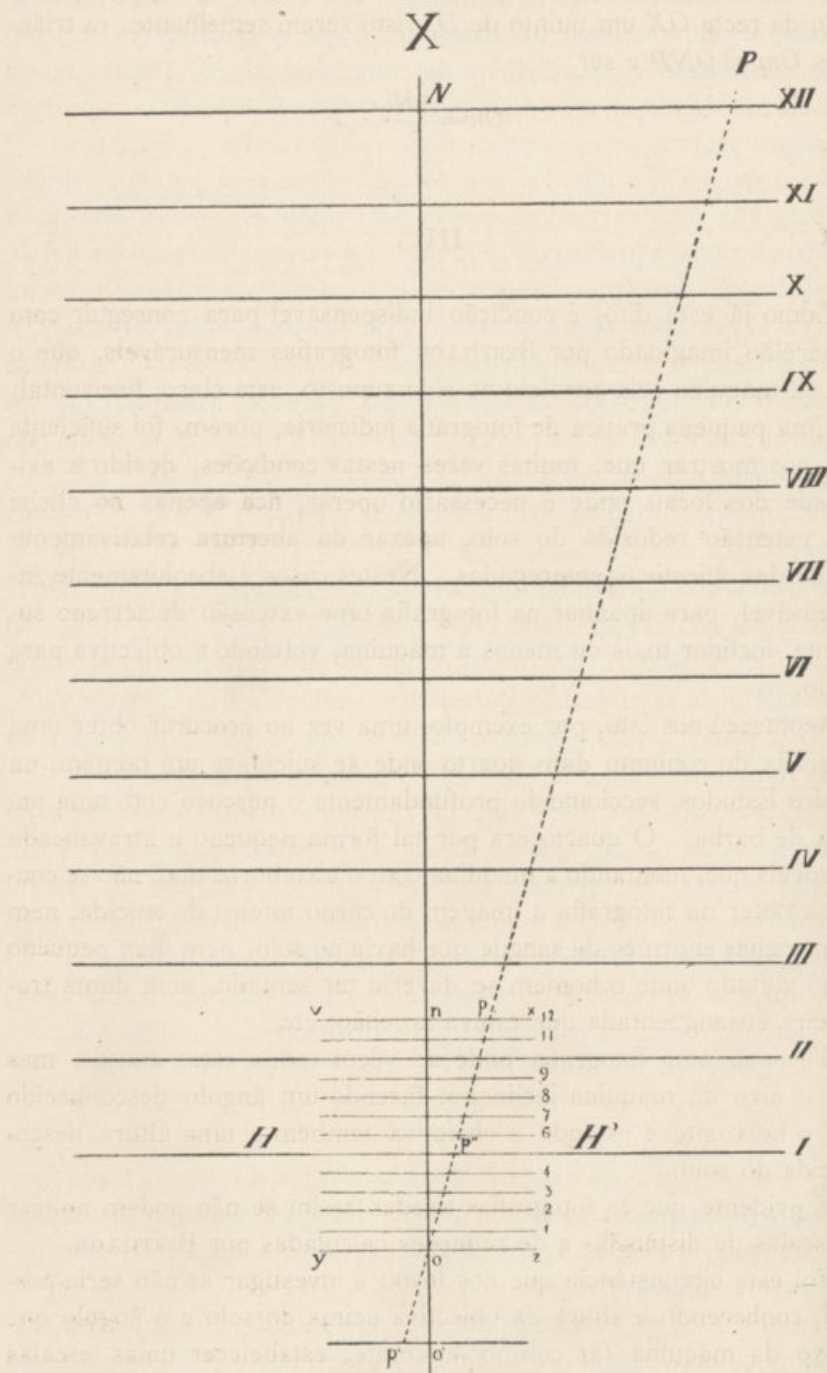


Fig. 9.

da vertical principal por tantos milímetros quantos iam da imagem do ponto P , na prova, à vertical principal, irá passar pelo ponto P do solo.

Esta recta corta a paralela 12 traçada no papel, num ponto p distando da recta OX um quinto de D , visto serem semelhantes os triângulos Onp e ONP e ser

$$On = \frac{ON}{5}.$$

III

Como já está dito, é condição indispensável para conseguir com o aparelho imaginado por BERTILLON fotografias mensuráveis, que o eixo da máquina seja paralelo ao solo suposto, está claro, horizontal.

Uma pequena prática de fotografia judiciária, porém, foi suficiente para nos mostrar que, muitas vezes nestas condições, devido à exiguidade dos locais onde é necessário operar, fica apenas no cliché uma extensão reduzida do solo, apesar da abertura relativamente grande das objectivas empregadas. Nestes casos é absolutamente indispensável, para apanhar na fotografia uma extensão de terreno suficiente, inclinar mais ou menos a máquina, voltando a objectiva para o solo.

Aconteceu-nos isto, por exemplo, uma vez ao procurar obter uma fotografia do conjunto dum quarto onde se suicidara um homem, na rua dos Estudos, seccionando profundamente o pescoço com uma navalha de barba. O quarto era por tal forma pequeno e atravancado de móveis que, montando a máquina com o eixo horizontal, não se conseguia obter na fotografia a imagem do corpo inteiro do suicida, nem das manchas enormes de sangue que havia no solo, nem dum pequeno banco voltado onde o homem se deveria ter sentado, nem duma travesseira ensanguentada que estava no chão, etc.

Tirou-se uma fotografia onde se vêem todas estas cousas, mas com o eixo da máquina inclinado, fazendo um ângulo desconhecido com o horizonte e estando a objectiva também a uma altura desconhecida do solo.

É evidente que às fotografias tiradas assim se não podem aplicar as escalas de distâncias e de reduções calculadas por BERTILLON.

Foi esta circunstância que nos levou a investigar se não seria possível, conhecendo a altura da objectiva acima do solo e o ângulo que o eixo da máquina faz com o horizonte, estabelecer umas escalas novas de distâncias e reduções applicáveis nestes casos.

A questão é, está claro, muito mais complicada do que na hipótese de ser o eixo paralelo ao solo.

As escalas que estabeleci dão as distâncias por leitura directa como as de BERTILLON. As dimensões dos objectos fotografados só se obtêm multiplicando as dimensões das suas imagens pelo coeficiente de redução marcado na escala, em certos casos particulares; nos outros é, porém, apenas necessário fazer, além da multiplicação, uma construção geométrica muito simples.

O problema foi portanto resolvido por uma forma singela, não exigindo a aplicação do método conhecimentos mesmo elementares de álgebra ou de trigonometria, condição evidentemente indispensável para que possa ser utilizado na prática.

Os resultados da doutrina que em seguida vai ser exposta foram todos verificados experimentalmente, fotografando com diversas inclinações do eixo da máquina uma sala, em cujo pavimento estavam traçadas linhas rectas a distâncias conhecidas da projecção da objectiva sobre o solo e onde existiam colocadas verticalmente a distâncias conhecidas também da máquina, tiras de papel de comprimentos conhecidos e divididas em decímetros por traços negros.

A construção destas novas escalas implica também o conhecimento dum certo número de constantes do aparelho fotográfico empregado. É necessário saber:

1.º A altura da objectiva acima do solo. Da mesma forma que BERTILLON adoptei $1^m,50$.

2.º A tiragem focal que é variável, como está dito, de câmara para câmara. Na máquina Bertillon de que me servi, pertencente ao Instituto de Medicina Legal de Coimbra, essa tiragem era de 10 centímetros.

3.º O ângulo que faz o eixo da máquina com o plano do horizonte. Os ângulos para que calculei as escalas foram três: de 30° , de 45° e de 60° . Escolhi estes três ângulos por serem todos fáceis de construir por processos geométricos.

4.º A linha horizontal segundo a qual a superfície da chapa é cortada pelo *plano do eixo*, isto é, por um plano passando pelo eixo da máquina e orientado por forma que as perpendiculares ao eixo, existentes neste plano, sejam paralelas ao solo. Este plano coincidia com o plano do horizonte quando o eixo era horizontal, agora faz com o horizonte um ângulo maior ou menor conforme a inclinação do eixo da máquina.

São as agulhas horizontais existentes adiante do vidro despolido que nos dão a posição desta linha. As agulhas verticais continuam a indicar-nos o plano da vertical principal.

Posto isto, vejamos primeiro a questão das distâncias.

O facto de inclinar o eixo da máquina de 30° , por exemplo, em relação ao plano do horizonte, mantendo a objectiva à mesma altura

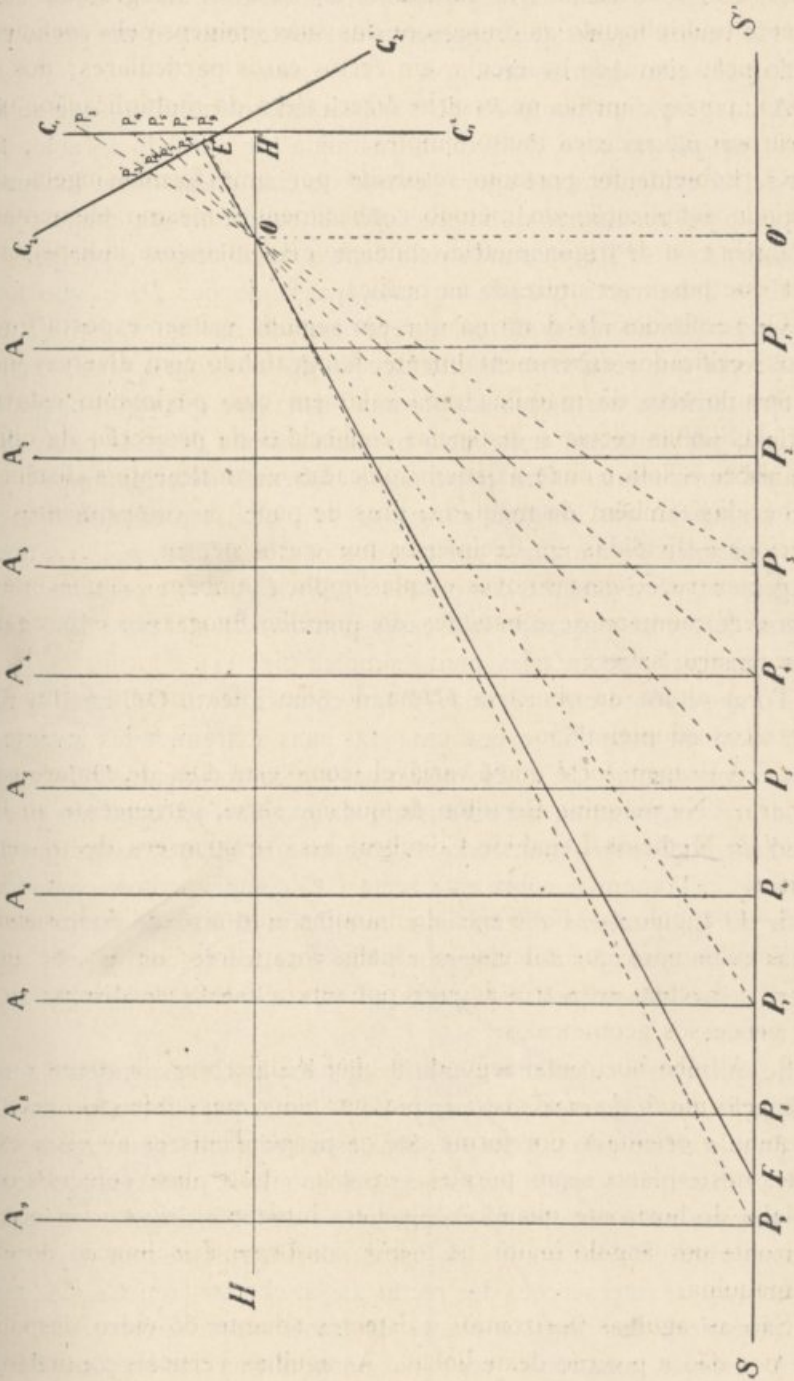


Fig. 10

acima do solo, equivale evidentemente a fazer executar à máquina um movimento de rotação de 30° em tórno dum eixo horizontal passando pelo meio da objectiva. O eixo passará da posição HH' para a posição EE' e a chapa da posição C_1C_1' para a posição C_2C_2' como se pode ver na fig. 10 que representa um corte feito por um plano passando pelo eixo da máquina.

A imagem dum ponto P_3 do solo, situado neste plano que se formaria em p_3 , no caso do eixo da máquina ser paralelo ao solo, formar-se há evidentemente agora, estando o eixo da máquina inclinado, no ponto p_3' resultante da intersecção da superficie da chapa com a recta tirada de P_3 e passando pelo centro da objectiva e por p_3 .

Uma linha recta traçada no solo, passando por P_3 e que fosse perpendicular ao plano do corte representado na figura, isto é, uma linha recta que resultasse da intersecção do solo com o plano vertical P_3 terá também neste caso, da mesma forma que quando a chapa era vertical, por imagem, uma recta paralela à linha definida pelas duas agulhas horizontais. Ora como nós já sabemos determinar pelo cálculo a situação das imagens p_3, p_4, p_5, \dots , etc., temos uma maneira muito simples de marcar a posição dos pontos p_3', p_4', p_5', \dots , novas imagens respectivamente dos pontos P_3, P_4, P_5, \dots , e portanto a dos planos de frente passando por esses pontos. Basta para isso fazer uma construção geométrica muito simples (fig. 11).

Tome-se sôbre uma recta HH' um comprimento OC igual à tiragem focal da máquina e por uma das suas extremidades levante-se uma perpendicular CC' . No nosso caso o comprimento OC deveria ser de 10 centímetros, a necessidade da paginação forçou-nos porém a reduzir o desenho, mantendo no entanto, está claro, as proporções relativas. Tomem-se sôbre esta recta CC' comprimentos, contados a partir de C , iguais às distâncias a que ficam abaixo do horizonte as linhas de intersecção dos diversos planos de frente com o solo, quer dizer, reproduza-se por esta recta adiante a escala de distâncias de BERTILLON.

Se quizermos calcular a escala de distâncias correspondente a uma inclinação de 30° , trace-se a partir de O uma recta fazendo com OC um ângulo dêste valor, tome-se sôbre esta recta um comprimento OE igual à distância focal e levante-se pelo ponto E uma perpendicular que figura a nova posição da chapa depois de ter inclinado a máquina. Una-se cada um dos pontos da escala de BERTILLON com o ponto O (objectiva); as intersecções das rectas assim obtidas com $C_{30} C_{30}'$ marcam a posição dos diversos planos de frente nesta hipótese.

A mesma construção repetida para outras inclinações dá da mesma forma a respectiva escala de distâncias. Na fig. 11 estão

simultâneamente figuradas as posições das chapas e marcada a situação dos pontos principais destas escalas, para as três inclinações do eixo da máquina de 30° , 45° e 60° .

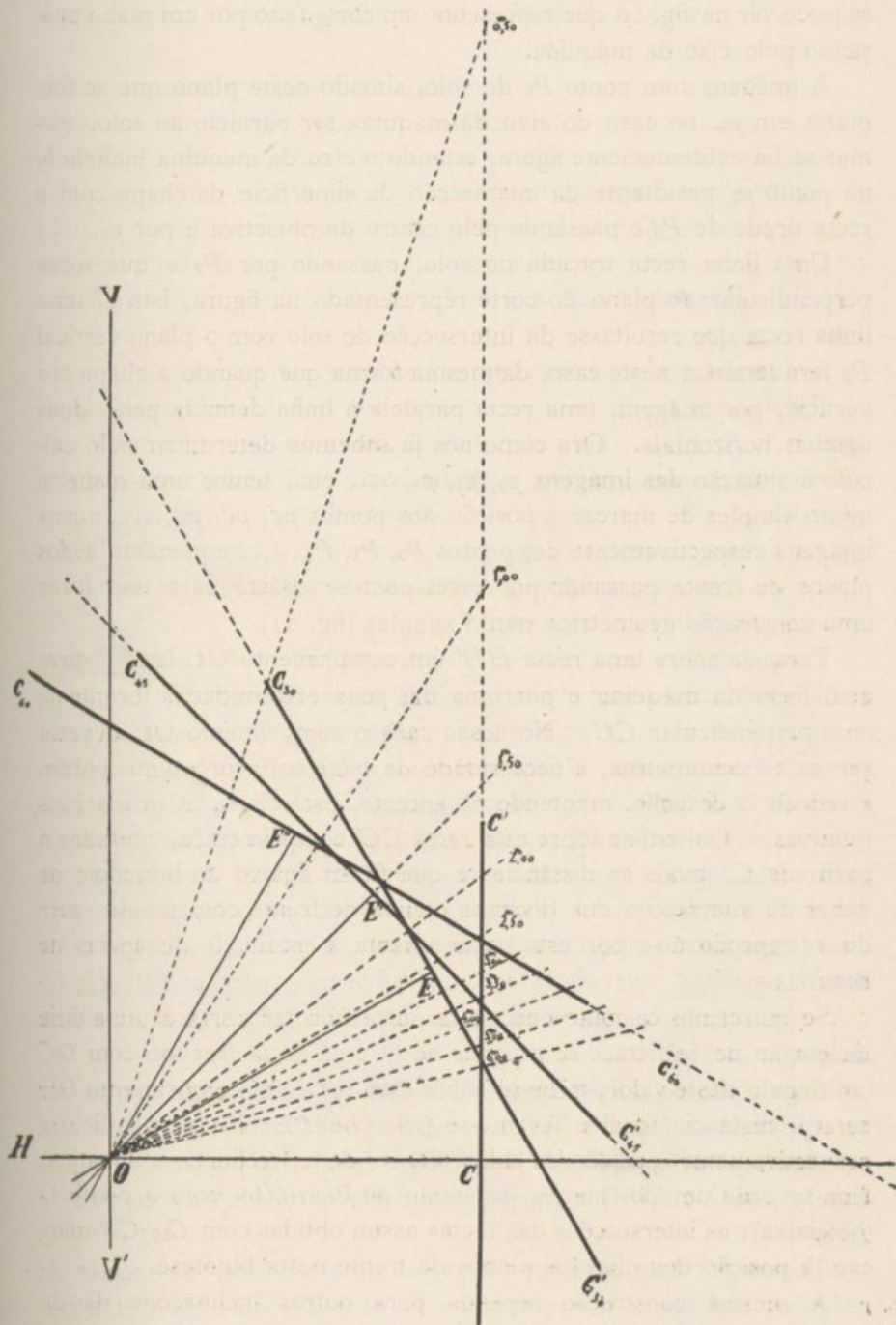


Fig. 11 (reduzida).

Como se pode ver no exame da figura, uma chapa de 18 centímetros de comprimento (chapa 13×18 colocada ao alto na máquina) inclinada de 30° é cortada pelo plano do horizonte HH . Uma chapa das mesmas dimensões inclinada de 45° ou 60° , já não é cortada por este plano. No caso da inclinação de 60° , porém, a chapa é cortada em V pela vertical baixada da objectiva.

Desenhando as escalas de distâncias assim construídas num cartão onde se colem as provas fotográficas, fazendo coincidir o traço negro deixado no cliché pelas agulhas horizontais com o ponto E marcado na escala e que corresponde à linha segundo a qual o plano do eixo corta o cliché, podemos da mesma forma que no caso de ser a chapa vertical, determinar por leitura directa das escalas, as distâncias dos diversos planos de frente a objectiva e, por diferença, as distâncias duns aos outros.

A questão das reduções é um pouco mais complicada.

Para a estudarmos, vamos começar por considerar uma série de planos I_1, I_2, I_3, \dots (fig. 12) perpendiculares ao eixo da máquina inclinada, fazendo um ângulo qualquer com o horizonte, e distando da objectiva 1, 2, 3, 4 vezes, etc., o valor da distância focal.

As linhas existentes nestes planos paralelos à chapa e inclinados em relação ao solo, seriam evidentemente reproduzidas na fotografia com as reduções 1, 2, 3, 4, etc.

Para podermos estabelecer, porém, uma tabela de reduções para as linhas situadas nestes planos, era indispensável saber onde, no cliché, se formariam as imagens das linhas segundo as quais estes diversos planos cortam o solo. É fácil vêr que a linha segundo a qual o plano que sofre a redução 3, por exemplo, corta o solo, formará a sua imagem, na chapa inclinada, segundo uma linha que se pode determinar, num corte como o que está representado na figura, levantando uma perpendicular pelo ponto da chapa vertical onde se formaria a imagem da intersecção do solo com o plano vertical, paralelo à chapa nesta segunda posição, que distasse da objectiva três vezes a distância focal, e marcando o ponto onde esta perpendicular corta a superfície da chapa inclinada.

Com efeito os dois triângulos V_3OI_3 e v_3Oi_3 são semelhantes por serem iguais os ângulos V_3OI_3 e v_3Oi_3 e os lados V_3O e I_3O serem respectivamente o triplo dos lados v_3O e i_3O . São portanto iguais os ângulos i_3v_3O e I_3V_3O e consequentemente paralelos às rectas i_3v_3 e I_3V_3 .

Temos portanto aqui uma maneira de estabelecer as escalas de reduções análoga à que empregamos para a escala de distâncias. Tome-se sobre uma recta um comprimento OC igual à distância fo-

cal; levante-se pelo ponto *C* uma perpendicular ao longo da qual se desenha, a partir de *C*, a escala de reduções de BERTILLON; levantem-se pelos diversos pontos dessa escala perpendiculares; os pontos

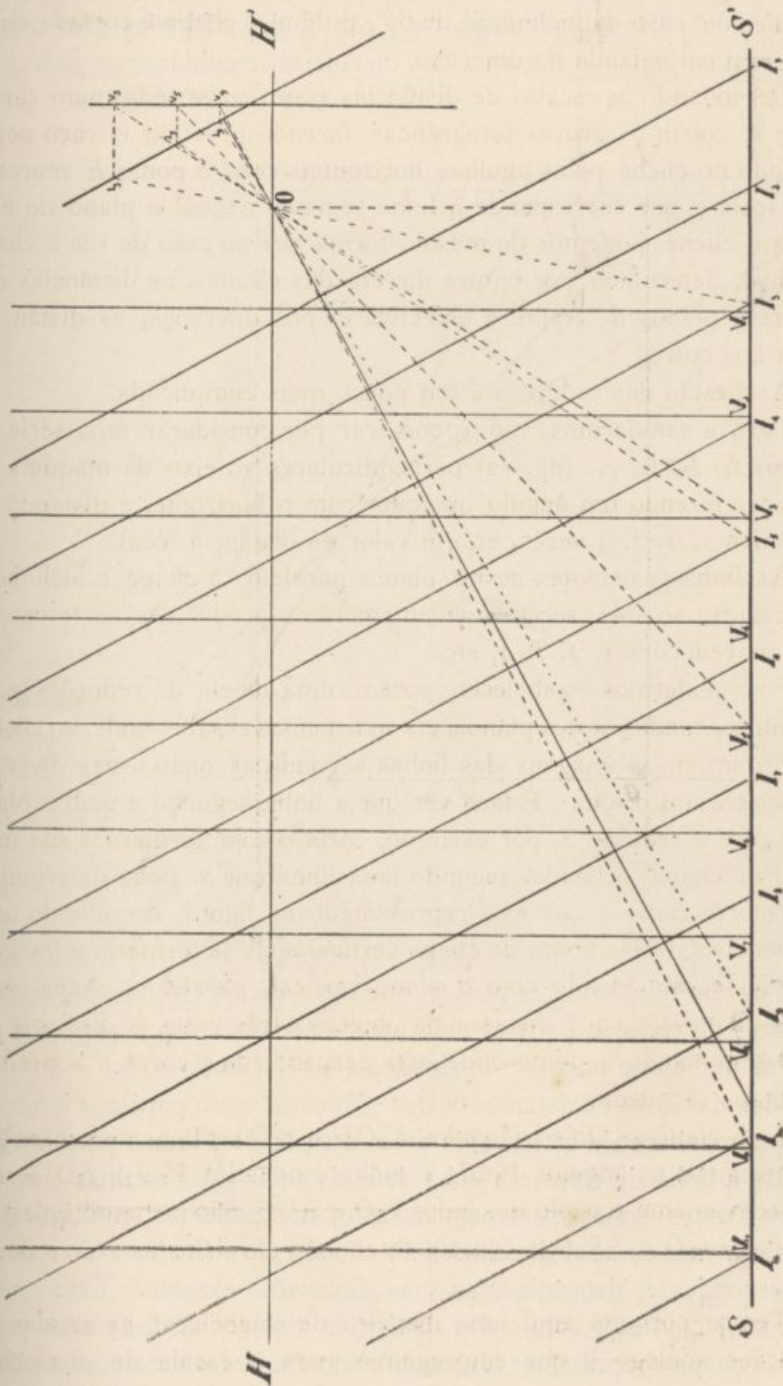


Fig 12.

onde essas perpendiculares cortam as chapas colocadas em diversas inclinações são as divisões das novas escalas. Veja-se a fig. 13 onde se representa esta operação feita simultâneamente para as três inclinações que temos considerado.

Temos portanto calculado uma escala de reduções com a qual poderemos, juntamente com a das distâncias, emoldurar as provas fotográficas.

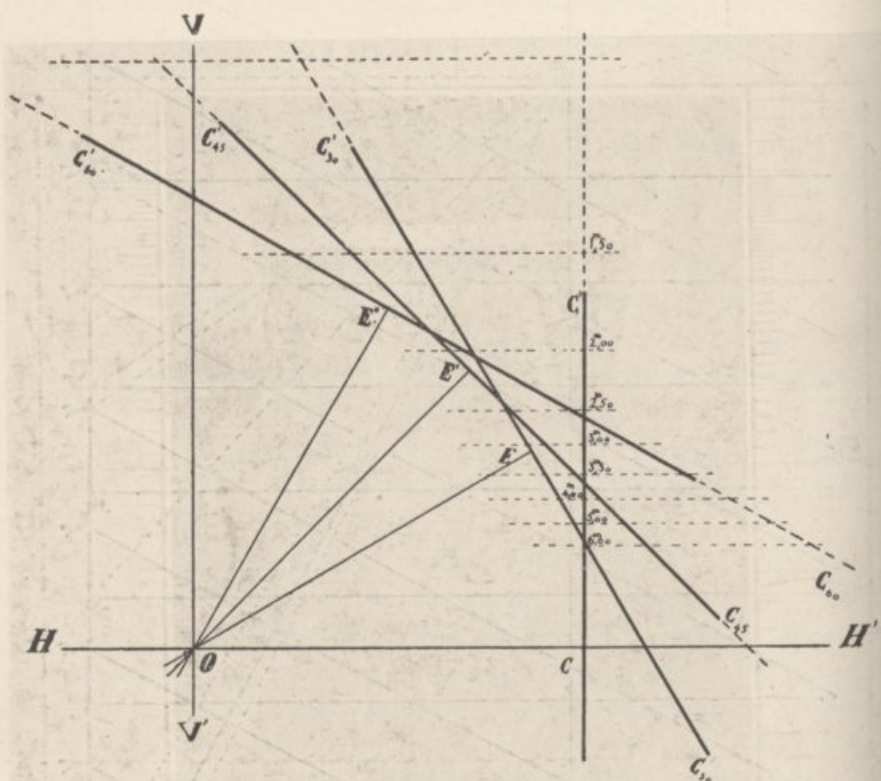


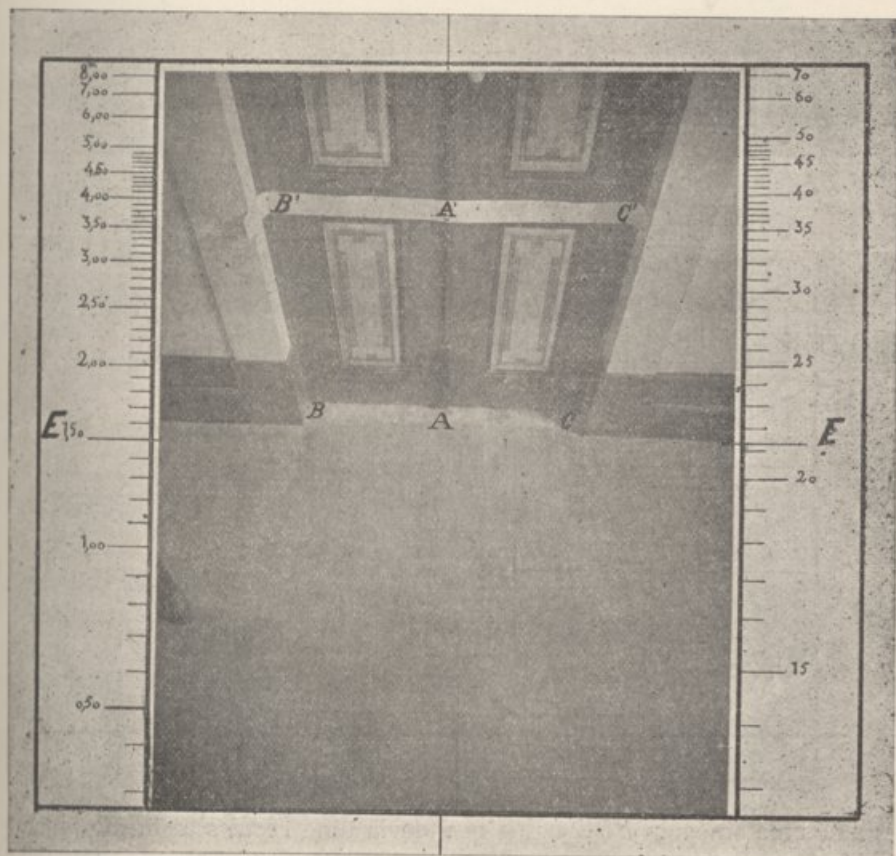
Fig. 13 (reduzida).

Convém não esquecer porém, que estas escalas só nos dão os coeficientes de redução para os objectos situados nos diversos planos paralelos à chapa e portanto inclinados em relação ao solo.

Mas das linhas existentes nestes planos só tem para nós interesse as que resultam da intersecção dêles com o solo, linhas portanto paralelas à linha de terra e à linha definida pelas duas agulhas horizontais. Destas linhas existentes no solo, nós podemos, multiplicando simplesmente as suas dimensões no cliché pelo coeficiente de redução correspondente, determinar as suas dimensões exactas. Êste conhecimento juntamente com o das distâncias à objectiva dos planos paralelos à chapa, permite-nos levantar, como em breve veremos, a planta do local fotografado.

Além das linhas situadas no solo há outras cujas dimensões muito nos importa conhecer, são as linhas verticais, perpendiculares ao solo.

Ora estas linhas não são paralelas à chapa colocada obliquamente na máquina; a sua base no solo fica mais afastada do que a sua extremidade superior; as suas diversas partes, portanto, não sofrem todas a mesma redução; as partes junto do solo são mais reduzidas do que as outras.



Inclinação do eixo da máquina — 45°

Fig. 14 (reduzida).

Este facto complica um pouco a determinação das dimensões verticais dos objectos fotografados com a máquina inclinada. No entanto é possível fazer esta determinação recorrendo ao artifício que vamos indicar.

É preciso distinguir duas hipóteses: ou a dimensão a medir existe no plano vertical passando pelo eixo da máquina ou não.

No primeiro caso, a imagem duma linha recta perpendicular ao solo será uma linha recta coincidindo com a linha marcada pelas duas

agulhas verticais (fig. 14, AA') e portanto perpendicular à linha definida pelas agulhas horizontais.

No segundo caso, a imagem duma recta perpendicular ao solo é uma recta oblíqua cuja base está mais próxima da linha média da chapa do que a sua extremidade superior (B, B').

Vejamos o primeiro caso.

Uma recta $A'B$ perpendicular ao solo (fig. 15) dará na chapa incli-

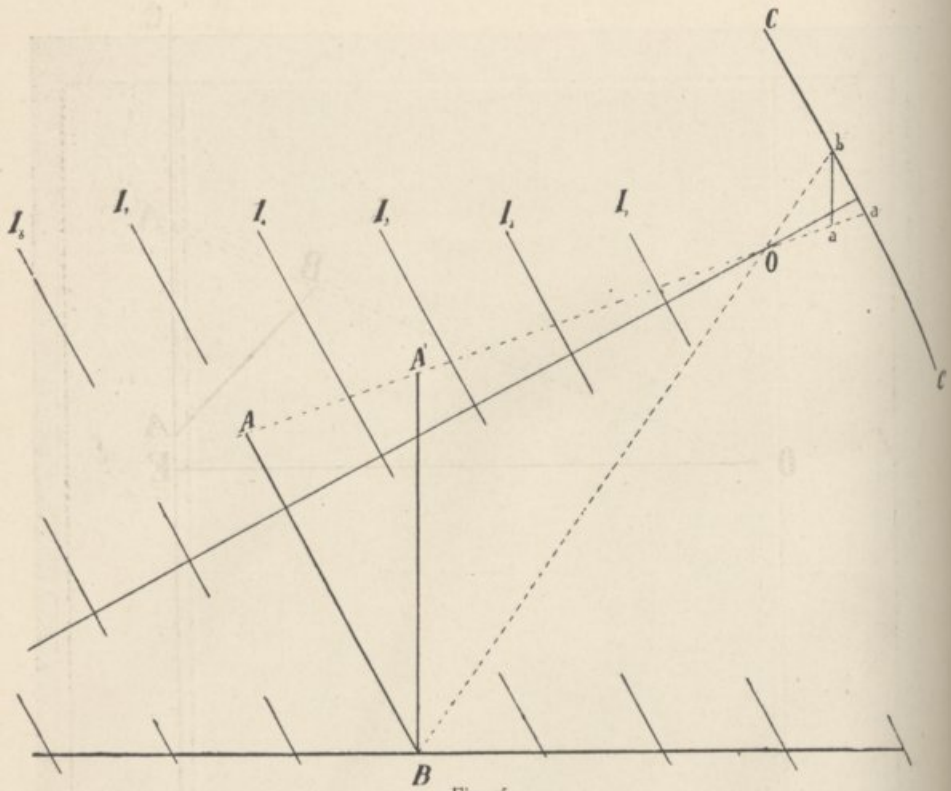


Fig. 15.

nada uma imagem $a'b$ igual à que daria uma recta situada no plano paralelo à chapa, passando por B e cujas dimensões fossem AB .

Suponhamos que o plano onde existe a recta AB dista da objectiva 5 vezes a distância focal. A imagem $a'b$ será um quinto de AB .

Se nós pelo ponto b tirarmos uma recta ab paralela a $A'B$, isto é, fazendo com a chapa CC um ângulo igual ao ângulo de inclinação do eixo da máquina, é claro que se for

$$a'b = \frac{1}{5} AB$$

será também

$$ab = \frac{1}{5} A'B$$

visto serem semelhantes os triângulos ABA' e $a'ba$.

Desta demonstração que se poderia repetir para qualquer outra recta perpendicular ao solo, fossem quais fossem as suas dimensões e a sua distância à objectiva, deduz-se uma regra fácil para a determinação das dimensões das linhas perpendiculares ao solo situadas no plano vertical passando pelo eixo.

Suponhamos, por exemplo, que queríamos determinar o comprimento da parte do batente da porta que fica abaixo da tira de papel

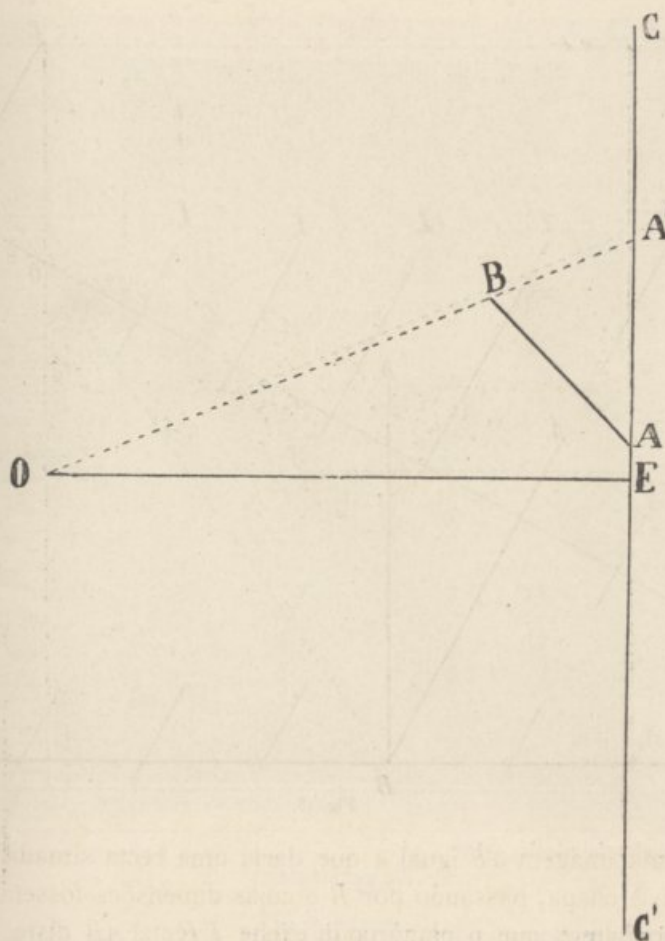
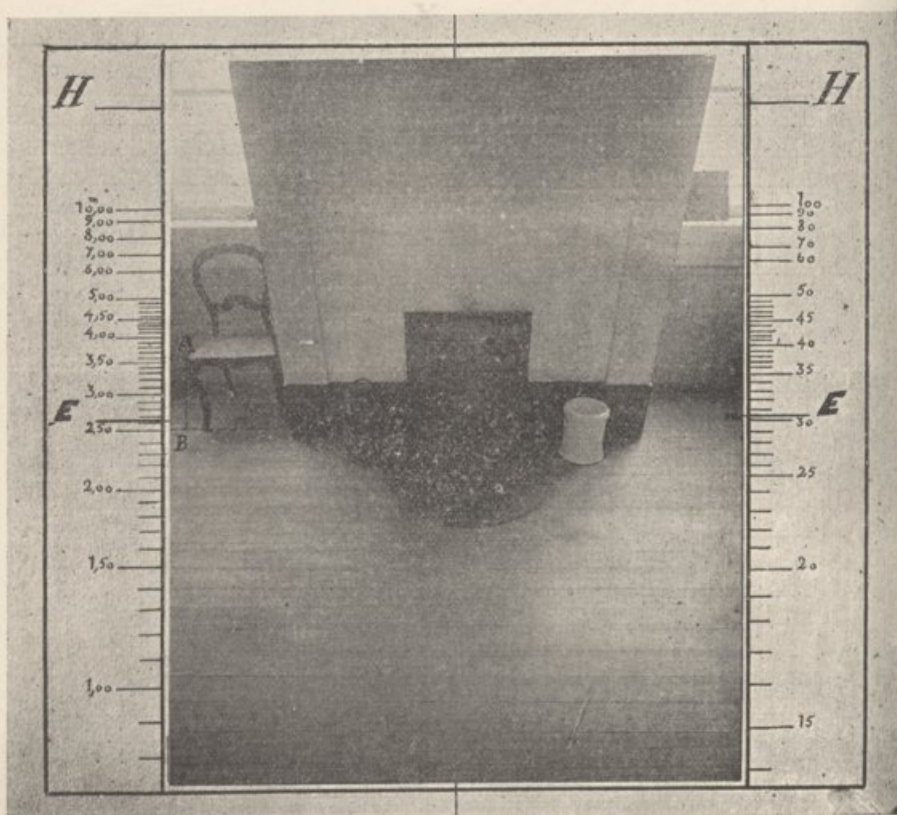


Fig. 16 (reduzida).

na fig. 14. Trace-se num papel (fig. 16) uma recta CC' e levante-se por um ponto qualquer E uma perpendicular, marque-se sôbre esta perpendicular um comprimento OE igual à distância focal (10 cm.); tome-se a partir do ponto E um comprimento EA igual à distância que vai, na fotografia, do ponto A à linha EE (6^{mm}) e tome-se também a partir dêste ponto E do desenho um comprimento EA' igual à distância que, na fotografia, vai da linha EE ao ponto mais elevado (A') da dimensão que queremos medir. Una-se o ponto A' do desenho

com o ponto O e trace-se, a partir de A , uma recta fazendo com CC' um ângulo igual ao ângulo de inclinação do eixo da máquina quando foi tirada a fotografia (45°). O comprimento AB expresso em milímetros multiplicado pelo coeficiente de redução correspondente à base do objecto (23). dará a altura exacta do objecto fotografado ($0^m,182$).

No exemplo que figuramos, as duas dimensões EA e EA' foram ambas tomadas para cima do ponto E , porque os dois pontos A e A'



Inclinação do eixo da máquina — 30°

Fig. 17 (reduzida).

da fotografia estavam para cima da linha EE . Está claro que, se um destes pontos ou ambos estivessem para baixo dessa linha, seria necessário ou marcar no desenho um para baixo e outro para cima ou ambos para baixo.

Consideremos agora a segunda hipótese: a dimensão a medir não está na linha média da chapa.

O problema resolve-se também com relativa simplicidade. Com efeito, se imaginarmos uma série de rectas verticais, da mesma altura, situadas uma na linha média, as outras fóra dela, existindo porém todas no mesmo plano de frente, ficando portanto as bases de todas

elas na mesma linha recta paralela à linha definida pelas agulhas horizontais, é claro que as extremidades superiores dessas linhas ficarão todas também, na fotografia, numa linha recta paralela à primeira, visto que todas estas extremidades estão numa mesma linha paralela à chapa. É o que se dá com as linhas AA' , BB' e CC' da fig. 14.

Dada portanto uma linha vertical cuja imagem nos aparece oblíqua na chapa, para termos o comprimento que, depois de feita a construção

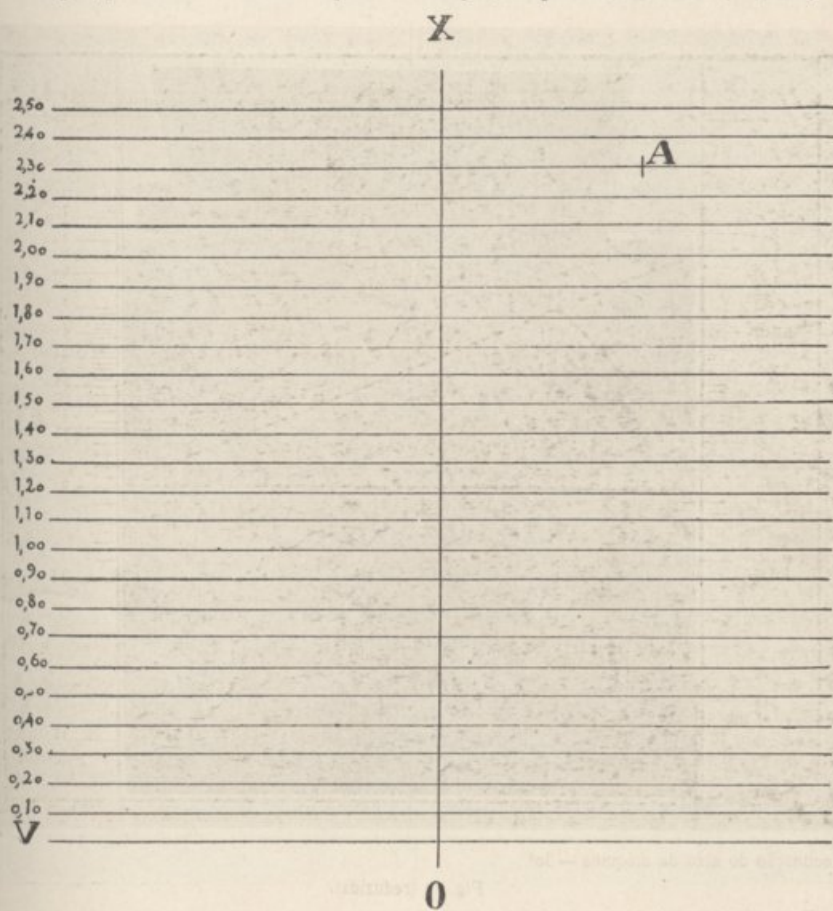


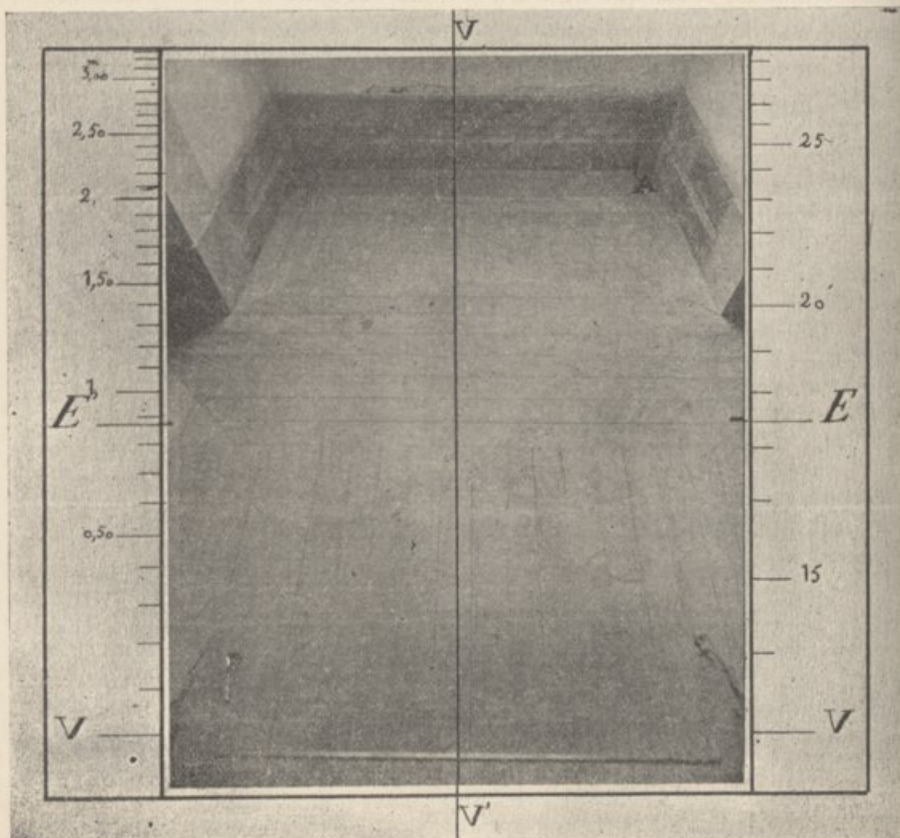
Fig. 18 (reduzida).

geométrica atrás indicada, nos dará, multiplicado pelo coeficiente respectivo, as dimensões do objecto fotografado, devemos tirar pela base e pela extremidade superior da sua imagem duas rectas paralelas à linha das agulhas horizontais e medir a distância entre estas duas rectas.

Assim, se quisermos medir a altura da cadeira da fig. 17, basta fazer sobre o comprimento AB as mesmas operações que se fariam para determinar as dimensões exactas duma linha situada no plano vertical passando pelo eixo.

Temos assim portanto, para o caso das fotografias tiradas com o eixo da máquina inclinado, os mesmos elementos de que dispunhamos quando o eixo era horizontal. Será possível portanto fazer nesta hipótese, por procesos análogos, que julgo inútil repetir, determinações semelhantes às que se podem fazer com a máquina montada com o eixo paralelo ao solo.

Podemos notadamente levantar, com o mesmo rigor, a planta do



Inclinação do eixo da máquina — 60°

Fig. 19 (reduzida).

local fotografado. O processo a empregar não é, porém, o mesmo que BERTILLON indicou para o caso particular por êle considerado.

Traçam-se uma série de paralelas distando umas das outras do valor da tiragem focal reduzida a uma escala qualquer, $\frac{1}{20}$ (fig. 18), marca-se em cada uma delas a sua respectiva distância à projecção da objectiva.

Para determinar a posição dum ponto qualquer do solo, do ponto A por exemplo da fig. 19, vê-se primeiro a distância a que está da objec-

tiva o plano de frente em que êsse ponto existe ($2^m,30$). Êste ponto deve ficar portanto na planta na paralela 23.

Resta determinar em que ponto dessa linha. Para isso mede-se a distância do ponto considerado à linha definida pelas agulhas verticais (*VV'*, fig. 19). São 32 milímetros que multiplicados pelo coeficiente de redução correspondente (24) dão $0^m,768$ para a distância exacta do ponto *A* do solo, ao plano vertical passando pelo eixo.

Trace-se sôbre o papel uma perpendicular à série de paralelas, já desenhadas, recta que figurará a linha segundo a qual o plano vertical passando pelo eixo corta o solo.

Tome-se para a esquerda dessa linha, na paralela 23, um comprimento igual a $0^m,768$ dividido por 20, isto é, igual à distância calculada, reduzida à escala que se escolheu. Assim se marca a posição do ponto considerado e pela mesma forma se poderá marcar a de todos os outros.

(Continua).

ALBERTO PESSOA.

TRABALHO DO INSTITUTO DE MEDICINA LEGAL
DE COIMBRA.

A anatomia em Coimbra no século XVI

I

Alonso Rodriguez de Guevara

II

Guevara apresentou as provisões régias que o nomeavam professor duma cadeira de Medicina e outra de Anatomia e lhe marcavam os respectivos ordenados, em conselho de 22 de junho de 1556 a que assistiram, além do reitor Afonso do Prado, o mestre D. Jorge de Ataíde, o bacharel Bastião de Madureira, o bacharel Afonso de Guimarães, o mestre Francisco Carlos e o mestre Afonso Pires:

Eram duas as provisões, com a data de 8 de junho: uma que o mandava ler, ao tempo e hora que o conselho determinasse, uma cadeira de Medicina juntamente e de Anatomia, a começar em outubro seguinte, com cincoenta mil reais de ordenado, devendo ser contado e pago se entrasse a reger antes; outra, por que D. João III lhe fazia mercê de vinte mil reais mais, enquanto lesse a dita cadeira.

O conselho mandou registrar e cumprir as provisões régias e dar a Guevara posse e juramento de bem ler.

Tomou Alonso Rodriguez de Guevara posse nesse mesmo dia, na casa dos Paços Reais em que se lia então Medicina, que era a denominada Sala da Rainha, com a assistência do doutor Cosme Lopes, professor da cadeira de Terça, uma das quatro cadeiras de Medicina chamadas grandes pelos estatutos, e mestre Bastião Rodrigues e Francisco Carlos, bacharel em Medicina, natural de Coimbra, os quais, por nomeação do reitor de 18 de abril desse ano, deveriam ler as duas cadeiras ordinárias de Medicina das vacações ¹.

Estas cadeiras, chamadas também menores, ou catedrilhas, tinham quatro mil reais de ordenado e haviam sido criadas por carta régia datada de Santarém, aos 11 de outubro de 1546 ².

A posse deu-se com o cerimonial simbólico de então, subindo Gue-

vara à cadeira, abrindo um livro e começando a ler, depois de se haver dito que o fazia em virtude da provisão de Sua Alteza e por mandado do Conselho Universitário.

A 28 de julho de 1556 reunia-se o conselho, em casa do reitor Afonso do Prado por êste estar mal disposto, para marcar as *leituras*, isto é, as matérias que haveriam de ler-se, no ano imediato.

No livro dos Conselhos encontra-se apenas, a fl. 327 v.º:

Medeçina

¶ na Cadeira de prima q̄ he de reinoso se leera acabado de locis affectis o teni, de galeno

¶ na Cadeira de vespora q̄ he do doutor thomas Roiz Se leera os pronosticos de ypocratis

¶ na Cadeira de Cosme lopez Se lera o f 1º do 4º

¶ na Cadeira q̄ ora lee diº de cõtreiras Se leraa acabada a 1ª do 1.º f. a 2ª do 1º.

Nada se deliberou portanto sôbre a cadeira de Anatomia.

Guevara parece ter abandonado Coimbra em seguida à posse, não se aproveitando da faculdade, que se lhe dava, de começar a ler antes de outubro, no comêço do novo ano lectivo de 1557.

Os professores, apesar das ordens repetidas, de não saírem de Coimbra, e de não irem tratar dos seus negócios à cõrte, devendo entregar os seus pedidos a Baltazar de Faria, não abandonavam Lisboa senão com a promessa expressa de serem atendidos os seus interesses. Para lá terá ido Guevara em seguida à posse.

Com a ausência de Baltazar de Faria, não se sabia na Universidade a solução a dar a questões embaraçosas ou que êle deixara embaraçadas. Baltazar de Faria vira necessidade de fiscalizar a fazenda universitária e impozera aos professores e reitor obrigações que eles não aceitavam de boa mente.

Assim fôra que o conselho da fazenda de 16 de março de 1566, por estar impedido o recebedor, mandara recolher as rendas numa arca de que teriam as chaves o reitor, dois deputados da fazenda e o respectivo escrivão. O reitor mandou entregar a sua chave ao doutor Pero Nunes para ter o encargo que a êle reitor cabia, juntamente com os doutores James de Morais e Belchior Corneio.

Oito dias depois, a 18 de setembro de 1556, apresentava-se Pero Nunez em conselho de fazenda, e pedia por mercê que o livrassem de tal obrigação, alegando estar velho e ter muitos afazeres.

Que estava pronto a dar conta de si até àquela hora e a pagar, se

o tivesse que fazer, mas que não queria obrigar-se a dar contas mais compridas por ser casado e não querer deixar por sua morte à mulher e aos filhos os desgostos que causavam tais recebimentos.

O reitor respondeu-lhe que a responsabilidade era dele, a quem a chave competia, e não de Pero Nunes a quem a entregara por tanto êle como Baltazar de Faria o julgarem muito para isso, e lhe pedia que aceitasse a chave sem qualquer responsabilidade, pois êle assumia toda a que dali lhe pudesse vir.

Pedro Nunes aceitou³.

Os primeiros actos importantes da vida académica eram as eleições de deputados e conselheiros, em que começavam às vezes questões de precedência entre os professores que se prolongavam escandalosamente pelo ano fora.

Foi o doutor Pedro Nunes quem, êste ano, iniciou as questões de precedência na Universidade por um conflito que breve se resolveu.

A 9 de novembro reuniram-se os deputados em conselho para nomearem os que lhes haviam de suceder.

Realisou-se a eleição na sala do conselho, comparecendo o reitor Afonso do Prado e os doutores Marcos Romeiro, mestre Álvaro da Fonseca, Diogo de Gouveia, James de Morais, Belchior Cornejo, Martim Salvador, Aires Pinhel, Álvaro Vaz, Tomás Rodrigues.

Não bastava o número para rêsolver, procedendo-se por isso à eleição dos substitutos dos ausentes, sendo nomeado o doutor Simão de Sá Pereira pelo doutor Cosme Lopes, Brás Dias por Jerónimo Pereira, mestre Luis por Belchior do Amaral, Diogo Afonso de Aguiar por Pedro Barbosa.

Apareceram mais tarde D. Jorge de Almeida, os mestres Gaspar da Costa e Francisco Lopes, não sendo por isso necessário nomear mais substitutos.

Prestaram juramento de fazerem verdade e guardarem o que mandavam os estatutos.

Sentou-se depois o reitor à mesa com os doutores Marcos Romeiro e Álvaro da Fonseca, deputados mais antigos da faculdade de Teologia e procedeu-se à eleição que deu o seguinte resultado:

<i>Lentes teólogos</i>	<i>Não lentes teólogos</i>
D. Frei Martinho de Ledesma	Diogo de Paiva
Licenciado André Gomes	Pero de Sousa
<i>Canonistas</i>	<i>Canonistas</i>
Dr. João de Morgoveio	Jorge Leão
Dr. Gaspar Gonçalves	Jorge Pinto

Legistas

Dr. Manuel da Costa
Dr. Manuel de Aguiar

Médicos

Dr. Pero Nunes
Dr. Diogo de Contreiras

Legistas

Dr. Jorge Henriques
Dr. Manuel de Oliveira

Médicos

Licenceado Jorge de Sá
Mestre Francisco Lopes.

A 12, teve lugar o juramento e posse dos novos deputados e, logo a seguir, Pero Nunes declarou que êle era deputado e mais antigo no grau de doutor em Medicina que nenhum dos outros, que a êle parecia dever pertencer o cargo de deputado da fazenda por o Regimento dizer que, quando el-rei não provesse nisso, deveriam servir como deputados da fazenda dois dos mais antigos em grau.

Mal se calou, levantou-se o doutor João de Morgoveio, lente de prima de Cânones e disse que as palavras do Regimento se deveriam entender dos mais antigos em grau que fossem hábeis para os negócios que na mesa se tratavam, que eram aforamentos, emprasamentos e arrendamentos, demandas e outras cousas semelhantes e que tanto assim era que, nos anos que haviam sido nomeados por provisão régia, a nomeação caíra num canonista e num legista.

Saíram-se os dois para fora da casa do conselho e êste foi do parecer do doutor Morgoveio e assentou que dali por diante *em quanto S. alteza não mandar outra Cousa em Côtraíro Siruam no dito despacho da mesa da faz.^{da} dous deputados mais antiguos em grao Juristas hũ Canonista e hũ legista*⁶.

Não era novo nem o caso, nem o protesto. Pero Nunes repetiu o que se tinha passado no ano anterior, em que levantara o mesmo protesto o doutor Tomás Rodrigues, lente de véspera de Medicina.

No conselho de 14 de novembro de 1555 por não se ter feito a nomeação régia dos deputados que haviam de servir no despacho da fazenda da Universidade e *por acudir a neçesidade q̄ auia de se elegerẽ offiçiaes q̄ seruisem na dita mesa*, resolvera-se nomear juristas *a que parece pertencer mais o conheçim.^{to} das Cousas q̄ no dito despacho da mesa da faz.^{da} se tratam*.

No dia seguinte, apresentou-se ao reitor o doutor Tomás Rodrigues e disse *q̄ no cõselho q̄ se fez o dia atras. se praticara e asentara q̄ fosem os deputados lentes q̄ seruisem na mesa da faz.^{da} juristas. sem embargo. de dizer o Regim^{to} de sua alteza q̄ quando elle os não nomease q̄ fosem os dous deputados mais antiguos em grao dos lentes daquelle año. no q̄ elle pretendia ter direito | e pore. por ter outras occupaões de seu estudo de maior importância | quanto | a si | çedia e demitia o direito q̄ niso pudese ter | e porẽ por ser cousa que por-*

judicava ou podia prejudicar a outros sr̃es dd mais antigos em grao elle protestava como de feito protestou. o asento atras. do dito cõselho nẽ. elle a largar seu direito prejudicar na pose nẽ na propriedade ao direito das pessoas q̃ ao presente ho tinhão ou ao diante o pudesem ter e do q̃ asi dezia. requereo a ele s̃or Reitor q̃ mandase a m̃i escriuão q̃ fizesse asento. pa em todo tempo se saber e cada hũ requerese sua just^a se a tiuese.

O reitor deferiu a petição do doutor Tomás Rodrigues e mandou lavrar o respectivo assento.

Pedro Nunes não fez mais que repetir, quando lhe coube a vez, o protesto do seu colega Tomás Rodrigues⁵.

A 10 de novembro fez-se, como de costume, a eleição dos conselheiros que deveriam servir no ano que começava no dia de S. Martinho de 1556 e acabava na véspera de outro tal dia do ano de 1557, isto é, o ano de 1557, que assim se designava então na linguagem oficial o que hoje chamaríamos o ano lectivo de 1556 a 1557.

Assistiram, além do reitor Afonso do Prado, o mestre Diogo Rodrigues, o mestre D. Jorge de Ataíde, o bacharel Francisco Aires, o bacharel Heitor de Pina, o bacharel João de Figueiredo, o bacharel Afonso de Guimarães, o mestre Francisco Carlos e o mestre Afonso Pires; conselheiros antigos.

O reitor assentou-se à mesa para presidir à eleição, com D. Jorge de Ataíde e Diogo Rodrigues, conselheiros teólogos a quem todos os mais cederam os lugares e, votando como mandavam os estatutos, foram eleitos pela ordem que se segue:

<i>Teólogos</i>	<i>Canonistas</i>
Mestre Pero Leitão	Diogo Mendes da Costa
D. Jorge de Almeida	Mestre Luís
<i>Legistas</i>	<i>Médico</i>
Heitor Borges	Gaspar da Costa
Diogo da Rosa	<i>Artista</i>
	Francisco Lopes
<i>Taxadores</i>	
Dr. Luís de Castro	
Mestre Diogo Rodrigues.	

No dia imediato prestavam os conselheiros juramento e tomavam posse⁶.

Mais tarde a 9 de março de 1557 foi nomeado Cristóvão Jorge para taxador por Luís de Castro não poder servir⁷.

Guevara não se apresentou para ler em outubro, como mandava

a provisão que o nomeava professor. Só começou a lêr em dezembro.

Outubro e novembro passou-os em Lisboa em serviço e por mandado de el-rei, sendo-lhe por isso pagos os ordenados dos dois meses.

A 6 de março de 1557, se apresentou êle em casa do reitor Afonso do Prado, onde nesse dia se reunira para despacho a mesa da fazenda da Universidade, e entregou uma portaria do fisico-mór, dizendo constar-lhe que D. João III fizera mercê a Guevara de lhe mandar pagar os dois meses de outubro e novembro dêsse ano, em que andara na sua côrte.

Ao reitor tinha já escrito o doutor António Pinheiro que constava que el-rei lhe fizera essa mercê, pelo que a mesa resolveu que se lhe fizesse o pagamento do salário dos dois meses com a condição de êle apresentar a provisão régia, a que aludiam o fisico-mór e o doutor António Pinheiro, até à Páscoa dêsse ano, tempo em que devia ser feito o pagamento da segunda terça dêle⁸.

¿Em que comissão o teria D. João III, para assim lhe mandar pagar o tempo em que estivera ausente, logo no comêço da regência da cadeira de Anatomia, novamente criada na Universidade?

É a Guevara que deve atribuir-se a organização do ensino de anatomia e cirurgia no hospital de Todos os Santos em Lisboa, feita por alvará de 20 de novembro de 1556 que encarregou Duarte Lopes de ler *hũa lição de gido cada dia nese espirital em hũa casa que vos pera yso ordenares e lera hũa ora pouco mais ou menos, e depois de ler a dita lição estara mea ora as duvidas que os ouuintes lhe poserem*.

O mesmo documento o mandava fazer *as notomias que parecerẽ necessarias e vos ordenardes dos corpos mortos dos que na dita casa falecerem e asi as que se ouverem de fazer aos corpos dos que paderem por justiça nesta cidade*.

Êste alvará, datado de Lisboa, era dirigido ao provedor do hospital de Todos os Santos, e marcava em *dose mil rs em cada hũ año, paguos nos terços, das rendas do hospital*, o salário do doutor Duarte Lopes⁹.

Já em Espanha, por iniciativa de Guevara se chegara à conclusão *vt non solum chirvrgis, verum & medicis anatomen apprimè vtilem & necessariã*. Guevara foi não só um inovador, mas um organizador no ensino médico do seu tempo.

Nestes dois meses de outubro e novembro, em que organizou em Lisboa o ensino da anatomia e da cirurgia, se deve ter realizado também a lição solene de disseccção que Guevara fez em Lisboa e a que assistiram D. João III e a rainha D. Catarina, sua mulher, e a que J. A. Serrano, o grande anatomista português, diz ter assistido tam-

bém a Universidade em pêso. D. João III visitou pela última vez a Universidade em 1550. Os professores da Universidade estavam proibidos de ir à côrte antes mesmo da chegada de Baltazar de Faria para fazer novos estatutos. Serrano interpretou por isso mal o texto de Guevara: *Et non solum medicæ facultati, sed & uniuerso huic gymnasio, ne dicam omni medicorū totius orbis choro fanēs, cordis cuiusdam animalis dissectionē trium horarum spatio te non minus presente, intueri dignatus nescio quos Boetos, & Publios Sergios, & Marcum Antonium Augusti consortem, quondam Anatomice facultati deditissimos obscuravit*¹⁰. É apenas um elogio indirecto a D. João III, feito na linguagem empolada da época, com as citações clássicas inevitáveis. Do texto se poderá também deduzir com um pouco de boa vontade que Guevara fizera a dissecação já depois de ter tomado posse da cadeira da Universidade. E a isso nos inclinamos.

Guevara gostava de contar as homenagens que ao seu saber prestavam reis, príncipes e os homens de mais alta sciência do seu tempo, como o bom doutor Montanha que, com setenta anos e um nome glorioso, ia assistir-lhe às prelecções de liteira por o não deixar andar o reumatismo¹¹.

De Lisboa recolheu Guevara a Coimbra começando a ler em dezembro. Coimbra estava então em plena remodelação. Sentia-se por toda a parte a vida forte que à adormecida e velha cidade trouxera o estabelecimento da Universidade. Abriam-se ruas novas, e as ordens religiosas disputavam os terrenos em que levantavam, a todo o custo e em competência, os seus colégios, sempre a alardear pobreza para provocar o favor real.

A rua da Calçada, cheia de belos edificios em que moravam os mais ricos mercadores, tinha fama no reino e fora dêle. A da Sofia, larga, aberta de novo, numa linha recta que surpreendia e alegrava quando ali se entrava das pequeninas e tortuosas ruas da parte mais povoada da cidade, cheia de colégios e igrejas em construção, a faiscar de pedra nova, branca como prata, não tinha rival no reino.

Não se podia dar um passo, que se não fosse obrigado a parar, preso por uma janela ou porta, tão cheia de enfeites delicados, que mais pareciam nichos para imagens de santos. Cada dia, aparecia lavrada numa invenção nova a divisa da cidade que os poetas pretendiam decifrar em versos subtis e que a vereação mandava embeber nas paredes a marcar as casas que lhe eram foreiras.

Nos palácios, os imaginários esculpiam em medalhões delicados figuras de donas e cavaleiros que pareciam querer sair da pedra para ver a alegre vida que então ia pelas ruas de Coimbra. Nas esquinas, em pedras delicadamente esculpidas; os braços atravessados, ou os

medalhões com divisas da nobreza, que a quina brilhante da cantaria nova parecia suspender do ceu azul por um fio de prata, linguagem heráldica que a gente do povo, rude e ingénua não entendia, mas que lia a seu modo e interpretava ao sabor da sua imaginação em lendas com que entretinham os filhos, que cada um aprendia desde menino, e tão portuguesas, que mais verdadeiras pareciam que as contadas pelos ricos livros iluminados.

Não havia casa, por humilde que fosse, em que o amor da arte se não visse no corte da vêrga duma porta, numa cimalha de pedra, num beiral frizado, ou na mísula amorosamente lavrada para o vaso vermelho em que se abria redondo e igual o mangericão, alegria e perfume do lar.

E toda esta vida subia, na alvura da pedra de Ançã, numa onda branca que de longe, iluminada pelo sol, parecia ferver e crepitar alegremente, como a espuma do vinho novo, ao de cima das muralhas da cidade que o tempo enegrecera.

Se se saía por qualquer porta, continuava o mesmo encanto.

Nunca se ia mais da imaginação a cidade a quem um dia a vira de longe, erguendo-se no seu alteroso e guerreiro sítio, na alegre companhia dos verdes cinseirais de tantas e deleitosas sombras.

Todos gabavam, e havia então em Coimbra estudantes e professores que tinham corrido muito mundo, a doce quietação desta formosa terra que fazia com que, mal chegavam, se achassem logo como se andassem por um quieto mar, levados de ligeiríssimo vento, sem inchação das ondas.

Era muito elogiada a alegria da gente que aqui nascia e se criava, sempre tão contente, como se lhe sobejasse tudo o que para o necessário às vezes lhe faltava.

Havendo em Coimbra estudantes de tão diversas terras e climas, de maravilha morria um. E fazia gôsto vê-los, com o seu trajo escuro, sair das portas da cidade a rir alegremente, em dias de primavera, ou nas tardes do calmoso estio, depois de satisfazerem as obrigações do seu estudo, perder-se, ao longo do rio, na sombra fresca de chôpos e salgueiros, saüdando com a cortezia que sua educação e entendimento lhes ensinava, os que ficavam encostados à guarda de pedra da ponte, encantados com o descer das águas claras do Mondego, baixando tão brandamente que não podiam julgar para que parte corriam.

¿Onde havia campos para caçar como os de Coimbra, em que andava perdido o Mondego, às voltas, como se não encontrasse caminho, sempre a chegar-se para os salgueiros e a demorar-se encantado pelo doce murmurar das suas folhas com que brincava o vento?

Tinham fama os falcões que aqui se criavam e que aqui mandava buscar a nobreza de todo o reino.

Todos conheciam o mosteiro de Celas, a sua igreja redonda e branca, o quieto cantar das suas freiras, a cêrca e claustros que todos imaginavam pelos versos de Inácio de Moraes, cheios de rosas que as mãos brancas das monjas ageitavam e ajudavam a florir, em carícias brandas de flores, como se fossem brancos lírios, ou rosas namoradas a que a vista doutra rosa tivesse feito perder a côr.

Não havia estudante ou professor que não encontrasse uma hora para visitar o convento de Santo António dos Olivais, ou para ir recitar sósinho, na tranqüilidade dos campos, os lindos versos latinos que então se faziam à ermida de Santa Comba e seu desafogado sitio, ou à capelinha do Espírito Santo, em cuja mata se iam esconder as rôlas para chorar.

Inácio de Moraes publicara, anos antes, o *Encómio de Coimbra*, andavam os seus belos versos na bôca de todos e os doutores paravam ao pé das igrejas e palácios para dizerem, em latim quási cantado, tanta era a sua harmonia, aqueles em que êle os celebrava.

Nas ruas, andava sempre uma grande multidão de rapazes que se conservavam de ordinário pela parte alta da cidade, descendo ao bairro baixo, em que não era muito bem vista a gente da Universidade, apenas em ocasiões de festa.

Dia de festa no mosteiro de Santa Cruz era-o em toda a cidade.

E, nas ruas, apareciam então os vultos graciosos das mulheres de Coimbra, o chapéu com a aba desabada protegendo o rosto, como a telha pequenina dum beiral um ninho de andorinha, sustentando-se por milagre sôbre o manto que lhes envolvia a cabeça e cobria quási o corpo todo, fechado por dentro ao alto do peito com a mão esquerda encoberta, agasalhando a bôca e o çolo e mergulhando em sombra os olhos, em que cada um procurava ler um nome.

Vinham em grupos do alto da cidade os estudantes: uns pela Porta Nova que se abrira na muralha que deitava sôbre a horta do mosteiro e levava por uma rua direito à igreja; a maior parte pelas ruas que desciam para a Porta de Almedina para verem primeiro as da Calçada, nobres e ricas donas que passavam gravemente, o olhar preto, suave e doce, segurando as luvas num gesto delicado da mão branca, em que morria o brilho das pedras preciosas, como se apagam as estrelas na alva luz da manhã.

Chegavam a correr os últimos estudantes, de barretes redondos, manteus traçados mostrando a gola forrada de seda ou o capêlo aberto fluctuante ao vento. Paravam para deixar passar algum grave doutor que os saüdava em latim ou grego.

E tudo se sumia na escura rua do Coruche, sempre em sombra, muito apertada, de cujas lojas saiam as alegres vozes do ouro e da prata, a rir com os ourives que os martelavam.

Tudo ia deslizando, como se obedecesse misteriosamente ao chamado dos sinos do mosteiro, cuja voz vinha do fundo da rua a amorteecer.

Nem na côrte, havia então igreja, em que as festas religiosas se levassem com a riqueza e com o rigor litúrgico com que se faziam no mosteiro de Santa Cruz de Coimbra.

Nem havia nada tanto para se ver.

A porta da igreja era de maravilhar. Muito branca, iluminada pelo sol que envolvia as delicadas esculturas da alva pedra de Ançã nos reflexos da ruiva silharia do Bordalo, como num perfume de ouro, dir-se ia feita em prata lavrada por Santo Eloi, o bom patrono dos ourives.

De noite, iluminada pelo luar, parecia a miragem da porta do paraíso criada pelos anjos sôbre a terra, na ilusão das nuvens. Mal se entrava, era a vista presa por a grade que separava o cruzeiro, com o seu remate, obra admirada de António Fernandes, em ferro batido e dourado.

Para além dela, na atmosfera de incenso em que brilhava a luz dos círios, o altar-mór com a história da Invenção da Cruz, pintada por Cristóvão de Figueiredo.

Em cada uma das rasgadas janelas, nas vidraças pintadas, passava um cortejo de santos, na atmosfera de glória dos céus.

Do chão coberto de espadana e rosmaninho subia das ervas esmiagadas o perfume simples e bom da terra.

Ao alto, por entre os artezões prezos pelas chaves douradas da abóbada, sôbre o fundo azul e cheio de estrêlas, como o do ceu, voavam os anjos, de roupas claras e flutuantes ao vento que enrolava os seus cabelos de ouro, sustentando delicadamente nas mãos filatérios brancos com legendas, que debaixo se não liam, e que contavam misteriosamente a glória do Senhor.

Por cima da multidão ajoelhada passavam de mão em mão as cadeiras que mandavam os que queriam estar mais cómodamente, e corriam de bôca em bôca os comentários sôbre os que viriam, porque todos haviam reconhecido assentos e criados.

O mosteiro de Santa Cruz era então uma verdadeira academia de música. Ia-se à igreja ouvir cantores de fama e obras musicais, que nem sempre eram feitas para glória de Deus.

De Espanha, tinha vindo importada de França a moda de, tocando e cantando, imitar o som de tambores e trômbetas, o cavalgár, o to-

mar da lança, o pelejar e os tiros da artilharia com o alvoroço da guerra, e era a música assim ouvida com preocupações bem diferentes dos officios divinos.

Nas festas do Natal, todos se alegravam com as canções populares que tocavam e cantavam os cônegos.

Vilancicos, motetes, canções de amor eram ouvidos por fidalgos e rapazes de rosto voltado para as suas damas, esgrimindo com os olhos, e penteando com os dedos a barba e o cabelo com geitos de carícia amorosa.

Fôra-se, havia poucos anos, o doutor Martin de Azpilcueta Navarro, o áspero censor de tais costumes que, apesar dos favores que devia aos cônegos e do bem que lhes queria, enraivava, e, se alguém o desafiava a dizer como deveriam estar então na igreja fidalgos e gente moça, esquecia o grego e o latim, para dizer em romance castelhano: *bien parecen los grandes principes, cavalleros e hidalgos puestos ante su Dios con entrambas las rodillas en tierra, las cabeças baxas y quedas, las palmas ajuntadas, los ojos quedos, vezes en tierra postos, vezes incados en el sancto sacramento, o en la cruz, o en la ymagen que delante si tienen* ¹².

Mas quem estava assim? Fidalgos e estudantes não ajoelhavam senão com um joelho. De pé, curvavam o corpo em atitudes provocantes, com uma perna em arco, os joelhos juntos, a outra perna puxada para o lado o pé meio levantado, o calcanhar para fora, *como se fuera para dar coces o haizer nuestra de las piernas*, comentava ásperamente o bom Martin de Azpilcueta que era um pouco hostil às atitudes estéticas do renascimento.

Não iam muito os doutores às festas. Mesmo aos cortejos officiais, aos préstitos dos estatutos, os lentes faltavam e não acompanhavam o reitor, alegando para abonar a falta a ignorância em que estavam por não terem sido avisados pelo bedel.

Martin de Azpilcueta não gostava e vinha para público censurando com grande refôrço de autoridades. Violas, harpa, trombetas, toda a variedade de instrumentos músicos eram invenções profanas não necessárias à glória do Senhor.

Mais gostava êle dos officios divinos que se faziam nos conventos de freiras, onde se moviam a grande devoção os ouvintes pela maneira atenta, comedida, devota, grave e concertada como cantavam a diversas vozes sem corromperem nem mudarem um ponto do canto-chão. E sentia-se, agora, que êle ia a caminho de Castela, a falta da sua figura que todos se tinham habituado a ver descer pela rampa do Castelo ou da Porta da Traição, alto, magro, o corpo curvado, de capêlo fechado ou aberto sôbre os hombros magros, a pele do pescôço

delgado e do rosto magro cheia de rugas, como que crestada pelo vento das tempestades no mar da vida, em que há tanto tempo andava, o olhar sumido nas órbitas, o nariz adunco, e uma barbicha curta e branca de tal corte que todos o suspeitariam de judeu, se não fosse tão reconhecidamente cristão velho. E lá ia a caminho do mosteiro de Celas, parando onde encontrava um pobre para lhe dar esmola, como o santo do seu nome, o bom S. Martinho, cuja história, no passo em que êle partiu com a espada, para dar ao pobre, metade do seu manto, o bom doutor mandara levantar em pedra por João de Ruão e dera à senhora D. Maria de Távora que governava o mosteiro de Celas para onde êle trouxera as sobrinhas.

Os processos da Inquisição começavam a demonstrar que nem todos assistiam aos officios religiosos, nos conventos de freiras, com o mesmo enlevo musical que nada deixava ver a D. Martin de Azpilcueta, o grave censor dos maus costumes do renascimento. Os conselhos de multas, que assim se chamava então às congregações de faltas, revelam também que o reitor ia muito desacompanhado de professores aos préstitos oficiais, e às festas religiosas mais solenes.

O doutor Manuel da Costa fôra, uma vez, chamado a conselho por não ter querido pegar numa vara do pάλio, debaixo do qual iam as reliquias, na procissão que a Universidade fizera ao mosteiro de Santa Cruz *dando graças a nosso Sôr por alumear a princesa e parir hum filho*, apesar do reitor lho mandar pedir por o bedel, por um criado seu e pelo escrivão do conselho.

Quando veio ao conselho, respondeu ao reitor que se escusara por estar mal disposto, mas que não respondera tão cruamente como dizia o bedel que o não podia ver, por êle doutor ter dado um libelo contra êle de ladrão! E terminou indignado: que com êle se não havia de ir ao cabo; que era o doutor mais antigo; que servia há dezoito anos a Universidade, tendo sempre procurado o serviço dela; que, se porêm teimavam em lhe exigir a multa, no conselho estavam pessoas que lhe eram suspeitas, e, se queriam saber quem eram, que êle as nomearia e diria porque. E saiu!

O reitor quiz tomar votos sôbre o escândalo, mas por certos estorvos que apareceram, ficou o caso sem determinação, e nós sem saber as causas graves de suspeição que tinha contra os seus colegas na Universidade o douto e irascível Manuel da Costa, sempre difficil de fazer calar ⁴³.

A 5 de fevereiro de 1555 determinara-se que, quem se escusasse ao que mandasse o reitor nas procissões, pagasse cinco cruzados de ouro, porque muitas vezes alguns lentes se recusavam a aceitar tochas,

varas do pátio ou de regimento da procissão, ofendendo assim a Deus e ao senhor Reitor.

Era então a Universidade má escola para gente moça, dizia D. Martin de Azpilcueta, e disso escreveu largamente em romance castelhano, um livro que, para corrigir murmuradores, publicou em Coimbra, nas oficinas de João da Barreira, e com tanto sucesso que, mais tarde, o verteu para latim e o editou em Espanha para uso de doutos. A corrupção começava desde os primeiros anos e não havia meio de fugir-lhe, nem estudo que lograsse ser reconhecido, não se sujeitando às práticas correntes de bajulação e de suborno. Por isso muitos estudantes se iam de Coimbra para outras universidades para evitar vida tão escandalosa. D. Martin abrange na mesma crítica a Universidade de Salamanca, mas vê-se bem que o faz para lho não levarem tanto a mal os seus colegas de Coimbra.

O livro de D. Martin é outra fonte, que deveria ser conhecida pela indigesta obra de Leitão de Andrade, mas que tem estado até hoje por explorar.

Preferimos à edição em romance, apesar do pitoresco do dizer, a edição latina por ser posterior e corrigida em muitos pontos; pois, como escreveu o grave Azpilcueta, na primeira se dirigiu mais ao vulgo que aos doutos.

Logo desde o começo dos estudos, começavam a odiar-se os que imaginavam que mais tarde seriam concorrentes aos mesmos lugares, e, desde muito cedo, na precedência dos gráus, iam pondo em prática o que lhes ia ensinando a vida académica, as manhas dos doutores que procuravam captar-lhes o voto que os estatutos lhes davam para a nomeação de professores.

Por isso, desde o começo da vida académica, passavam o seu tempo a denunciar os defeitos físicos ou morais dos condiscipulos, calando as vantagens que eles por ventura lhes levavam.

Era então costume apresentarem-se a reger a mesma cadeira diversos doutores, e do concurso maior ou menor de ouvintes se concluiu da competência relativa para o professorado.

Muitas vezes, as faculdades embaraçadas recorriam para decidir à opinião dos ouvintes e dava-se a cadeira *ad vota audientium*, segundo a fórmula dos estatutos.

As cadeiras eram lidas à mesma hora, para se ver quais os ouvintes que tinha cada um dos que regiam em competência e se algum ficava sem estudante que quizesse ouvi-lo.

Ora, dizia o doutor Martin de Azpilcueta Navarro, muito experimentado das murmurações universitárias de então, de fama em todo o mundo pela consciência da sua opinião, tida em todas as universi-

dades como a verdadeira interpretação da lei quando os textos eram obscuros, dizia êle: que os doutores, que assim procuravam acreditar-se, não dispensavam outros meios censuráveis de captação, conseguindo que os amigos andassem dizendo dêles excelências aos estudantes, pedindo-lhes para lhes irem frequentar os cursos e deixarem sem ouvintes os outros concorrentes.

Por outro lado, os doutores deixavam de falar aos que não iam ouvi-los, insinuando-lhes que ficavam com um inimigo para mais tarde e mostrando-lhes *mão focinho*, que assim se dizia, segundo o grave D. Martin, em português, o que, em latim, se chamava mais cortezãmente *iratum vultum*.

Mas melhor o diz D. Martin castigando tal pecado no seu florido latim do renascimento, que eu em meu descorado *romance*:

«Peius autem peccant, qui a principio suorum cōkursuum religionis, vel literarum incipiunt se odisse, eo quod in illorum fine sint futuri competentes super præfata graduū, locorum, vel munerum præcedentia. Ideoque alij aliorum tã naturæ, quam morum publicant defectus secretos, interdum eos augendo: & contra celant dona eorū naturalia, vel gratuita, quibus illos præcellunt; aut illos equant. eodem fere modo peccant Gymnastæ vna & eadem hora prælegentes; dum per se, perque suos amicos plusquam par est laudant, rogant que auditores, vt se audiãt desertis competitoribus sibi vtilioribus, nolentes alioqui eos, qui se non audiunt: immo iratum vultum eis ostendentes: quin etiam insinuantes eis se futuros aduersarios, cum laureas, siue gradus, vel præcedentias competierint; facientes encomia, vt maius quam merentur auditorium habeant, & pluris quam par est habeantur, & laudentur»⁴⁴.

Todos os dias se via então, afirma o bom doutor, os que na Universidade aspiravam a gráus superiores, andarem louvando cancelário e doutores *tribuendo illis multa, quibus penitus carent, aut certe maiora, quam habent*⁴⁵.

Os lentes e cancelários pagavam bizarramente na mesma moeda, louvando o graduando e os concorrentes *magnifice ob multa, quibus omnino carent*⁴⁶.

E assim se enchia de falsos louvores o graduando que inchava de vaidade, como aquele que toma o telintar do dinheiro por paga, e o cheiro das iguarias por dada refeição, ou antes como D. Martin mais elegantemente escrevia: *inflatu tumeat instar illius, qui est contentus solo pecuniæ tinnitu pro pecunia sibi tradēda, vel solo ciborum odore pro cibo ei propinando*⁴⁷.

Os candidatos procuravam conseguir precedências com presentes e dinheiro e levar as cadeiras recitando de cór, como os

cegos, prelecções feitas por outros, às vezes mesmo por catedráticos.

Assim escreve o doutor Navarro, como um pecado grave da sua época:

«... peccare grauitur eos, qui in hac splendidissima academia, quæ omnium, quas vnquam vidî literarum studiosis est aptissima, Conimbria, fiunt Baccalaurei iuris canonici, & ciuilis, aut aliarum facultatum licenciati: qui licet gradum, quem desiderant, & petunt, mereantur; meliora tamen aut priora loca, quam merentur, appetunt: quia in alterius præiudicium false cupiunt & laudari & approbari. quid dicemus de ijs, qui amicorum & magnatum literis id procurant? quid de ijs, qui donis, & pecunijs? quid de ijs qui hanc precedentiam querunt prælectionibus non a se factis, quod statutum vellet, sed a literatis iam formatis, immo a Gymnastis siue cathedrarijs compositis, vt eas memoriæ mandatas pronuntient, instar cæcorum suas orationes memoriter proferentium?»⁴⁸.

Acusa êle também os professores de abrirem propositamente para ponto os livros na parte em que sabiam que o candidato predilecto tinha preparada a prelecção.

«... qui eis ad hoc fauent verbo, epistola, vel alijs factis: vt aperiendo librum in ea parte, in qua nouit aperiens laurea donandum habere compositam prælectionem, quã ad ipsam est habiturus: aut componendo prælectiones aut earum partes, quas est habiturus»⁴⁹.

Não era necessário que a cadeira estivesse vaga para começarem os subornos que vinham perturbar toda a vida escolar. Bastava que adoecesse um professor e que corressem boatos de ser de perigo o seu estado, ou de ser a doença de longa duração.

Começavam logo a asediar-se os estudantes mais novos e os pobres, procurando segurar-lhes o voto por promessas de dinheiro ou pedidos de nobres, mestres ou credores.

Não havia escrúpulos; recorria-se até à acção das mulheres honestas ou não, conseguindo muitos, segundo o dito do mestre de confessores, por acção delas o que nunca poderiam obter por outros meios.

E assim começava a juventude desde os mais tenros anos a deixar-se corromper, e a ser levada mais pelo affecto, amizade, dinheiro, mentira e voluptuosidade que pela justiça e pela verdade.

E assim se andava, de estudos perdidos todo o tempo do concurso, a subornar e a ser subornado, em conciliabulos e ceias que se prolongavam por noite alta fazendo e recebendo promessas, recorrendo a amigos e a estranhos, em subornos, discussões e desordens escandalosas.

E tanto se gastava que os que ganhavam a partida se viam obrigados a vender o que tinham para pagar a quem deviam, ou ficavam carregados de dividas toda a vida na mão dos usurários.

Os que perdiam continuavam a pedir dinheiro emprestado para poderem esperar outra vaga. Se perdiam, ficavam arruinados de todo, se ganhavam a cadeira, continuavam nas mãos de quem lhes emprestava o dinheiro.

Melhor o conta do que nós D. Martin de Azpilcueta:

«Tum quod per illum modum vix nullus exterus, vel in externa educatus academia, quãlibet eruditus, vllam cathedram primæ functionis, saltē proprietatis, in primo concursu obtinere potest. Tū quod secundum eum, bona pars victoriæ consistit in subornanda iuuentute puerorum, & adolescentum, & pauperum: qui facile corrumpi possunt, nū solum pretio, sed etiam prece nobilium, pedagogorum, & creditorum: sed & blandimentis mulierum, tum pudicarum, tum impudicaru, & prædictarum, quarum etiam opera in hoc multi abutuntur. Quo fit, vt eruditiores, & scholis vtiliores, qui ne Deum offendant a male subornãdo abstinent, frequentissime ignaris postponantur. Tum quod est magna occasio, vt Gymnaste in casibus occurrentibus dent respõsa præcocia, parum libata, & affectu potius, quam iustitia nitentia, rogatu scholasticorum; vt placeant eis, de quorum suffragijs pendet eorum victoria. Tum quod etiam est in causa, vt iuventus a iuventute sua incipiat corrumpi, & magis affectu, amicitia, voluptate, muneribus, & mendacijs plusquam iustitia, & veritate duci. Qua ex re magni obligationis restituendi scrupuli nascuntur. Tum quod multi scholastici multum temporis perdunt, dum vacantibus cathedris, vel ægrotantibus cathedrarijs intēdūt subornationibus actiue & passiuè subornando, & patiendo se subornari; conuiuia dando, & accipiendo, promittendo, & accipiendo promissa, & alia id genus multa faciendo.

Tum quod oportet eos, qui competunt, vel se ad competendum parant, impendere ante quæsitam cathedram, non solum propria, sed etiam aliena, cum cognatorum, tum amicorum ad mutuandum multis scholasticis suffragaturis, & eorum aliquibus donandum, & ad quosdam conuiuandum: & eos qui eas quærunt oportet insuper post eas quæsitas in referendis gratijs publicis tribuere symposia omnibus, conuiuia opipara multis, & aliquibus donaria; adeo quidem largis, vt vix se omnino per totam vitam ære alieno leuent. Qui vero eas perdunt, remanent debitis onusti, & coacti decoquere, vel vertere solum, vel soluere tum interesse, tum vsuras; & quadantenus viuere raptu: & augendo æs alienum expectare alias cathedras vacaturas, quas qui perdiderint, omnino perduntur, & qui quærunt longe maiori ære alieno submituntur. Tum quod rari sunt scholastici, immo & prælectores,

qui non incidant in aliquam tot excommunicationum per academiae statuta latarum contra subornantes, & subornatos, dantes, vel accipientes munera; & contra loquentes candidatis, sine competentibus, & comitantes eos, & aliqua huiusmodi dicentes, vel facientes»²⁰.

Estes concursos eram a origem duma vida corrente de intriga e ódio que a todo o momento explodia.

Os próprios doutores ou graduados, depois de servidos, se diziam mal contentes:

«... qui post collatas laureas, praecedentias, cathedras, beneficia, vel officia iniuste conqueruntur de collatoribus, & suffragatoribus, & interdū etiam de Rege ipso, deque proceribus eius: dicentes se affectos iniuria, qua vere non sunt affecti; alios vocando nomine probroso, alijs negando colloquium, alijs iratum mostrando vultum, alijs comminando uerbis, alios minis aut terroribus injuriando»²¹.

Por isso se lastima D. Martin de Azpilcueta de tantos abandonarem por esta conhecida vida a Universidade de Coimbra, quando o clima excepcional desta terra fazia que os dōze meses de estudo aqui passados, valessem bem em proveito quatorze em qualquer outra:

«... nonnulli honoratiores, & strenuiores aliquam circa hoc ignominiam timētes, ad alias academias transeunt; quamvis nouerint, ob mirabilem huius regionis temperiem, posse quem 12. mensibus Conimbricæ plus proficere, quam in alia, vbi frigus & calor intēsa multis modis impediunt, quatuordecim»²².

Era por isso D. Martin de Azpilcueta contrário aos concursos por oposição e às nomeações *ad vota audientium*.

Mas, se era contrário aos votos dos estudantes, não aconselhava que se recorresse aos votos dos reitores e dos lentes, criados na mesma viciosa escola, e apelava para a nomeação régia perpétua, ou a prazos maiores que os marcados pelos estatutos que obrigavam a concursos repetidos.

O quadro traçado por D. Martin é verdadeiro, conquanto carregado em côres por escrúpulos duma consciência de confessor. Assim o demonstram os documentos da época que o acaso conservou e onde há bem por onde escolher.

A tudo procurava obstar o reitor e o conselho, declarando as cadeiras vagas e pondo-as a concurso inesperadamente, por forma a evitar a longa campanha de subornos e injúrias que eles traziam sempre.

E qual seria a gravidade dos factos indicam-o bem os éditos que na proximidade dos concursos, os reitores mandavam pôr nas escolas, proibindo o uso de máscaras, o andar embuçado, o entrar nenhuma pessoa de qualquer qualidade que fosse, no terreiro das escolas e dos

paços reais e circuito dêles com armas ofensivas e defensivas, pelo tempo que durassem as vacaturas das cadeiras até serem providas.

Não se recuava diante de nenhum insulto e para o próprio conselho universitário se levavam as peiores injúrias contra os que concorriam ao mesmo lugar.

O facto não era porêem próprio a Coimbra e D. Martin envolve na mesma censura a Universidade de Salamanca.

A inquisição viera dar uma fôrça nova à intriga, e, sob o pretexto da defesa da fé lançavam-se, cheias de ódio, as suspeições de judeu e cristão novo.

Para exemplo da violência de linguagem a que se chegava nos concursos, transcreveremos o que Cosme Fernandes, catedrático de Código, disse de Álvaro Vaz que com êle concorria a uma cadeira vaga, poupando desta vez aos leitores o pitoresco da irregular ortografia quinhentista:

«Provará que um cristão novo, seu avô, pai de seu pai do dito Álvaro Vaz, que se chamava António Álvares, o tamanho, e oficial de camisas para enforcados, foi prêso pela Santa Inquisição, na cidade de Évora, por herege; o qual, pertinaz em seus erros e heresias, morreu no cárcere sem nunca pedir misericórdia. E depois foram queimados seus ossos e estátua.

«Provará que o mesmo pai do dito Álvaro Vaz foi outro sim preso pela Santa Inquisição, e por seus erros e heresias condenado a cárcere perpétuo e sambenitado, na cidade de Évora onde ora está.

«Provará que o dito Álvaro Vaz, depois de serem assim condenados juntamente seu pai e avô, fugiu e nunca mais tornou à dita cidade de Évora e se foi para Salamanca, e daí se veio para esta Universidade, onde, contra o que mandam os Santos Cânones, se atreveu temerariamente a tomar gráu de doutor em Leis, sabendo que era incapaz de tal honra e dignidade.

«Provará que na Universidade de Salamanca, Alcalá, e todas as outras universidades da Europa, filhos e netos de condenados por herejes nunca de tempo imemorial a esta parte foram admitidos a opposição de cadeiras, mas antes com muito opróbio e ignominia repellidos por o tal officio de ensinar, especialmente Teologia e Cânones e Leis, ser público e honroso. Do que é publica voz e fama»²³.

Alvaro Vaz respondeu com suspeições que formam o complemento do quadro dos subornos universitários traçado pelo doutor Martin de Azpilcueta Navarro, e que transcrevemos textualmente:

«As sospeições q̄ o doutor alu.º Vaz tem aos S.^{tes} Cõselhr.^{os} .S. ao Sõr pº leitão e ao Sõr antº da cruz E ao Sõr djº Roiz a não Julgarẽ nestes Embargos, nẽ Em Cousa outra Sua. São os seguintes.

«Prouara q̄ o Sór p^o leitão he seu Inimigo Capital E sente E diz mal de todas suas cousas onde quer q̄ se acha e lhe deseja todo o mal E lho procura por todas as Vias q̄ pode asi Elle como todos seus yrmaos E conhecidos e p.^{as} q̄ cõ Elle tem rrazão.

«Pouara q̄ ho dito p^o leitão he amigo de muj Estreita amizade de cosme fernandez E come E bebe cõ Elle Em sua casa delle p^o leitão E asi se prestam E tratão como Irmãos carnaís E comunicação suas cousas | E Elle foi o q̄ senpre lhe negoçeu Esta Substituição E lha procurou por todas as vias q̄ pode E asi o dezia publicam^{te} E depois della vaga dixe mal do dito doutor porq̄ a ella Se opunha E isto diante muj^{tas} p.^{as} ||

«Pouara q̄ o dito p^o leitão Sendo como he cõselhr^o E sabendo do hedito da vacatura ser Ja pubricado entrou Em Casa do dito Cosme fernandez. E lhe falou o q̄ he cõtra os Estatutos cõforme aos quaes pello mesmo caso elle fica sosp.^{to} ||

«Pouara q̄ hũ Irmão do dito p^o leitão a noite atras pasada dentro da vacatura as duas oras depois de meia noite se foi a porta do dito doutor E lhe fez sobrançerías a porta dizendo q̄ o auia de queimar, leuãdo cõsigo outras p.^{as} de Sua cõpanhia q̄ estão todos so a proteiçãõ delle dito p^o leitão o q̄ parece q̄ não fezerão Sem Elle dar pera isso Sua aJuda E cõsentim^{to} pello q̄ Sendo o dito Seu yrmão tam capital Jnimigo do dito doutor como por Este feito Se mostra lhe fica o dito p^o leitão Sosp^{to} alẽ das rrazões Sobreditas q̄ todas São notorias |

«Pouara q̄ o yrmão do dito p^o leitão andou Estas noites do edito paseando á porta do dito doutor dizendo palauras muj^{to} desonestas E feas E ameaçando o q̄ cõ hũa chuça q̄ trazia nas mãos lhe auia de tirar a uida o q̄ he notorio E sabido por toda a Vizinhança ||

«Pouara q̄ o Sór ant^o da cruz he muj^{to} Sospeito ao dito doutor por Ser Seu inimigo Capital de á muj^{tos} años E o emcõtrou Sempre em Suas opposições Subornando e fazendo cõtra Elle E dizendo mal de Sua p.^a e de Suas letras |

«Pouara q̄ o dito ant^o da cruz he amigo de Estreita amizade E cõversação de Cosme fernandez E por Elle fez Senpre nesta Sustituição e pretendeo q̄ por todas as uias elle a ouuese E o Induzio a q̄ viesse cõ Estes embargos E asi dise a muj^{tas} p.^{as} antes delles Serẽ apresẽtados q̄ pois o dito doutor insistia na opposição q̄ lhe auia de Custar caro E q̄ Jaa lhe tinha armado hũ Jogo cõ q̄ não auia de folgar E cõ q̄ se escusasẽ vir a votos pello q̄ parece manifestam^{te} q̄ Elle foi o mesmo o q̄ os ordenou. E o inventor desta manha pera atalhar a opposição E pello cõseg^{te} q̄ não deue Julgar nẽ conhecer deste Caso por lhe ser muj^{to} Sospeito | a afora isto lhe ter odio E Inimizidade capital como he Sabido E muj^{to} notorio ||

«Pouara q̄ o Sõr djº Roiz lhe he mujto Sospeito por Ser natural da terra E o dito doutor Se oppor cõ homês daqui naturaes Como he o L.^{do} hieronimo pr.^a e M.^{el} daguiar cõ os quaes Elle tem Estreita amizade E conheçim.^{to} E asi o dito djº Roiz o encõtrou Sempre em todas as opposições E em Seus Requerim^{tos} do cõselho pello q̄ lhe é mujto Sospeito E não deue conheçer nesta nê Em ninhũa outra causa sua por lhe querer mal E o deseJar uer fora desta terra | E Sobre Este mesmo caso se cõselhar cõ o dito pº leitão q̄ he Seu capital inimigo como dito tem do q̄ tudo he pp^{ca} voz E fama»²⁴.

É, em resumo, todo o quadro traçado por D. Martin de Azpilcueta Navarro. Nada lhe falta: o comer e o beber em casa de amigos do candidato; a saída a altas horas da noite até casa do adversário, chamando-lhe cristão novo e gritando-lhe que o haviam de queimar; os boatos que se faziam correr de falta de qualidades e saber do concorrente oposto; a opinião já formada pelo corpo universitário que cada um alegava como favorável a si; as suspeições deitadas sôbre todos.

E não era só em concursos que tais cousas se praticavam. Como faz notar D. Martin, cedo se começava na vida académica a subornar e a ser subornado. As ceias dadas nos exames para licenceados chegaram a tal excesso de despesa que os próprios professores protestaram fazendo saber por iniciativa do doutor Ascânio Escoto aos graduandos que nada mais aceitariam que aquilo que marcavam os estatutos, mandando depois o conselho que cada um dos examinandos depositasse antes do acto cincoenta cruzados, que perderia, se não se sujeitasse ao que os estatutos marcavam.

Há quadros mais alegres da vida académica, que esses que atrás deixamos, guiados pelo austero D. Martin de Azpilcueta Navarro, espelho e glória de confessores. Inácio de Moraes no *Encómio de Coimbra*, considerado apenas como um roteiro de Coimbra, mas fonte inexplorada de indicações históricas, apesar da cuidadosa e erudita edição que dêle fez o sr. dr. Augusto Mendes Simões de Castro, traça da vida académica do renascimento em Coimbra, um quadro de colorido alegre, em belos versos latinos que se lêem com um prazer sempre novo, porque a erudição clássica aparece naturalmente com o efeito decorativo duma tapeçaria antiga, sem sacrificar a vida a frases de aparato.

Que alegria a da Coimbra de então em dia de doutoramento! Mal se ouvia o som de festa dos tambores, sacabuxas, trombetas e charamelas, corria o povo para ver passar o cortejo, com os bedeis e as suas massas de prata dourada, maravilha da ourivesaria do renascimento, precedendo o reitor que ia acompanhado dos doutores com as insignias das côres das faculdades.

No cortejo incorporavam-se os estudantes, os mais alegres mascarados, dizendo gracejos, intigrando com ditos de espírito.

Chegados à sala grande, sentavam-se os doutores e começava o torneio em peças oratórias ora graves, ora alegres, todas despertando o mesmo aplauso.

Quando havia concurso de cadeiras, ia a mesma alegria na população académica. Cada partido aplaudia o candidato favorito e, mal se dava a votação, corriam os estudantes a participar a alegre nova, mostravam o vencedor ao povo, levantavam-no, e levavam-no aos hombros em triunfo entre palmas e gritos, até o sentarem na cadeira.

Em quanto fora os amigos do vencido procuravam consolá-lo com a esperança de mais felicidade em outro concurso.

Assim o cantam alegremente os versos de mestre Inácio de Moraes, no *Encómio de Coimbra*, que não podemos furtar-nos ao prazer de transcrever:

Nam quoties quisquam studijs sua præmia poscit,
 Et Lauri emeritum cingere fronde caput:
 Antiquo canitur lætus de more triumphus.
 Pergit et ad doctas ordine pompa Scholas.
 Incedit rector, comitatus fascibus aureis,
 Atque comes sequitur densa caterua virum.
 Turba it doctorum, redimitaque tempora sertis,
 Textaque quisque suo tincta colore gerunt.
 Plebs stupefacta ruit studio diffusa videndi,
 Et reboant festo tympana pulsa sono.
 Miscet et alterno strepitu tuba rauca sonorem,
 Argutos fundunt et caua buxa modos.
 Tum personatis iuuenes discurrere gaudent
 Vultibus, et lepidos ore referre iocos.
 Sic cum Romanus domito dux hoste, triumphum,
 Atque olim niueos victor agebat equos:
 Laurigerum magno excipiebat honore senatus,
 Et populus plausum voce sonante dabat.
 Tota igitur gaudet clamore Academia festo,
 Donatur Lauru dum quis Apollinea.
 Attalica exornant spatiosum aulae theatrum:
 Ordo sedet patrum, Palladiúsque chorus.
 Copia mulcebit tunc te facunda soluti
 Eloquij, atque fluens de Cicerone lepos.
 Teque graui incedens tumefacta Tragœdia versu,
 Aut socco alliciet comica musa leui.
 Nec minus euultat, siquis certamine pulchro
 Ingenij, victor præmia forte tulit:
 Attribuuntque illi suffragia plura cathedram,
 Discipulis magnum tradat vt inde sophos.

Tunc illi sua turba fauens, rumore secundo
Ingeminat plausus, lætitiæque fremit:
Victorem exclamat, populóque ostentat euntem,
Attolítque humeris, in cathedrâque locat.
At contra victus, frustrâ suspiria ducit,
Mæret, et in terram lumina fixa tenet.
Circumstant socij, et mæsto solatia dicunt,
Vtque leuet curas spe meliore, iubent.

É bem diferente este quadro do pintado por D. Martin de Azpilcueta Navarro. Deve haver verdade em ambos. Há estas duas páginas, na história de todas as universidades do renascimento.

Guevara não estranhou o meio académico que era um pouco moldado pelo das universidades espanholas. De Salamanca vinham todos os anos muitos estudantes matricular-se em Coimbra, pois se lhe levavam em conta os cursos e os graus, dando-os por incorporados na nossa Universidade, cumpridas as formalidades marcadas nos estatutos. E não vinham só de Salamanca, chegavam também cá de outras universidades estrangeiras²⁵.

Em todas as faculdades havia professores estrangeiros de nome científico mundial. Na faculdade de Medicina encontrou Guevara antigos conhecimentos. Tomás Rodrigues era, como velho apaixonado e comentador de Galeno, um amigo. Reinoso estudara na Itália. Da sua passagem por Paris e do seu saber deixou Laguna a nota mais brilhante. Diogo de Contreiras, um novo no ensino médico, estava prejudicado pela fama do doutor Franco, a quem sucedera na cadeira por este se ausentar para Castela. Cosme Lopes e Francisco Lopes eram filhos da Universidade e não havia de estender-se a sua fama além do meio em que se criaram e viveram²⁶.

Rodrigo Reinoso era então Lente de prima, cadeira em que fôra provido por quatro anos, em 1545, com o salário anual de trezentos e cinquenta cruzados.

Por carta régia de 24 de março de 1548 foi-lhe feita mercê da regência perpétua da mesma cadeira.

Era castelhano e fôra muito cedo para Itália onde provavelmente estudou. De Itália voltou à Espanha, passando a Portugal e encontrando-se com Amato Lusitano em Almeida (1531-1532).

Foi depois para Paris onde travou relações com Laguna o médico e célebre humanista, o alegre autor do *Anatomica methodus*, que lhe exalta os conhecimentos de grego, o seu saber clínico. A Reinoso confessava Laguna dever a vida, bastando lembrar-lhe o nome para que logo se alegrasse.

De Paris voltara a Espanha regendo em Salamanca onde o foi buscar D. João III para a Universidade de Coimbra.

Reinoso estava velho e doente.

Já em 1553 os estudantes se tinham queixado de que êle não lia e que gastava quási uma hora a dar *teóricas*, o que forçara o conselho a mandar ao bedel, em 8 de fevereiro dêsse ano, que o admoestasse de sua parte e que, se êle insistisse, o fizesse saber ao reitor para prover nisso.

Nesse mesmo ano, de 19 de junho a 15 de julho, leu Francisco Lopes por êle.

Agravaram-se então os padecimentos de Reinoso e o conselho de 29 de novembro de 1553 deliberou que o doutor Francisco Lopes lesse por Rodrigo Reinoso por estar doente.

Leu Francisco Lopes desde 14 de novembro até 4 de dezembro em que Reinoso tomou conta da cadeira.

Mas logo em 16 de junho teve de largá-la ao doutor Francisco Lopes que a leu até fim de julho.

Por fim a 8 de dezembro de 1554 apresentava Reinoso ao conselho uma petição para lhe darem licença para o doutor Francisco Lopes o substituir por estar muito doente, falto de vista e precisar de tratar a sua saúde.

O reitor e conselho responderam mostrando pezar pela sua má disposição, concedendo-lhe a licença por ser conforme aos estatutos, aceitando-lhe o substituto que propunha e pedindo-lhe *q̄ tanto q̄ tiuesse disposição para poder ler o faça por si por sua lição ser muj^{to} necessaria*.

Desde o princípio de outubro até 17 do mesmo mês, lia o doutor Francisco Lopes a cadeira de prima por estar muito doente Reinoso e pela mesma causa leu por êle desde os 26 de novembro até 14 de dezembro e desde o primeiro de janeiro de 1555 até 10 do mesmo mês em que acabava a primeira terça de 1556.

A 11 de janeiro eram chamados a conselho os doutores Rodrigo Reinoso, Cosme Lopes e Francisco Lopes por serem substitutos, quando impedidos, sem pedirem licença ao reitor, e elegia-se *ad vota audientium* o licenciado Jorge de Sá para ler a substituição da cadeira de prima de Medicina, em quanto durasse a enfermidade do doutor Reinoso, ou não pudesse ler, sendo-lhe logo dado juramento por os ouvintes da faculdade terem votado, *nemine discrepante*, que aquele licenciado a lesse.

O licenciado Jorge de Sá começou a ler esta substituição de prima desde 23 de janeiro de 1556.

O doutor Francisco Lopes, em conselho de 28 de maio de 1556,

propoz que se vagasse a cadeira de prima por serem já passados mais meses do que os que o estatuto ordenava; o conselho porém determinou que o licenciado Jorge de Sá continuasse a substituir o doutor Rodrigo Reinoso por ter sido apresentado por êle e confirmado pelo conselho e lhe ter sido dada a substituição *ad vota audientium*²⁷.

Diogo de Contreiras, que lia a cadeira deixada por Francisco Franco, viera para Coimbra reger um curso de Artes com cincoenta mil reais por ano por ser de saber e letras reconhecidos como consta duma carta que D. João III escrevia ao reitor a 10 de junho de 1545, de Évora donde êle era natural.

Diogo de Contreiras começou o curso, no primeiro de outubro dêsse ano, como mandava a carta e a provisão régia que o nomeava.

Em 1550, no primeiro de julho provou um curso de quinze mêses em Medicina.

A 21 de julho de 1551 fazia, na sala chamada da Rainha, onde costumavam ter lugar os autos públicos de Medicina, a última lição de suficiência, assistindo frei Diogo de Murça, reitor e os doutores Reinoso, Pedro Nunes, Tomás Rodrigues, Francisco Franco e Cosme Lopes, argumentando, como mandavam os estatutos, os bachareis da faculdade, sendo aprovado *nemine discrepante*, e admitido a fazer *augustiniana*, e entrar em exame privado.

A 31 de agosto do mesmo ano tirou ponto para *augustiniana*, em Galeno.

Escolheu ponto para exame privado a 3 de novembro dêsse ano, servindo de cancelário Afonso do Prado por comissão do prior do mosteiro de Santa Cruz.

O acto realizou-se, como de costume, na capela de S. Miguel dos paços de el-rei. Abriu os pontos o padrinho, Tomás Rodrigues, lente de véspera de Medicina, escolhendo Diogo Contreiras os dois pontos: um, em Avicena, *de quartana continua*, e outro em Hipócrates, o aforismo 24 do livro 3.^o

Dois dias depois, às nove da manhã, na sala da Rainha, entrou em exame privado, a que não veio o doutor Pero Nunes por ter um filho a morrer. Assistiram além do reitor os doutores Tomás Rodrigues, Francisco Franco e Cosme Lopes.

Diogo de Contreiras leu durante duas horas as duas lições, argumentando os doutores médicos presentes e Afonso do Prado e foi aprovado com quatro AA e nenhum R.

Tomou gráu de licenciado a 8 de novembro, às dez horas, na capela de S. Miguel, sendo-lhe dado pelo vice-cancelário Afonso do Prado e testemunhando o doutor Tomás Rodrigues, Nuno Álvares, bacharel em Teologia e Francisco Fernandes, bacharel em Cânones,

A 22 de maio do ano seguinte de 1552 tomou o gráu de doutor.

Realizou-se o acto na sala grande dos paços, onde então se começavam a fazer, com a assistência de todos os lentes da faculdade e muitos outros.

Martin de Azpilcueta Navarro fez as vezes do reitor.

Deu o gráu o vice-cancelário Afonso do Prado, e poz-lhe as insígnias o doutor Rodrigo Reinoso, padrinho, e lente de prima de Medicina.

Diogo de Contreiras regia desde 15 de fevereiro de 1556 a cadeira que fôra de Francisco Franco, que se havia retirado para Espanha abandonando a Universidade de Coimbra²⁸.

O doutor Francisco Franco regera a cadeira de terça, tendo-lhe terminado a provisão real em julho de 1553, continuando a ler por voto do conselho de 20 de outubro do mesmo ano, com salário à razão da terça parte.

Em 9 de dezembro foi eleito almotacé juntamente com o bacharel Francisco Rodrigues, filho do canceler-mór.

Em conselho de 1 de fevereiro de 1554 apresentou nova provisão régia para ler a sua cadeira de terça de Medicina, como a lera pela primeira provisão, isto é, com o salário de oitenta mil reis e duzentos alqueires de trigo por três anos mais, continuando com a provisão anterior e vindo por isso a acabar no fim de setembro de 1556.

Apezar da provisão apresentou, a 24 de abril de 1554, em mesa da fazenda, uma carta de D. João III que lhe dava a licença que pedira para ir para Castela e mandava ao reitor e deputados do despacho da Universidade lhe pagassem o salário devido, além de cem cruzados de que el-rei lhe fazia mercê para o caminho por outra provisão que trazia. E que, se lesse até o S. João, se lhe deveria pagar todo o devido à razão de seu ordenado.

O conselho mandou que se lhe fizesse de tudo bom pagamento, com toda a brevidade, antes que se pagasse a outra qualquer pessoa²⁹.

Guevara adoecera no comêço da primavera, talvez de vontade de ir até Lisboa, e o conselho de 29 de maio dêste ano de 1557 viu-se obrigado a nomear a mestre Gaspar da Costa para o substituir em quanto durasse o seu impedimento.

Êste Gaspar da Costa que viera substituir Alonso de Guevara era um rapaz novo que mais tarde deveria ter em Lisboa o lugar de cirurgiã-mór, vago por morte de mestre Gil seu pai, e que o doutor Leonardo Nunes, físico-mór, exercia provisoriamente sem disso receber salário ou emolumentos que eram destinados a pagar os estudos daquele na Universidade, e o seu estágio no hospital de Nossa Senhora de Guadalupe.

Mestre Gil era lente de prima de Medicina em Lisboa quando D. João III transferiu a Universidade para Coimbra, sendo-lhe por carta de 22 de junho de 1537 mandado pagar quatorze mil reais de tença em cada ano, às terças, em qualquer parte em que estivesse, embora não lesse a dita cadeira.

Pela mesma carta se lhe concedia o goso de todos os privilégios, honras e liberdades que tinham os lentes dos estudos de Lisboa, a não ser o poder ser chamado à jurisdição do conservador privativo dos mesmos estudos.

Mestre Gil não veio para Coimbra reger na nova Universidade, o que facilmente se explica pela sua favorecida situação na côrte, de maiores proventos em salários e honrarias.

Quando mestre Gil morreu, era já o filho mestre em Artes em Coimbra onde continuou a estudar.

Gaspar da Costa estudava em Coimbra com Ambrósio Nunes, e por êle caía, logo de princípio, um pouco da consideração em que andavam aqui os filhos do fisico-mór.

Os documentos porêm distinguiam... Quando se referem a Gaspar da Costa, dizem secamente *de Lisboa*, ao quererem designar-lhe a pátria; em referências análogas a Ambrósio Nunes, escreve sempre o secretário *corteção*, como em mesura cerimoniosa à situação privilegiada que o pai ocupava na côrte.

Vivia também em Coimbra Aires Nunes, outro filho do fisico-mór, que começara regendo uma catedrilha de Cânones nas vacações de 1553 por provisão régia apresentada em 30 de junho do mesmo ano, que o reitor D. Manuel de Meneses a princípio se recusara a aceitar por já ter apresentado para ela o bacharel Luís Afonso e não saber se o alvará que criara as cadeiras de vacações, cometia a sua nomeação ao reitor ou ao rei.

Reunido o conselho a 4 de julho, deliberou dar vista às partes para três dias depois.

A 7, em conselho, eram os embargos comunicados a Aires Nunes que apesar de novo, quando convidado a responder-lhes, se recusou a fazê-lo, dizendo muito diplomaticamente, que só pedia ao reitor e conselho lhe dessem, ou mandassem dar certidão de que lhe não guardavam a provisão de el-rei.

O conselho não tomou nesse dia resolução alguma e guardou para o seguinte a determinação definitiva.

No dia imediato, o conselho nomeava Aires Nunes por a data da provisão régia ser anterior, como garantia o reitor, à da apresentação que êste fizera de Luís Afonso para a regência da cadeira, e êste declarar não querer insistir em seus embargos.

Gaspar da Costa foi do curso de Artes do infante D. António, filho do infante D. Luís, que começou a educar-se no mosteiro de Santa Cruz. Foi discípulo de mestre Luís Álvares Cabral.

O grau de bacharel em Artes foi tomado juntamente com o infante e os condiscípulos, que não chegavam a vinte, na igreja do mosteiro de Santa Cruz, a 16 de março de 1550 com assistência do reitor fr. Diogo de Murça e do cancelário D. Francisco. Foram testemunhas os doutores Afonso do Prado, Marcos Romero, D. Fulgêncio de Bragança, D. Sancho de Noronha e outros muitos doutores, mestres e cidadãos.

Fez exame, juntamente com Ambrósio Nunes, para admissão ao grau de licenciado em Artes, a 12 de junho de 1551, ficando ambos aprovados *nemine discrepante*.

Quando se procedeu à tiragem das sortes para regular a ordem no tomar do grau, ficou Ambrósio Nunes no penúltimo lugar e Gaspar da Costa no último.

Tomaram grau com o infante D. António e outros discípulos do mestre Luís Álvares Cabral a 14 de junho. O grau foi dado por D. Francisco na igreja de Santa Cruz, às onze horas da manhã.

Assistiu o reitor fr. Diogo de Murça e foram testemunhas os doutores D. Sancho de Noronha, Afonso do Prado, Marcos Romero, António Vaz e outros muitos.

Tomou o grau de mestre em Artes a 12 de julho, na capela de S. Miguel às oito horas da manhã. Foi-lhe dado pelo lente de véspera de Teologia que fez as vezes de cancelário. Poz-lhe as insignias o doutor mestre Álvaro.

Testemunharam o acto D. Álvaro da Costa, Vicente Fabrício, Diogo de Gouveia, mestres em Artes e outros. Assistiram doutores de todas as faculdades.

A 10 de novembro de 1552 provou dois cursos, um de Medicina que acabara em julho dêsse ano e outro, o de Artes, que lhe era levado em conta em Medicina, por ter sido do curso do infante D. António.

A 22 de janeiro de 1555 provou ter ouvido os anos de 1553 e 1554 e as respectivas vacações o que fazia dois cursos e quatro meses, e o ano de 1555.

Tinha por isso os cursos necessários para o auto de bacharel corrente que fez a 14 de fevereiro de 1555 sendo aprovado *nemine discrepante* e tomando grau nesse dia.

Na acta que se lavrou do grau é designado por *gar da Costa de lix.^a curuJão mor del Rei nosso Sôr*.

Fez conclusões para bacharel formado a 8 de junho de 1555.

Era naturalmente o discípulo predilecto de Guevara, atendendo à sua qualidade de favorecido da côrte, e ao lugar de cirurgião-mór que em Lisboa lhe estava reservado.

Na Universidade, ninguém se entendia. A vinda de Baltazar de Faria se alguma influência benéfica tivera na regularização da fazenda da Universidade, nada conseguira até então na reforma dos estudos que se esperava.

Em 3o de abril, tinham os do conselho chamado o doutor Cosme Lopes que lia desde janeiro uma catedrilla de Medicina, para o avizarem de que não podia continuar a reger por lhe ter acabado o tempo da provisão que para isso tinha, e que, se por acaso estava regendo por provisão nova, que o conselho desconhecia, a apresentasse.

Cosme Lopes alegou que lia com licença do reitor por António Pinheiro lhe mandar que regesse e que mais tarde se lhe mandaria a provisão. O conselho não houve por suficientes nem estas nem outras razões de Cosme Lopes e resolveu que não fosse lançado em folha sem apresentar provisão; mas que, se quizesse ler sem salário, o podia muito bem fazer.

Ora é curioso que, no mesmo livro dos conselhos, a fl. 337 se acha ordem do reitor para Cosme Lopes continuar a ler a cadeira de Medicina que regia, não obstante não ter provisão régia, porque tinha mandado suas petições para o fazer a Baltazar de Faria, confiado na carta em que el-rei ordenava que os lentes não fossem à côrte, e que não houvera despacho, o que aliás tinha acontecido a todos os doutores que se haviam subordinado às ordens régias.

Cosme Lopes continuou a ler e, como a 29 de maio não tivesse ainda provisão, pediu em conselho, nesse dia, que lhe dessem uma carta para el-rei ser informado de que elle regia e lhe mandar passar provisão. O conselho resolveu escrever a carta por o doutor Cosme Lopes ser benemérito da Universidade.

Só a 19 de julho, depois da morte de D. João III é que Cosme Lopes pode apresentar carta régia para ser pago por inteiro de todo o tempo que regera sem para isso ter provisão real³⁰.

Nada se sabia na Universidade das resoluções tomadas sôbre as cadeiras de Medicina, e o mesmo acontecia com as das outras faculdades.

O reitor, António Pinheiro e Baltazar de Faria calavam os lentes que andavam na côrte com promessas e com promessas os mandavam da côrte para a Universidade, quando começavam a importunar.

Não era Cosme Lopes o único a queixar-se, nem foi o último. Depois d'ele, a 16 de novembro, foi chamado a conselho Luís de Castro por não aparecer a ler a sua cadeira de Cânones, e aí lhe pediu o

reitor que a lesse porque era grande a sua falta no ensino. Respondeu Luís de Castro que não lera por doente, mas, são que estivesse, não houvera de ler por ter regido durante muitos anos e darem-lhe apenas trinta mil reais de salário. Caira em voltar a reger para Coimbra; porque o doutor Afonso do Prado, António Pinheiro e Baltazar de Faria, que, na côrte, tratavam dos negócios da Universidade, lhe tinham assegurado que viesse reger, porque ia ser provido na cadeira de Clementinas com sessenta mil reais, e que até então lhe não tinha chegado o dito despacho, antes lhe asseguravam que se sobrestivera nele. De nada lhe valera ter vindo reger; porque lhe tinham faltado a êle, como aos outros, a quem tinham feito iguais promessas. Precisava tratar das suas cousas. Era pobre!

E rematou pedindo que o escusassem do trabalho de ler.

Levaram-no por fim a continuar a reger, com o lhe dizer o reitor que a sua lição era necessária, e lhe assegurar que o conselho escreveria a el-rei que tomasse conclusão no seu despacho³⁴.

NOTAS E DOCUMENTOS

¹ São inéditos os documentos que a seguir publicamos, sendo apenas conhecido o segundo pela breve nota fornecida a Sousa Viterbo, juntamente com outros documentos respeitantes a Guevara, pelo cônego Prudêncio Quintino Garcia. Dois incansáveis investigadores, e dois amigos, ambos mortos já...

SOBRE O LENTE DE MEDEÇINA E NOTOMIA |

«Aos vinte e dous dias do mes de Junho de jbc l^{ta} e seis años na çidade de Coimbra e Sala dos paços del Rei noso Sôr | Sendo hi presente o Sôr Reitor o doutor a^o do prado, e o mestre dõ Jorge dataide o bacharel bastiam de madureira e o bacharel a^o de guimaraes e o m^{te} fr^{co} Carlos E o m^{te} a^o píz | Conselhros Juntos e chamados a cõselho e cõselho faz.^{do} seg^{do} seu Costume | loguo hi ly eu escriuão abaixo nomeado hũa prouisão del Rei noso Sôr p^a | o L^{do} a^o Roíz de gueuara leer nesta vniversidade ao tempo e ora q̄ neste cõselho lhe for ordenada hua Cadeira de medeçina Juntam^{te} e danotomia a qual leeria em quanto S. A. ouuese por bem e não mandase o cõtrairo. cõ cinquêta mil r̄s dordenado por año | e ade começar a leer do primeiro doutubro. deste año. presente de bc l^{ta} e seis. e poré começando a leer primeiro. sera cõtado e amitido a iso E asi mais lij outra prouisão. do dito Sôr por q̄ faz merce ao dito l^{do} alonso Roiz de gueuara de vinte mil r̄s mais em quanto leer a dita Cadeira q̄ tudo sera pago acusta das Rendas da vniversidade as terças seg^{do} ordenança e as ditas prouisoões q̄ valem por Cartas. em q̄ esta o sinal. de. S. A. erão escritas. por Jorge da costa e soscriptas por Me^l da Costa aos oito dias de Junho de jbc l^{ta} e seis || E lidas asi as ditas prouisoões mandarão q̄ se cumprisem como se

nellas. cõtem. e q̄ eu escriuão do Cõselho lhe dee a pose e juram^{to} de bem leer e q̄ Registe as ditas prouisoẽs. no liuro dos Reg.^{tos} djo daz^{do} o escreui.¹

POSE DA CADEIRA DE MEDECINA
E NOTOMIA q̄ SE DEO AO L^{do} ALÕ
SO ROIZ DE GUEUARA

«Aos vinte e dous dias do mes de Junho de jbc l^{ta} e seis aões na Casa dos paços del Rei noso Sõr onde se lee medeçina | eu djo daz^{do} escriuão do cõselho desta vniuersidade de Coimbra dei a pose da Cadeira de medeçina e anothomia ao L^{do} alõso Roiz de gueuara q̄ se sobio na Cadeira e a começou a leer *por* virtude da prouisão de. S. a. e mādado do cõselho e forão test.^{as} o doutor Cosme lopez e os mestres bastiam Roiz e fr^{co} Carlos *bacharel* em medeçina e eu djo daz^o o escreui | »².

² O tempo da leitura das catedrilhas de vacações era mandado contar a professores e a estudantes como dois meses, nos cursos que eram obrigados a ler ou ouvir. De vários documentos parece porêem deduzir-se que os cursos de vacações eram pouco frequentados e que a grande maioria dos estudantes abandonava Coimbra nestes dois meses que eram apenas aproveitados por os que tinham absoluta necessidade de o fazer.

Na nomeação do mestre Francisco Carlos, o reitor diz faze-la por assim o haver por bem e o querer. Esta frase indica apenas que o reitor não obedecia, nesta nomeação, a provisão régia que lha mandasse fazer; e não, como poderia parecer, que estas nomeações fossem da atribuição exclusiva do reitor. O reitor só nomeava se não havia provisão régia que o tivesse feito. O aviso régio, que as cria, não atribue êsse direito exclusivamente ao reitor e, por isso talvez, nunca se encontrava quando a vontade real embaraçava a do reitor. Acatava-se, nesses casos, a provisão régia, afirmava-se perdida a carta que criava as cadeiras, e o reitor e o conselho resalvavam os seus direitos para possíveis nomeações futuras.

«Eu el Rey faço saber a vos padre Reitor Lemtes deputados e conselh.^{ros} da minha vniuersidade da cidade de coimbra que eu ey por meu seruiço E bem desa viuersidade que daqj em diamte aja nela duas cathedrilhas de mediçina E outras duas de theologia que se leyão no tempo das vacações de cada hũ anno E ey por bem que os Lemtes dellas tenham e ajam de sallairo quatro mill r^{rs} cada hũ e cada hũ anno por assy lerẽ no dito tempo das vacações — Notefficouollo asy e mamdo que asy o õpraes posto q̄ este nã seja pasado pola chamçelaria sã eẽbargo da ordenaçã em contr.^o Joam de seixas o fez e santarem a omze doctubro de mill bc coremta e seis — Manoel da Costa o fez sprever »³.

O MESTRE FR^{CO} CARLOS

«Aos dezoito dias dabrill de jbc l^{ta} e seis anos disse o sõr Rejtor o doutor a^o do prado a mⁱ escriuão abaixo nomeado q̄ elle daua como de feito deu. ao mestre fr^{co} carlos brẽl formado em medeçina hũa das cadeiras ordinarias de medeçina das va-

¹ Arquivo da Universidade, *Conselhos*, 1553 P. 1557, vol. 2, fls. 258 e 258 v.^o

² Idem, *Ibidem*, 1553 P. 1557, vol. 2, fl. 258 v.^o

³ Idem, *Provisões*, vol. 1, fl. 311.

cações para a ler os dous meses dagosto e setembro deste año. cõ a qual Cadeira avera os quatro mil rrs a ella ordenados e do asi aver por bem e querer mandou fazer Este asento djo dazdo o escreui.

tambem o dito sor Reitor dise q̄ dava a outra cadeira de medecina das vacações ao mestre bastiam lopez»¹.

³ É um episódio inédito da curiosa vida de Pero Nunes que aqui deixamos registado. Os dois documentos são dos mais curiosos para a história da vida académica do século xvi. Sobre Pedro Nunes temos mais de cem documentos absolutamente inéditos, que são um espelho de toda a vida universitária, em que o douto professor andou sempre envolvido pela confiança que na sua inteligência, trabalho e honradez tinham tanto o reitor como o corpo docente. Apesar do interesse que despertaram os poucos que publicámos no número anterior desta *Revista*, não podemos obedecer por agora às solicitações que nos fazem para a publicação do restante por ser deslocada aqui. Não publicaremos senão o que estiver ligado à história da faculdade de Medicina a que pertenceu, ou à história geral da Universidade, nos pontos em que houvermos de nos referir a ela.

«Aos dezoito dias do mes de setembro de jhc l^{ta} e seis años na çidade de Coimbra e pousadas. do Sõr Reitor. o doutor a^o do prado | sendo elle hi presente cõ os doutores James de moraes. e belchior Corneio. e cõ o doutor p^o nunez Cosmographo mor e o L^{do} Esteuão nigr.^a sindico. Juntos no despacho da mesa da faz.^{da} e despachando segundo seu Costume | por elle Sõr doutor p^o nunez foi dito. q̄ oJe faz oito dias q̄ se lhe entregou hũa das chaues. da arca donde se Recolhe o dinhr^o do Rendim^{to} das Rendas da vniversidade e por elle ser velho e ter muj^{tas} obrigacoes, pedia por merçe o desobrigasem da dita chaue e se pollo tempo q̄ asi entendeo no dito Recebim^{to} fose obrigado a dar cõta ou dar de si algua outra Rezaõ. q̄ elle estaua prestes para o fazer | por quanto não. queria obrigar se a dar outras cõtas. mais cõpridas. por ser casado e ter muj.^{tos} f^{os} e lhes não querer deixar desgostos q̄ de semelhantes Recebim^{tos} se causam. e Recreçem | e o dito Sõr Reitor açeitou. as ditas chaues. e dise q̄ elle tinha obrigação a dar cõta do dinhr^o do dito Recebim^{to} por as ditas chaues. estarẽ em seu poder antes q̄ as elle doutor tiuesse e q̄ elle queria q̄ toda a obrigação q̄ sobre elle pudese cair ficase sobre elle sem elle doutor p^o nunez em ninhuo tempo ser por o dinhr.^o do Recebim^{to} das ditas Rendas. q̄ se ora Recolhe na arca Requerido nẽ demandado nẽ delle pagase cousa algũa | posto q̄ falte | soom^{te} lhe pedia por ser muj^{to} para iso e o Sõr baltasar de faria o escolher para este carrego o quisesse aceitar. e sirua em nome delle Sõr Reitor e aceite as chaues do dinhr.^o prata e papeis q̄ elle avia de ter ficando a obrigação de tudo sobre elle asi como o antes tinha | e quanto ao interesse e proueito q̄ pollo dito trabalho ouuese de aver queria que elle o ouuese Juntam^{te} cõ os Sr̄s. doutores James de moraes belchior corneio. q̄ tem as outras chaues. e tem Igual obrigação a dar cõta da dita faz.^{da} como elle dito Sõr Reitor |. e elle doutor p^o nunez açeitou as ditas chaues da maneira q̄ elle Sõr. Reitor dezia sem ficar obrigado a cousa algua mais q̄ a fazer boa deligençia no Recebim^{to} guarda delle e do q̄ mais fose neçesario de sua pa |»².

¹ Arquivo da Universidade, *Conselhos*, vol. 2, fl. 247.

² Idem, *Fazenda*, vol. 1, cad. 2.^o, fl. 126 v.^o e 127.

Q O DINHRº DO RENDIMTO DESTE AÑO | DE 1556 Q HE DA NOUIDADE
DO AÑO | DE 1555. SE META EM HUA ARCA DE | TRES CHAUES.

«Aos dezeseis dias do mes Março de jbc lta e seis años na çidade de Coimbra e Casa dos paços del Rei noso Sør. onde se faz o Cõselho da vniversi.de sendo hi presentes ho Sør Ldo baltasar de faria. do Cõselho del Rei noso sör. e seu desem-bargador do paço q per seu mandado ora visita esta vniversi.de e o Sør doutor ao do prado Reitor Juntos no despacho da mesa da faz.da e despachando segdo seu costume | cõ os doutores James de moraes e belchior Corneio lentes e deputados do cõselho cõ pº diz Castello branco vor e o Ldo esteuão nugra sindico todos quatro deputados q cõ eles Srës baltasar de faria e Reitor podem prouer sobre todas as cousas tocantes a faz.da da dita vniversi.de per elles foi asentado por o Ror Jorge lopez dar sua conta e não aver hi Ror | q ho Reçebimto deste año. de Ramos e são yo deste año de jbc lta e seis q he da nouidade do año atras de bc lta e çinquo em quanto se não proue | q todo ho dinhrº do Rendimto das Rendas da vniversi.de deste dito año se lance em hua arca q estara em Casa do Sor Reitor e a dita arca sera de tres chaues e elle Sør Reitor tera hua e cada hũ delles doutores deputados tera a sua e far se ha hũ liuro de Reçeyta em q se escreuera o dinhrº q na dita arca se meter e Simão de figro escreuera alem do q per seu officio he obrigado tanbé nas outras Rendas. em quanto Mel thomas q he escriuão da Reçeita e despesa das ou-tras Rendas não for presente | djo dazdo o escreui e pus de Reçeita e Risquei e asi outro de de | e a vera mais outra chaue do cofre q estara dentro na arca q tera o Reitor e hua das chaues de fora tera o dito spvão, e não se Reçebera ninhũ dinhr. sem serẽ todos Elles presentes q asinarão no dito libro e pasarão c.tos as partes feitos pello dito spvão do dinhrº q asi Reçeberẽ. e em outra maneira não se leuara em cõta ho dinhrº q os Rendeiros derẽ. sem ser entregue por esta maneira sobre dita | pus q tera o Reitor | djo dazdo o spreui

doctor	baltasar de faria	
paço Ror	ho doutor James de moraes	belchior corneio
Pº Diaz de Castelbranco	nogra lus ¹ .	

¹ Arquivo da Universidade, *Conselhos*, vol. II, fl. 407.

² Idem, *Ibidem*, vol. II, fl. 281 e 281 v.º

³ Idem, *Ibidem*, vol. II, fl. 334 v.º e 335.

⁴ Idem, *Ibidem*, vol. II, fl. 340.

⁵ «Aos seis de março de jbc lta e sete años na çidade de Coimbra e pousadas do Sør Reitor o doutor ao do prado sendo elle hi presente no despacho da mesa da fazda da Vniversi.de despachãdo segundo seu Costume cõ os srës o doutor James de moraes em ausençia do doutor gar gllz e o Ldo onofre frco em lugar do doutor Mel da Costa e pº diz Castellobrãquo veedor e o Ldo esteuão nugra Sindico todos quatro deputados da dita faz.da |

Sobre olête danatomia |

no dito despacho apresentou. alonso Rodriguez de gueuara hua porteria do fisico mor por q cõstaua | ElRei noso Sør aver por bem e mandar por fazer merce. ao dito alonso

⁶ Arquivo da Universidade, *Ibidem*, vol. I, cad. 2.º, fl. 120 v.º e 121.

Roiz de gueuara lente danotomia q̄ fose pago por inteiro dos dous meses doutubro e nour^o de jbc 1.^{ta} e seis q̄ andou na sua Corte e pedio p̄ virtude della q̄ lhe mandasé pagar o dito ordenado da dita sua Cadeira | E visto seu pedir e hũa Carta q̄ o doutor ant^o pinhr^o escreueo ao dito Sór Reitor p̄ q̄ cõstaua S. A. fazerlhe a dita merce. q̄ lhe fose ho dinhr^o do seu ordenado q̄ se mōtar nos ditos dous meses. paguo cõ tal cõdição q̄ ate a paschoa deste año q̄ he ao tempo q̄ se ha de fazer pagam^{to} da segunda terça delle tragua prouisão. de sua alteza para se leuar em cõta o dito dinhr.^o e não atraz^{do} se lhe descõtara o dinhr^o q̄ se lhe ora manda dar dos ditos dous meses. do q̄ lhe for lançado na folha da seg^{da} terça dj^o daz^{do} o escreui.

doctor

prado Rtor

ho D. James de moraes

Inoffre franco

Po Diaz de castlbrãço

nog^{ra} Ltus^o 1.

⁹ J. A. Serrano, *Tratado de Osteologia*, pág. x.

¹⁰ Alphonsi | Rod. de gueuara | Granatensis, | *In Academia Conimbricensi rei medicæ | professoris, & Inclitæ Reginæ medici | physici, in pluribus ex ijs quibus | Galenus impugnatur ab An- | drea Vesalio Bruxelēsi | incõstructione & vsu | partium corporis | humani, de- | fensio: | Et nonnullorum quæ in anatome deficere | videbantur supplementum.* | Conimbricæ. | *Apud Joan. Barrerium Typographũ Regiũ.* | M.D.LIX |, in dedicatória AD DIVAM CATHERINAM.

¹¹ Idem, *Ibidem*, ad cãdidum lectorem.

¹² Comento | *en romance a ma | nera de repeticion latina y scholastica de Juristas, sobre el capitulo Quando. de cõsecratione dist. prima. Cõpuesto por el doctor Martin de Azpilcueta Nauarro, cathredatico de prima e canones de la vniuersidad de Coimbra, en el exercicio de todas letras muy sublimada.* Conimbricæ. Nonas Octo. M.D.XLV.

O livro de D. Martin de Azpilcueta é cheio de detalhes interessantes sôbre o viver coimbrão do século xvi. Tudo o que deixo escrito sôbre as festas religiosas é calcado sôbre as palavras do austero professor. Cfr. págs. 81, 279 e 313.

¹³ Arquivo da Universidade, *Conselhos*, vol. II, cad. 2.^o, fl. 86 e segs.

¹⁴ D. Martin de Azpilcueta, *Opera*, Romæ. Ex Typ. Jacobi Tornerii. M D L XXXX, pág. 20.

¹⁵ Idem, *Ibidem*, pág. 16.

¹⁶ Idem, *Ibidem*, pág. 16.

¹⁷ Idem, *Ibidem*, pág. 18.

¹⁸ Idem, *Ibidem*, pág. 19.

¹⁹ Idem, *Ibidem*, pág. 19.

²⁰ Idem, *Ibidem*, pág. 22.

²¹ Idem, *Ibidem*, pág. 21.

²² Idem, *Ibidem*, pág. 21.

²³ Arquivo da Universidade, *Conselhos*, vol. II.

²⁴ Idem, *Ibidem*.

¹ Arquivo da Universidade, *Fazenda*, vol. I, cad. 2.^o, fl. 137.

SOBRE OS ESTUDANTES Q̄ | ESTAM EM SALAMANCA | PARA VIRĒ
 CÔTINUAR SEU ESTUDO A ESTA VNIVERSIDADE | E SOBRE OS CURSOS
 E GRAOS |

«Aos Catorze dias do mes de Junho de jbc lta, e seis años na çidade de Coimbra e sala dos paços del Rei noso Sôr. sendo hi presente o Sôr doutor ao do prado Reitor desta vniversidade cõ os deputados e cõselhr.os Juntos e chamados a cõselho e cõselho fazdo segundo seu costume | logo hi se leerão duas provisões del Rei noso Sôr e na hũa dezia q̄ avia por bem por fazer merce aos estudantes. deste Reino q̄ ora estam na vniversidade q̄ vindo Elles cõtínuaer seu estudo a esta vniversi.de ate o primeiro dia doutubro deste presente año de jbc lta e seis q̄ lhe fosse leuados em Cõta os Cursos q̄ nella tiuerẽ feitos e graos q̄ nella tenham Reçebidos Como se nesta vniversi.de de Coimbra os Cursarão e nella Receberão os ditos graos e não vindo ate o dito tenpo q̄ lhe não sejam amitidos e se guarde a ordenação q̄ sobre o Caso tem pasada | porq̄ do dito dia doutubro em diante não despensaria mais Cõ p^a algũa. E na Seg^{da} prouisão dezia q̄ se amitisem os Cursos e graos q̄ treze estudantes no Rol q̄ estaua nas costas da dita prouisão erão nomeados Como Se os Cursarão e Receberão nesta vniversidade de Coimbra e lidas así as ditas prouisões dise elle sôr Reitor q̄ Jaa forão lidas no Cõselho de cõselhros donde o C^{to} dellas ptencia Conforme aos Estatutos E porẽ por se dizer nas mesmas provisões q̄ os deputados e Cõselhr.os cõ elle Reitor as amitisem. e as mandasẽ publicar q̄ portanto mandara a m̄i escriuão q̄ as noteficasse e publicasse neste cõselho | para tambem Comunicarẽ se dos graos q̄ así tiuerẽ Recebido os ditos estudantes se se auiam de pagar alguas propinas segdo o estatuto q̄ fala na emCorporação dos graos q̄ doutras vniversidades se vem a emCorporar nesta | E praticado tudo e vistas as ditas prouisões Estatutos e leis q̄. no Caso falam q̄ tudo esta emCorporado no liuro dos Estatutos. | asentarão cõsiderando a tenção del Rei noso Sôr por q̄ manda q̄ se amitam os ditos Cursos e graos Como se os nesta vniversidade Receberão a qual merce parece ser livre e sem Cansella algua. q̄ se Remitam as propinas aos graduados q̄ por virtude da dita prouisão vierẽ a cõtínuaer e acabar seu estudo a esta vniversidade e porq̄ tambem pareçia q̄ el Rei noso Sôr. os abilitaua p^a poderẽ vsar de seus Cursos. letras e graos neste Reino o q̄ era proibido por sua lei q̄ era asaz de gram merce. e pareçia que não quereria preJudicar as p.^{as} q̄ pretendesem ter dereito os ditos deputados q̄ presentes estauam e os ditos Cõselhros diserão q̄ Cada hũ lhe Remetia sua parte | se de dereito lhe fosse devidas as ditas propinas. e porẽ declararão | q̄ por quanto os Estudantes na vniversidade de Salamanca Recebem seus graos cõ cinco Cursos soom.te e amitindo lhos nesta vniversidade Simplexm.te desdo tenpo q̄ la Receberão o dito grao se prefeririam aos brês. desta vniversi.de mais antiguos em Cursos o q̄ era grande inconveniente e grande perJuizo dos graduados desta vniversidade asentarão | q̄ lhe não seião cõtados os ditos graos de brês q̄ así trouxerẽ provados da dita vniversidade de Salamanca senão depois do dia da emCorporação e asento q̄ se ha de fazer por mandado do Reitor no liuro dos Cursos, e cõ estas declarações mandarão q̄ as ditas prouisões se cunprão Como se nellas Cõtem» ¹.

¹ Arquivo da Universidade, *Conselhos*, vol. 3, fls. 316, 316 v.º e 317.

«Sexto. cal. martij

Aos vinte e quatro dias do mes de feuro de jbc lta e hum años na çidade de coimbra e salla grande dos paços del Rei nosso snõr onde se os semelhantes acostumão a fazer as dez oras de polla minhã sendo presente o. S.^{or} frei djo de murça Rector e toda a faculdade das artes. o mestre belchior beliago deo o grao de brél em artes. aos seus deçipullos os quaes saõ os seguintes.

ĩ Simão mazcarenhas deuora	ĩ fr ^o carllos de coimbra
ĩ p ^o mendez	ĩ fernão Roiz da guarda
ĩ luis eanes de mira	ĩ fr ^{co} lopez de castainço
ĩ djo barbosa deuora	ĩ bastiã lopez de leiria
ĩ fr ^{co} lopez de torres novas	ĩ grauiel gomez de Sãtaré
ĩ simão de touar de lixa	ĩ fernã lião de lix. ^a
ĩ frei ant ^o da ordé de Sã fr ^{co}	ĩ fr ^{co} nunez de lamego
ĩ bastiã lopez de punhete	ĩ djo landim de lix. ^a
ĩ ant ^o de torres de madril	ĩ ant ^o de gouuea destremoz
ĩ Jorge a. ^o da geestosa	ĩ alois brandão de coimbra
ĩ ant ^o Rabello de Villa Real	ĩ na conta se pos lujs Leytãm
ĩ Sjmão camello de lixa	ĩ a ^o Roiz de beja
ĩ cosmo diaz de uilla noua de mōcaros	ĩ aleixandre diaz
ĩ Jorge lopez de uiseu.	

forão tas presentes djo de cõtreyras e mel de pina e ant^o do souto examinadores e o m^{tre} vicente fabriço e o doctor prado e o doctor aluaro da fonseca e outros muj.^{tos} e eu djo daz^{do} o spreui^o 1.

FR^{CO} LOPEZ

«aos xxij de maio de jbc lta años na çidade de Coimbra na salla da Rainha onde se os semelhantes autos acostumão a fazer o brél fr^{co} lopez sustentou o auto q̄ se rrequere para ser brel formado e medeçina e foi o doctor Reinosso padrinho e forão presentes os doctores thomas Roiz p^o nunez fr^{co} franco cosme lopez e outros mujtos brés e estudantes da dita faculdade djo daz^{do} o spreui^o 2.

«Aos xxbj dias de junho do año de jbc lj años perante o sör Reytor freij djo de murça provarã os seguïtes os cursos e mediçina em seu jté declarados | .

Fr.^{co} lopez de vyla vyçosa brél e mediçina formado prouou este año proximo p^{do} de leitura e mediçina tsa Fr^{co} thomas e Fr^{co} m.^{el} 3.

FR^{CO} LOPEZ

«Aos sete dias do mes de jan^o do ano de jbc lta e dous años em coymbra e paços del Rey nosso sör prouou perante o padre Reytor frey djo de murça o br

¹ Arquivo da Universidade, *Autos e Graus*, vol. iv, cad. 1.^o, fl. 24 e 24 v.^o

² Idem, *Ibidem*, vol. iv, cad. 1.^o, fl. 87.

³ Idem, *Ibidem*, vol. iv, cad. 1.^o, fl. 93 v.^o

frco lopez de Vylla Vyçosa duas fereas de leitura e medicina as de l e de l j tsa frco lro e mel Roiz estudâtes medicos | . E assj prouou mais hũ año de leitura des doutro de bcl. ate fim de Julho de bcl e hũ | . e dous meses de outro e nouro deste año pdo de bclj outo si de leitura | tsa o dito mel Roiz e gar serrão dolyura | e eu symã de figdo espuã do cõselho por djo dazdo ser absente q̄ ho espreuy. nõ duuijde no Riscado q̄ dezia | castainço. da beira simã de fig.º ho espreuij
franco lco Gar serrão dalm^{da} 1.

ULTIMA LIÇÃ DAPROVAÇÃ DO BR

FRCO LOPEZ

«Aos treze dias do mes de janro de jbc l e dous años em coymbra e paços del Rey nosso sör no geral de medicina | estãdo presentes o doutor Reijnoso | o doutor Frãco o doutor thomas Roiz e o doutor cosme lopiz | . leo o br Frco lopez de vylla vyçosa a derrdra licã de suficiẽcia e medicina | . e argumẽtarã lhe os brês da faculdade | e loguõ votarã os doutores sobre ditos p. AA. e RR | . para saber se o admittirã a ter sua agustiniana e êtrar e exame privado | e Regullados os votos foy approuado por todos nemyne discrepãte lãçãdo todos AA. q̄ forã quatº AA. e nenhũ R | : e o sör Reytor nõ foy presẽte por nõ poder vyr e disse o bedel q̄ elle tinha dado suas vezes ao doutor Reijnoso para o Regullar dos votos simã de figº o espreuy | doutor tomas roiz El doctor

Reynoso» 2.

FRCO LOPEZ

«A xbiijº de janro de jbc lij años pelo dito sör Reytor foy asjnado o pto para augustinyana do brêl frco lopez em auicena libr. 3.º de fuore cõtinuo in cura dolor pectoris fen. 1.ª tractatu. v.º cap. 3.º | In gale. no tegni, signa cordis calidi et sicci cõment. 33 symã de figdo o spvj» 3.

EXAME PUADO DO BR FRCO LOPEZ

«Aos vynte e noue dias do mes de março. do año de jbc l e dous años na çidade de coymbra has quatº oras depoyos do mº dia na capella de sã mjguell dos paços del Rey nosso sör estãdo presentes ho doutor aº do prado lête de prima de theologia desta vnyversydade vyceçãcellaryo por comisã do padre dom frco por de sãta cruz cancellario della | o doutor Rº de Reynoso padrinho lête de prima de medycina abryo os ptoos para o exame priuado do bacharell Frco lopez de vyla vyçosa e medicina e elle brêl escolheo no. 2.º aphorismõr aphorism. 2 . quicunq̄ morbi etc. e e auycena prima primi doctrina S.ª c.º p.º mēbra front corpor e eu sjmã de figº ho espreuy

E depois desto Aos trinta e hũ dias do dyto mes de março do dito año de jbc l e dous años has sete oras ãte mº dia nos ditos paços na casa deputada para os semelhãtes Autos o dito brêl Frco lopiz êtrou e exame priuado | E e presẽça do sör frey djo de murça Reytor | e do dito cançellarjo o doutor prado e do doutor Rº

1 Arquivo da Universidade, *Autos e Graus*, vol. iv, cad. 2.º, fl. 124.

2 Idem, *Ibidem*, vol. iv, cad. 2.º, fl. 124 v.º

3 Idem, *Ibidem*, vol. iv, cad. 3.º, fl. 126 v.º

de Reynoso padrinho e dos mais doutores medicos o doutor po nunez o doutor thomas Roiz o doutor fr^{co} frãco o doutor cosme lopez as duas lições q̄ lhe forã asynadas do q̄ atras faz mēçã por espaço de duas horas Ints^{ra} | e argumētarã lhe quatro doutores cõforme Aos Estatutos | E acabado de argumētar votarã p. AA. e RR. para saber se admytriã o dito brēl ao grao de l^{do} em mediçina | e foy Apuado por todos nemyne discrepãte lãçãdo todos. AA. q̄ forã por todos cinq.^o AA. e nenhũ | R | sjmã de figo ho espreuy

El doctor	doctor	frey djo	
Reynoso	p ^{ado}		Reitor de murca» ¹ .

GRAOS DE L^{DOS} A A^TO LOPEZ
E A FR^{CO} LOPEZ

«Aos tres dias do mes de abril do año de jbel e dous años na çidade de coymbra na capella de sam mjguell dos paços del Reij nosso sōr has honze oras do dia estãdo presente o sōr freij djo de murça Reytor o doutor a^o do prado viçe cãçellario deu o grao de L^{do} em mediçina Ao brēl anto lopez desta çidade de cojmbra |. E loguo deu o grao de L^{do} e mediçina Ao brēl Fr^{co} lopez de Vylla Vyçosa e eu espriuã lhes dej Juram^{to} cõforme Aos estatutos |. e forã ts.^a presentes o doutor Ruy lopez o l^{do} Jorge ariq̄ o l^{do} ayres botelho proujsor deste bpdo e djo Roiz cidadão e outro |. E eu sjmã de fig.^o o espreuy e ausencia de djo daz^{do} espriuã do cõselho».

GRAO DE DOUTOR A FR^{CO} LOPEZ

«Aos cinco dias do mes de feur^o do año de mjll e q̄ynhētos çinq^oēta e tres años na çidade de coymbra e salla grande dos paços del Rey nosso sōr hōde se fazē os autos ppcos desta vnyversydade has dez oras ate m^o dia | estãdo presente o sñor dom mel de meneses Reytor da dita vniversydade elleito pelo cõselho e cõfirmado por sua A. | o doutor a^o de prado viçecãçellario por comysã do cãçellario q̄ he o vigr^o de sãta cruz dom basjlio por ser absente o padre dō fr^{co} prior do dito m^o e cãçellario desta vnyversydade deu o grao de doutor e medicina autoritate Regia ao L^{do} Fr^{co} lopez naturall de villa vyçosa | E. pos lhe as ynsgnias o doutor R^o de Reynoso padrinho lēnte de prima de mediçina | o q̄l auto se fez cõforme Aos estatutos e eu espriuã lhe dej prim^o juram^{to} cõforme A elles E eram presentes os doutores de todas as Faculdades e m^{tos} e artes e m^{tos} brs e outs^o estudãtes e pas outs^{ra} | ts^a q̄ forã presētes o doutor alur^o da fonseca o doutor bertalomeu felyppe | o dōtor ascanyo escotto |. o doutor thomas Roiz e eu sjmã de fig^o o espreuy em absencya de djo daz^{do} espriuã do cõselho por seruir ora o dito cargo |. cõ a ātrelinha q̄ diz do dito m^o sjmã de figo ho spreuj»².

Q O. D. FR^{CO} LOPEZ LEA
POR O. D. REINOSO

«Aos vinte e noue dias do mes de nov^o do año de jbc lta e tres na çidade de coimbra e paços del Rei noso Sñor ondē se faz o cõselho da vniversidade sendo hi

¹ Arquivo da Universidade, *Autos e Graus*, vol. iv, cad. 3.^o fl. 127.

² Idem, *Ibidem*, vol. iv, cad. 4.^o, fl. 101 c 104 v.^o

presente o sñor dō Mel de meneses. Reitor e o m^{tre} ant^o da cruz e Joaõ daraujo e fr^{co} fernandez. e g^o mendez e p^o leitão cōselheiros Juntos em cōselho e cōselho fazendo segundo seu costume | foi asentado q̄ o doutor fr^{co} lopez lea. polo doutor Reinosso por estar doente»¹.

27

APSEŦAÇÃ DAS MULTAS | DA P^{MA} TERÇA DO
AÑO DE 53 | Q̄ COMEÇA P̄ OUT^o DE 52. |

Rejnosos

+ o doutor Rejnosos he multado e hũa liçã. por as meas oras q̄ deixou de ler e q̄ se veja a provisã q̄ tẽ de sua moradia para se ver se ha de ser tãbẽ nella multado |. e q̄ eu esprivã o amoeste da parte do cōselho q̄ nõ guaste todo o tẽpo e dar e espritis por q̄ se q̄jxam os ouujntes q̄ guasta quasi hũa hora e dar thioricas |. e q̄ digua ao bedell q̄ se elle depois de amoestado todauia njssso e systir q̄ o faça saber ao sor Rejtor para prouer nisso

cosme lopez

+ o doutor cosme lopez he multado e duas lições. | E no primeiro mes desta terça nõ ha de aver nada nẽ seu jrmão q̄ leo no dito mes como substituto por ler sã lca do cōselho nẽ do sōr Rejtor | simã de fig.^o ho espreuj².

cosme lopez

E no dito cōselho vjrã como quãdo se derã as sustitujções desta terça foy asẽtado q̄ a substitujçã do doutor cosme lopez de mediçina a lese seu jrmão fr^{co} lopez e por ao tẽpo das multas nõ alẽbrar foy multado o dito doutor e agora mã-darã q̄ v^{to} o asẽto do out^o cōselho se lhe cõte a seu jrmão o terço como substituto do tẽpo q̄ leo e q̄ foy asẽtado se lhe nõ paguase³.

mediçina

thomas Roiz

+ no dito cōselho cometerã ao sōr Rejtor q̄ veja o asẽto do año pasado e q̄ foy multado o doutor thomas Roiz e hũa liçã e v^{tas} as causas q̄ allegou se lhe parecer q̄ se lhe deve de Remytir a multa q̄ lha Remyta⁴.
26 de Julho de 1553.

Medeçina

ho doctor Reinosso cõtentara ao doctor fr^{co} lopez q̄ leo por Elle desdos xix de Juhno ate os quinze de Julho⁵.

¹ Arquivo da Universidade, *Conselhos*, vol. II, fl. 59 v.^o

² Idem, *Ibidem*, vol. 2, fl. 15.

³ Idem, *Ibidem*, vol. 2, fl. 18.

⁴ Idem, *Ibidem*, vol. 2, fl. 34.

⁵ Idem, *Ibidem*, vol. 2, fl. 42.

q̄ o. d. frco lopez lea
por o d. Reinosso

Aos vinte e noue dias do mes de novro do año de jbc 1^a e tres na çidade de coimbra e paços del Rei noso Sñor onde se faz o cõselho da vniuersidade sendo hi presente o sñor dô Mel de meneses, Reitor e o mtre anto da cruz e João daraujo e frco fernandez. e go mendez e po leitão cõselheiros Juntos Em cõselho e cõselho fazendo segundo seu costume | foi asentado q̄ o doutor frco lopez lea, pelo doutor Reinosso por Estar doente ¹.

o. d. frco lopez

o doutor frco lopez leo pollo doutor Reinosso des dos catorze dias de nouenbro ate quatro dias de dez.ro e he multado em hũa lição de duas meas horas, q̄ não leo por uir tarde

o. d. Cosme lopez

o doutor cosme lopez he multado em hũa lição de duas meas horas q̄ não leo | ².

o doutor Cosme lopez não leo a tres de março né outré por Elle e he multado nesta lição.

pedio o dito doutor Cosme lopez neste Cõselho q̄ o cõtases desda feitura do seu alura | e q̄ nouamte lhe fez sua alteza merçe q̄ ouuese quinze mil rrs cõ hũa Cadeira de medeçina q̄ lee | por tenpo de tres años | e a dita prouisão foi feita a 18 doutubro de 1553 | e foi asentado q̄ fose cõtado da feitura do alura | sem Embargo de estar mandado por outro cõselho q̄ não vençese senão do dia da apresentaçã | ³.

o doutor frco lopez leo pollo doutor Reinosso desdoz dezeseis de Junho ate afin de Julho e foi cõ liçença do sñor Reitor por Reinosso Estar doente | e frco lopez he multado Em hũa lição de certas meas oras q̄ deixou de ler ⁴.

Sobre o. d. R^o de rreinosso

no dito C^o apresentou o. d. R^o de rreinosso hũa petição pedindo q̄ lhe dessem lea para o. d. frco lopez ler por Elle por Estar muj.to doente e Carecer da vista e Releuar a sua vida e saude Curar se e vista a petição foi Respondido por Elle sñor Reitor e cõselho q̄ lhe pesaua mujto de sua ma desposição e q̄ por ser cõforme aos estatutos lhe dauam a dita L^{ca} para ler o dito doutor frco lopez e porẽ diserão q̄ lhe pediam q̄ tanto q̄ tiuesse desposição para poder ler o faça por si por sua lição ser mujto necessaria ⁵.

Medeçina

o doutor frco lopez leo desdo prençipio doutubro ate os dezeseite dias do dito mes. por o doutor Reinosso lente de prima se achar mujto doete e polla mesma

¹ Arquivo da Universidade, *Conselhos*, vol. 2, fl. 59 v.º

² Idem, *Ibidem*, vol. 2, fl. 118 v.º

³ Idem, *Ibidem*, vol. 2, fl. 150 v.º

⁴ Idem, *Ibidem*, vol. 2, fl. 157.

⁵ Idem, *Ibidem*, vol. 2, fl. 200 v.º

Causa leo por Elle desdos vinte e seis de nov.^{ro} ate os catorze de dez^{ro} | e desdo primeiro dia de Jan^{ro} ate dez do dito mes. em q̄ se acaba Esta terça | leo tambẽ. o dito doutor fr^{co} lopez por Elle doutor Reinoso Estar muj^{to} doente | e vai multado o dito sustituto a Rezão da terca parte. do ordenado da Cadeira o de rradeiro dia de nov^{ro} q̄ não leo.

ho doutor thomas Roiz. he multado em Seis lições q̄ não leo e não lhe leuão em cõta ler o doutor Cosme lopez quatro dellas e o brêl fr.^{co} thomas. duas. por não pedir l.^{ca} ao Reitor nê Cõselho cõforme ao q̄ os estatutos ordenão |

ho doutor Cosme lopez he multado Em hũa lição q̄ não leo aos vinte e hũ de dez^{ro}

o brêl L^{co} vieira leo esta terça a substituição da Cadeira de vespora de medeçina | digo a substituição da Cadeira de medeçina q̄ foi do doutor fr^{co} franquo | sera cõtado a Rezão da terça parte do ordenado da Cadeira ¹.

thomas Roiz.

o doutor thomas Roiz alegou q̄ os seis dias da terça pasada em q̄ foi multado. se mudara de hũas Casas p^a outras e q̄ leera por Elle quatro licões o doutor Cosme lopez e o doutor fr^{co} lopez duas | e vistas suas Rezões foi escuso da dita multa | e q̄ fose cõtado por inteiro | ².

Medeçina

- + de *prima* de crisibus
- + de vespora q̄ lee o doutor thomas Roiz de metodo medendi | e na outra lição q̄ lee de vitu acutorum
- + na Cadeira q̄ foi do doutor fr^{co} franco. phen. 1^a *primi libri*
- + o doutor Cosme lopez. phen. 4^a do *primeiro* ³.

Medeçina

Em Comendouse a substituição da Cadeira de medeçina q̄ foi do doutor fr^{co} franco ao doutor fr^{co} lopez q̄ a leera por tempo de dous meses e vira Receber Juram.^{to} ⁴.

Medeçina

+ ho doutor R^o de Reinoso | e o. d. Cosme lopez. e o d. fr^{co} lopez ande ser ouuidos | por porẽ substitutos q̄ leam sendo elles empedidos sem pedirẽ L^{ca} ao Reitor

+ sera ouuido ho d. ant^o lopez por não acõpanhar o Reiror nos prestitos ⁵.

o L^{do} Jorge de Saa |

no dito Cõselho foi eleito ad vota audientium o L^{do} Jorge de Saa *para* leer a substituição da Cadeira de prima de medeçina em quanto durar a infirmitade do dontor Reinoso ou não puder leer e foi asi eleito por os ouuintes da dita faculdade

¹ Arquivo da Universidade, *Conselhos*, vol. 2, fl. 207.

² Idem, *Ibidem*, vol. 2, fl. 210 e 210 v.^o

³ Idem, *Ibidem*, vol. 2, fl. 212 v.^o

⁴ Idem, *Ibidem*, vol. 2, fl. 215 v.^o

⁵ Idem, *Ibidem*, vol. 2, fl. 228 v.^o

votarẽ nemine discrepante q̄ elle L.^{do} a leese e foi lhe dado Juram^{to} de bem leer e
Elle o prometeo asi | djo daz^{do} o spreui

doctor

prado Ror¹.

Cõtinuacão das multas desta terça de paschoa
de 1556.

Medeçina

+ o L.^{do} Jorge de Saa lee a substituição da Cadeira de prima do. d. Reinoso
por mandado do cõselho desdos vinte e tres de Janro e ade ser cõtado a Rezão da
3^a parte do ordenado da Cadeira cõforme aos estatutos

o. d. djo de cõtreatas

+ o. d. djo de cõtreatas tomou pose da Cadeira de medeçina aos quinze dias
de feur.^o e ade ser cõtado a Rezão de cinquẽta mil r̄rs por año |

o. d. frco lopez

+ o doutor frco lopez leo a substituição da Cadeira de medeçina q̄ foi de franco
ate os Catorze de feur.^o do dito año de 1556.

+ o doutor anto lopez e frco lopez são multados. em hũa dobra Cada hũ por
não acõpanharẽ ao Reitor a vespora nẽ ao dia de nosa sra de março.

doctor

pado Ror².

SOBRE A SUSTITUIÇÃO DE PMA DE MEDECINA

no dito Cõselho | 28 de Maio de 1556 | pedio o doutor frco lopez q̄ se vagase
a substituição da Cadeira de prima de medeçina por serẽ Jaa pasados mais meses
do q̄ o estatuto ordena | e visto o que dispoem | açerca das substituições q̄ apresen-
tam os lentes emfermos q̄ cõfirma o cõselho | achou se q̄ todo o tempo q̄ durase a
ma desposição do doutor R^o de reinoso | o L.^{do} Jorge de Saa q̄ foi por elle apre-
sentado e pollo Cõselho cõfirmado por tanben lhe ser a dita substituição dada ad
uota audientium q̄ Elle dito Jorge de Saa a lea como lee em quanto asi durar a dita
emfirmidade | ³.

Padre Rector. eu el Rey vos enuio m^{to} saudar. | pella boa emformaçã q̄ tenho
do saber e letras de m^{te} djo de comtreiras ouue por bem q̄ elle vaa leer em esa
Vniuersidade hum Curso dartes por tempo de tres años com L r̄rs de mātimo por
año. seg^{do} veres pella prouisam q̄ delo lhe mãdey pasar q̄ vos elle apresemtara Aq̄l
em todo fares comprir Noteficouollo Asy anRiã da mota A fez e eura Aos x de ju-
nho de 1545 | . o quall curso hade começar o prim^{ro} dia doctro q̄ vem deste pre-
sente año | ⁴.

Rey - - - - -

¹ Arquivo da Universidade, *Conselhos*, vol. 2, fl. 230.

² Idem, *Ibidem*, vol. 2, fl. 249 e 249 v.^o

³ Idem, *Ibidem*, vol. 2, fl. 252 v.^o

⁴ Idem, *Provisões*, vol. 1, fl. 302.

prouou djo de cõtreyras deuora dous curssos leitura e medicina de quinze meses isto perãte o sör Reitor frex djo de murça t.^a aluo nunez e frco leo e simã de fig^{do} o espreyu ao pm^o de Julho de jbc lta año

Aluaro Nunez franco lco» 1.

ULTIMA LICÂ DE DJO DE CÔTREIRAS

«Aos xxj dias do mes de Julho do año de mjbc l e hũ años na çidade de coymbra na salla da R^a dos paços del Rej nosso Sör hõde se fazẽ os autos ppcos da facultade de medicina desta vniversidade e presença do sör frey djo de murça Reytor e dos doutores medicos — S. o doutor Rejnoso po nunez thomas Roiz frco frãqo cosme lopez | . djo de cõtreyras deuora bacharel e medicina leo a vltima liçã de suficiẽcia no aphorismo prim^o 4. por diente aphorismorum utero gerẽtes o q̃l põto lhe foi asinado o dia dãtes pello dito sör Reytor e argumẽtarã lhe os bachareis da facultade | e acabado votarã p. AA. e RR. para saber se o admitiriã para fazer sua augustiniana e êtrar e exame privado | e votarã os ditos doutoures e Regullados os votos foj por todos aprouado nemjne discrepãte lãçãdo cada hũ seu. A. q̃ forã cinq^o AA. e nenhũ R Foj digo aprouado para fazer sua augustinjana e êtrar e exame priuado segundo por os estatutos for ordenado simã de fig^{do} o espreyj

pero nunez

frey dj

El doctor

Reitor

de murça

Reynoso» 2.

DJO DE CÔTREIRAS

«Ao derradro dia do mes dagto de jbc li años tomou djo de cõtreyras ponto para Augustynyana e gualeno na arte parua cap. 29 de signis cordis calidi et sequentibus» 3.

EXAME PRIUADO

DO BR DJO DE CÔTREIRAS

«Aos tres dias do mes de nouro de jbc l e hũ años has quatro horas depojs de m^o dia e coymbra na capella de são mjguell dos paços del Rej nosso sör estãdo presente o doutor a^o do prado lête de prima de theologia vjce cãcellario por comjssã do R^{do} padre dom frco por do m^o de sãta cruz cãcellario desta vniversidade | o doutor thomas Roiz lête de vespora de medicina padrinho abryo os pontos para o exame priuado do bacharel djo de cõtreyras da cidade deuora E elle escolheo o capitollo. 65. da pm^{ra} fen. do 4.^o dauicena o q̃l he de quartana continua. | e no liuro 3.^o de Hypocras aph. 24 in etatibus acutorum simã de figo espuã do cõselho por djo dazdo ser absẽte ho spreuj

E depoys desto aos cinq^o dias do dito mes de nouembro do dito año de mjll e qujhentos e cinquenta e hũ años has nove horas ãte meyo dia nos ditos pacos e casa deputada para os semelhãtes autos o dito bacharel djo de cõtreyras êtrou e exame priuado. e e presença do sor Reytor frey djo de murça e do doutor a^o do

¹ Arquivo da Universidade, *Autos e Graus*, vol. 4, 1.^o cad., fl. 94.

² Idem, *Ibidem*, vol. 4, 1.^o cad., fl. 95 v.^o

³ Idem, *Ibidem*, vol. 4, 2.^o cad., fl. 35 v.^o

prado vyçe cãçellario e do doutor thomas Roiz padryngo e do doutor F^{co} Franco e do doutor cosme lopez todos tres doutores medicos | o dito djo de cõtreyras leo as duas lyçõis q̄ lhe forã asinadas e nõ foy presente o doutor p^o nunez medico por se mãdar escusar q̄ tinha hũũ f^o para moRer | . e leo o dito bacharel duas horas e os doutores presentes lhe argumẽtarã e acabado votarã p. AA e RR p^a saber se o admytiriãõ ao dito br ao grao de L^{do} ẽ medicina e foy aprouado por todos nemjne discrepãte lãçando todos. AA. e nenhũ. R | . q̄ forã quatro. AA. por q̄ votou o cãçellario e argumẽtou E eu sjmã de figr^{do} o esprivã do cõselho ho espreuj por djo daz^{do} ser absente

doctor

frey djo

Reitor

p^{do} vjçe cãcelusde murça» ¹.

GRAO DE L^{DO} A DJ^O
DE CÕTREYRAS

«Aos oyto dias do mes de nouembro de jbc l e hũũ aõos has dez oras ãte m^o dia em esta çidade de coimbra na capella de sã myguell dos paços del Rej nosso sör ẽ presẽça do padre frey djo de murça Rejtor o doutor a^o do prado vyçecãçellaryo deo o grao de L^{do} em mediçina ao bacharel djo de cõtreyras deuora e eu espuaã lhe dej juram^{to} cõforme Aos estatutos. E forã tsã presẽtes o doutor thomas Roiz e nuno aluares br theologuo e Fr^{co} Frz br canonista e eu sjmã de figo esprivã q̄ ho espreuj» ².

GRAO DE DOUTOR A DJ^O DE CÕTREYRAS

«Aos vjnte e dous dias do mes de mayo do aõo de mjll e q̄nhẽtos çinq^oẽta e dous aõos has noue oras ãte m^o dia em coimbra na salla grãde dos paços del Rej nosso sör hõde se fazẽ os autos p^{cos} desta vniversidade presjdjndo ẽ lugar do sör frey djo de murça Rejtor della o doutor navarro | o doutor a^o de prado vjçecãçellarjo por comyssã do R^{do} padre dom fr^{co} prior de sãta cruz e cançellario da dita vniversidade deu o grao de doutor ẽ mediçina ao l^{do} djo de contreyras deuora | . E pos lhe as ynsgnias ho doutor R^o de Reynoso padrinho lête de prima de mediçina e o dito Auto se fez cõforme Aos estatutos e erã presẽtes os doutores de todas as facultades e mtres ẽ artes e eu espriuã lhe dej pm^o de tomar o grao juram^{to} | e forã de todo tsã presẽtes Fr^{co} Franco thomas Roiz cosme lopez e p^o nunez doutores medicos e outs^o E eu simã de figo o espreuy em absẽcia do djo daz^{do} esprivã do cõselho cõ a antrelinha q̄ diz em coimbra symã de figo o espreuj» ³.

Q̄ O. D. DJ^O DE CÕTREIRAS
LEA A CADEIRA DE MEDECINA

«Aos quinze dias do mes de feuro de jbc l^{ta} e Seis aõos na çidade de Coimbra e Casa dos paços del Rei noso Sör onde Se faz o Cõselho da vniversidade Sendo hi preSente o Sör Reitor o doutor a^o do prado e dõ Jorge dataide e Sebastiam de madureira e fr^{co} carlos e a^o piz ConSelhros Juntos e chamados a cõselho e cõselho

¹ Arquivo Universidade, *Autos e Graus*, vol. 4, cad. 2.^o, fl. 36 v.^o

² Idem, *Ibidem*, vol. 4, cad. 2.^o, fl. 36 v.^o

³ Idem, *Ibidem*, vol. 4, cad. 3.^o, fl. 128.

faz^{do} Segundo Seu Costume | logo hi apresentou o doutor djo de Cõtreiras hũa prouisão del Rei noso Sõr per q̄ lhe fazia merce q̄ leese a Cadeira de medecina q̄ foi do doutor frco franco por tempo de dous años não mandando. S. a. neste meio tempo outra Cousa em Cõtrairo có cinquêta mil rrs dordenado em Cada hũ dos ditos dous años e começãõ de correr da apresentação da dita prouisaõ q̄ he deste dia em diante e Recebeo logo Juram^{to} de a bem ler Cõforme aos estatutos q̄ no Caso fallam | e eu escriuão lhe dei o dito dia a pose della | no dito Cõselho dise o Sõr Reitor q̄ o mestre djo Roiz Se ausentara cõ Sua licença por Justas Rezoas q̄ lhe dera e lhe nomeára para Seruir de cõselhr^o e in sua ausencia o mestre p^o leitaõ q̄ visem Se eraõ Cõtentes q̄ elle Seruise o dito Carrêgo | e praticado pareço bem q̄ elle Seruise de cõselhr^o em ausencia do dito djo Roiz Cõforme ao estatuto q̄ no Caso falla e cometerão a elle Sõr Reitor q̄ lhe desse juram^{to} de o bem Seruir djo daz^{do} o escreui.

doctor

pr^o do R^{tor}

diogo daz^{do} Coutinho» 1.

29

SOBRE O DOUTOR FRCO FRANCO |

*Aos vinte e quatro dias do mes dabrill de jbe Ita e quatro años na çidade de Coimbra e Casa das moradas do Sõr doutor a^o do prado Reitor. sendo elle hi presente deitado em a cama doente | e o doutor James de moraes e o L^{do} aluaro nunez q̄ foi eleito Em ausencia do doutor ant^o vaz Castello | e p^o diaz Castellobranco vedor e o L^{do} Esteuão nugra sindaco todos quatro deputados do despacho do negoçio da mesa da faz^{da} da vniversidade | Juntos e chamados ao despacho e despachando segundo seu costume | Em sua presença appareço o doutor frco franco lente de hũa cadeira de medecina | e apresentou hũa Carta del Rei nosso sõr q̄ vinha para o Reitor e deputados do dito despacho da faz^{da} da vniversi^{de} | Em q̄ sua alteza dezia q̄ o dito doutor frco franco lhe pedira licença | para se hir para castella e q̄ Elle lha dera por lha Elle pedir | por dizer q̄ ihe Releuaua pollo q̄ mandava a elle Reitor e deputados q̄ lhe fizesem logo pagar todo o din^o q̄ lhe for deuido do seu salario | e asi lhe façam pagar ao R^{or} da vniversidade çem cruz^{dos} de q̄ lhe faz merce para o caminho per hũa prouisão q̄ para o dito R^{or} trazia | e q̄ se ler ate o sãõ y^o baptista deste presente año q̄ tanbem se lhe pague todo o q̄ se lhe montar a Rezãõ do seu ordenado | e foi aprouada a dita carta e mandou se q̄ nas costas da dita carta se pase mamdado para Jorge lopez R^{or} lhe pagar por inteiro todo o q̄ se achar q̄ lhe he deuido | e asi os cem cruz^{dos} de q̄ s. a. lhe faz merce. nas Rendas da dita vniversidade emcaRegando ao R^{or} q̄ lho pague cõ toda breuidade fazendo lhe bom pagam^{to} de qualquer din^o q̄ tiuer antes q̄ pague a outra pa^a | » 2.

30

SOBRE O. D. COSME LOPEZ

*no dito cõselho | 30 de abril de 1557 | foi chamado o doutor Cosme lopez e lhe foi dito q̄ a sua prouisão Era acabada e se acabara cõforme a pose q̄ tomou no prençipio do mes de Jan^o e q̄ elle lia ainda agora a dita Cadeira q̄ disese se tinha prouisão para leer por || quanto se lhe não podia pagar sem prouisão | e Respon-

¹ Arquivo da Universidade, *Conselhos*, vol. 2, fls. 276 v.^o e 231.

² *Idem, Fazenda*, 1549, P. 562, vol. 1.

dendo q̄ lia cõ licença do Reitor pasado por o doutor anto pinho lhe mandar q̄ leese e q̄ se lhe mandaria prouisão. e alegando mais outras Rezões as quaes v.tas e ouuidas. se não ouuerão por suficiêtes. foi asentado q̄ se Elle quizer leer sem salario q̄ o pode muj bem fazer E porē q̄ sem prouisão não se lançase na folha |»³.

SOBRE COSME LOPEZ

«Aos vinte e nove de maio de jbc lta e sete años na çidade de Coimbra e casa dos paços del Rei noso sōr onde se faz o cõselho da vniversidade sendo hi presente o sōr Reitor dō Mel de meneses e o mestre po leitão e dō Jorge dalm^{da} e o brél djo mendez da Costa e o brél djo darrosa e o brél Eitor borges. e o mestre gar da Costa cõselhr.^{os} Juntos e chamados a cõselho e cõselho fazdo segdo seu costume | hi pareçeo o doutor Cosme lopez e dise q̄ elle lia hũa Cathedrilha de medeçina extra ordinaria cuiu tempo se acabou por Janro deste año ho q̄ não obstante Elle cõtинуou e cõtинуa sua leitura E por q̄ não tem prouisão para lhe ser paguo o dito tempo q̄ asi lee pedia por merçe. lhe deşem hũa carta para el Rei noso sōr saber como lee e para lhe fazer merçe de o acreçentar tendo Respeito a seu seruiço e a aver tanto tēpo q̄ lee E praticado o q̄ asi pedia e visto como esta cadeira he Extraordinaria e q̄ não Esta çerto ho q̄ sua alteza asentara açerca das cadeiras de medeçina | e visto como Elle he benemerito desta vniversi.^{de} foi asentado q̄ se escreua a carta a sua alteza na maneira q̄ se neste cõselho praticou e q̄ feita se asine no mesmo cõselho para se uer

no dito cõselho dise elle sōr Reitor q̄ Jorge de saa lente da substituição de prima de medeçina lhe pedira liçença para se ausentar tres dias q̄ se oje acabam. por ter justas causas para iso a qual liçença lhe dera cõ tenção de lhes dar esta cõta neste cõselho para o averē por bem | ho q̄ todos aprouarão e diserão q̄ se cunprise como sua merçe o tinha cõçedido |

no dito cõselho se apresentou hũa prouisão del Rei nosso sōr por parte do doutor mestre aluro da fonseca | a qual por Erro vinha derigida aos deputados da fazda e nella lhe dava sua alteza liçença para hir dous mezes a sua ygreia da uilla de mōforte de Rio liure e q̄ pollo dito tempo vença o ordenado de sua cadeira tirando a terça parte q̄ ade aver o substituto. a qual prouisão em q̄ esta o sinal de. S. A. he feita por andre Sardinha aos xxbj de feuro de bc lta e sete e soscrita por Mel da Costa | a qual vista se mandou cõprir como se nella cõtēm. e por quanto o dito doutor foi multado na terça de paschoa por hir a dita sua ygreia foi mandado q̄ na terça de Julho se lhe cõte ho q̄ se lhe na dita terça de paschoa descõtou por Rezão da dita ausençia |

no dito cõselho se leo hũa Carta del Rei noso sōr por q̄ mandaua ao doutor R^o de rreinoso q̄ vista aquella se fosse a elle por cõprir asi a seu seruiço e era escrita por andre sardinha e sobscrita por Mel da costa aos a (sic) cinco de março de jbc lta e sete a qual carta o dito doutor mandou apresentar para se saber q̄ Era chamado por sua alteza para ser cõtado no ordenado de sua cadeira cõforme aos Estatutos e vista mandou se fazer asento de como se apresentara neste cõselho |

no dito cõselho foi Elleito o mestre gar da costa para ler a cadeira da anatomia emquanto o L^{do} gueuara Estiuer doente |

³ Arquivo da Universidade, *Conselhos*, vol. 2, fl. 351.

no dito cōselho foi asentado por justos Respeitos q̄ a iso mouerão q̄ se vague a substituição da cadeira de Instituta do br̄el Me^{el} daguiar e mandouse q̄ se ponha loguo ho Edito | e q̄ corra te oie as noue oras de polla minhãa | djo daz^{do} o escreui

dō manael de menezes

dom Jorge dalmeida

pero leytão¹.

Q̄ SE PAGUE AO D. COSME LOPEZ

TUDO O TENPO DESTE AÑO Q̄ LEO

«E depois desto o dito dia dezenoue de Julho de jbc l^{ta} e sete años Estando o dito sōr dō Me^{el} de menses em Coselho cō o mestre p^o leitão e o br̄el dō Jorge dalm^{da} e o br̄el djo mendez e o brel luis mestre e o br̄el djo a^o daguiar e o br̄el dj^o da rrosa e o mestre fr^{co} lopez cōselhr.^{os} hi apresentou o doutor Cosme lopez hũa Carta del Rei nosso sōr asinada polla Rainha nosa sera. e escrita por Jorge da costa e soscrita por Me^{el} da Costa em q̄ mandaua ao dito Reitor e Cōselhr.^{os} q̄ fizesem pagar ao dito doutor Cosme lopez todo o tenpo deste año q̄ leo a cadeira de medeçina sem embargo de se acabar o tēpo por q̄ a tinha por prouisão del Rei seu amo q̄ deos tem. e q̄ a lese ate a fim de Julho deste presente año | e lhe fose paguo o ordenado della por Enteiro e vista a dita carta se mandou cōprir como se nella cōtem.

no dito cōselho foi Elleito o br̄el djo a^o daguiar para seruir de taxador Em quanto o mestre djo Roiç for doente e por si não poder seruir e Reçeebo Juram^{to} de bem seruir | djo daz^{do} o escreui

pero leitão

dō manael de menezes

dom Jorge dalmeida².

Q̄ O DOUTOR COSME LOPEZ LEA |

«Aos quinze dias do mes de Janr.^o de jbc l^{ta} e sete años ho sōr Reitor o doutor a^o do prado mandou ao doutor Cosme lopez q̄ leese e cōtinuase a cadeira de medeçina q̄ antes lia e sem embargo de não ter prouisão. de sua alteza e mandou a mⁱ escriuão q̄ fizese este asento para se saber como lia por seu mandado e mais me mandou q̄ lhe pasase mandado para ser paguo do tenpo q̄ na primeira terça deste año leo a dita cadeira alem do q̄ na folha lhe foi lançado por ler por ser mandado cōfiado na carta q̄ El Rei nosso sōr mandou. para os lentes não hirẽ a corte e mandarẽ suas petições por baltasar de faria para as despachar, ante as quaes elle doutor Cosme lopez mandou a sua em q̄ pedia ho proueesem de hũa cadeira de medeçina | por a sua se acabar no mes de outubro de q̄ elle nẽ os mais doutores q̄ mandarão suas petições não ouuerão despacho ate o presente | djo daz^{do} o escreui

doctor

prado Ror^o 3.

SUSTITUTOS DE MEDEÇINA

«Aos dezeseis dias do mes de nouro de jbc l^{ta} e sete años na çidade de Coimbra E sala dos paços del Rei noso sōr sendo hi presente dō Jorge dalm^{da} Reitor E o

¹ Arquivo da Universidade, *Conselhos*, vol. 2, fls. 353 e segs.

² Idem, *Ibidem*, vol. 2, fl. 369.

³ Idem, *Ibidem*, vol. 2, fl. 337.

m^{tre} p^o de sousa E o bacharel Melchior do amaral E o bacharel dj^o da fonseca e o bacharel lionis simões o mestre daniel da costa e o m.^{tre} ant^o soarez cōselhros Juntos E chamados a cōselho e cōselho faz^{do} segundo seu costume | por Elles sres se Emcomendou a substituição da Cadeira do doutor thomas Roiz ao doutor Cosme lopez Emquanto o dito d. thomas Rois Estiuer doemte | E a Cadeira q̄ ora lee o d fr^{co} lopez se Emcomendou ao br̄el fr^{co} Carlos ate o dito doutor Estar Em desposição para leer e deose Carreguo ao m^{tre} daniel da Costa q̄ lhes dee Este Recado q̄ leam como no cōselho se ordenou

31

SOBRE O. D. LUIS DE CRASTO

no dito Cōselho mandou o sōr Reitor chamar ao doutor luis de Crasto, E pediu lhe polla falta q̄ fazia nas escolas q̄ leese a sua çadeira de Canones | E elle Respondeo ate o presente Estar doente | E porē q̄ ainda q̄ Estiuera sãõ não ouuera de leer por aver mujtos años q̄ lia E não ter mais de trinta mil rs de salario E q̄ Elle tornara a esta vniversi.^{de} cō lhe dizerē na Corte o doutor prado e o. d. ant^o pinhr^o e bal-tasar de faria q̄ despachauam as cousas da vniversi.^{de} q̄ Elle Estaua prouido da Cadeira de clemētinas cō sesenta mil rs q̄ se tornase a esta vniversi.^{de} E q̄ ate ora lhe não viera o dito despacho antes. lhe diserão q̄ se sobre Estiuera nelle e em outros desta Calidade E q̄ por Elle ter pouco de seu. E lhe Releuar cō tenpo asentar suas cousas para ter uida pedia a elle Sōr Reitor E cōselho o escusasē do dito trabalho de leer | E Repricando lhe o sōr Reitor a neçesidade q̄ auia de sua lição. E q̄ o cōselho escreueria a el Rei noso sōr q̄ tomase cōcrusão no seu despacho E ao sōr dō Mel de meneses Reitor q̄ o lenbrase Elle aceitou leer a sua cadeira por dizerē fazer falta pedindo por merçe Escreuesem as ditas cartas como Elle sōr Reitor dezia E saindo se se asentou asi q̄ Eu escriuão escreua as ditas Cartas. na maneira q̄ se asentara |

sobre os asētos

no dito cōselho se mandou fazer hū Edito q̄ ninhū Estudante né outra algũa p^a se asēte nos assentos altos senão as p.^{as} q̄ pellos Estatutos se podem sentar sob pena de doctos rs para o bedel da faculdade q̄ for o auto ou p^a o guarda qual os primeiro acusar os quaes terão cuidado de avisar a cada hū do lugar onde lhes cabe asentar se dj^o daz^{do} o escreui e Risquei ou guar |

(Continúa)

DR. TEIXEIRA DE CARVALHO.

Catálogo descritivo e iconográfico
do Museu de Anatomia Patológica
da Faculdade de Medicina de Coimbra

LIVRO QUINTO

Lesões do sistema linfático

CAPÍTULO PRIMEIRO

Lesões dos gânglios linfáticos

Tuberculose

269. — TUBERCULOSE DOS GÂNGLIOS MESENTÉRICOS (fig. 80). — Peça constituída por uma porção de mesentério, cheio de nódulos de volume variável, desde o do grão de milho até ao do ovo de pomba, ao qual está ainda ligado parte do intestino.

Os nódulos, que ao corte aparecem constituídos por uma massa dura, sem fusão central aparente, constituem um aglomerado que quasi encobre o mesentério.

Peça conservada em seco.

Tumores

270. — CARCINOMA SECUNDÁRIO DUM GÂNGLIO INTERCOSTAL (fig. 81). — Peça conservada em seco e constituída por cinco vértebras dorsais, com as respectivas costelas direitas, seccionadas na sua parte média.

Sobre a terceira costela, junto da coluna vertebral e estendendo-se sobre os músculos intercostais adjacentes, encontra-se um nódulo do volume de um ovo de pomba, de cinco centímetros de diâmetro, fazendo saliência acima da costela referida que está em parte destruída.

Preparação de FREITAS COSTA em 1896.

Calcificação

271. — INFILTRAÇÃO CALCÁREA NUM GÂNGLIO LINFÁTICO PERIBRONQUICO. — Esta peça é constituída por um pequeno gânglio cujas dimensões

estão aumentadas e no qual, além da coloração escura devida à deposição de pigmentos, se nota a dureza característica da calcificação. — Preparação do PROF. DANIEL DE MATOS.

CAPÍTULO SEGUNDO

Lesões do baço

Anomalias

272. — **DIVISÃO CONGÉNITA DO BAÇO. BAÇOS MÚLTIPLOS.** — Baço em crescente, esbranquiçado, com 102 gramas de pêso, por 11 centímetros e meio de comprimento, e 8 e meio de largo.

Ao hilo estão ligados, por prolongamentos independentes, três pequenos baços supranumerários, arredondados, pequenos e desiguais, tendo o menor o volume dum grão de milho. A meio da face externa do baço maior existe uma depressão em forma de funil; no bôrdo anterior encontram-se três chanfraduras e no bôrdo posterior um sulco bastante pronunciado.

273. — **BAÇOS MÚLTIPLOS** (fig. 82). — A um pequeno baço escuro de 12 centímetros de comprimento por 7 de largura e de forma irregular, estão ligados dois baços supranumerários, dos quais o maior não excede o tamanho duma azeitona.

Esplenites

274. — **ESPLENITE PALUDICA.** — Peça de forma elíptica, com o pêso de mil e cinquenta e cinco gramas, com vinte e dois centímetros de comprimento por quatorze de largura. A face externa do baço encontra-se rugosa e endurecida, excepto junto ao hilo onde é lisa. O bôrdo anterior, mostra-nos duas chanfraduras.

Conservado em álcool.

275. — **ESPLENITE CRÓNICA.** — Este baço ovoide, com mil quatrocentos e dez gramas de pêso e vinte e um centímetros de comprimento por dezoito de largura, tem côr esbranquiçada, sôbre a qual se destacam na sua face externa manchas escuras e azuladas. Junto do hilo a cápsula é muito rugosa. Sôbre o bôrdo anterior encontram-se duas depressões e inserem-se restos de ligamentos.

276. — **ESPLENITE.** — A peça é constituída por um baço enormemente aumentado de volume, pois tem o pêso de mil sete centos e oitenta e cinco gramas, vinte e cinco centímetros de comprimento e dezaseis de largura.

estão arredondadas e no geral, além da coloração escura devido à posição de pigmentos, se trata de óvulos característicos da calcificação. — Preparação do Pro. IANUÁRIAS MATOS.

CAPÍTULO SEGUNDO

Lesões do baço

Anomalias

272. — Divisão concêntrica do baço. — Baço muito grande, espessado, com os ramos de pólo, por 11 centímetros e meio de comprimento, e 8 e meio de largura.

— Ao hilo estão ligados, por prolongamentos independentes, três pedúnculos: o maior, arredondado, arredondado, pedúnculo e de grande espessura, sendo o maior o volume dum grão de milho. A face externa do baço maior existe uma depressão em forma de U, no bordo anterior encontram-se três chanceladuras e no do do posterior um sulco bastante pronunciado.

273. — Baços menores (fig. 82). — A um pequeno baço escuro de 4,2 centímetros de comprimento por 7 de largura e de forma arredondada estão ligados dois pedúnculos arredondados, dos quais o maior não excede o tamanho dum grão de milho.

Capitulos

274. — Capitulos arredondados. — Peça de forma elíptica, com o pólo de um e o outro arredondado e cinco grammas, com vinte e dois centímetros de comprimento por dez de largura. A face externa do baço maior arredondado e arredondado, exceto junto ao hilo onde a face anterior encontra-se três chanceladuras.

275. — Capitulos arredondados. — Esta peça arredondada, com mil e quinhentas e duas grammas de peso e vinte e um centímetros de comprimento por dez de largura, tem o baço arredondado, sobre a qual se destacam na sua face externa manchas escuras e arredondadas, junto ao hilo a cabeça e quatro ramos. Sobre o bordo anterior encontram-se duas depressões e encontram-se lesões de pigmentos.

276. — Capitulos arredondados. — A peça é arredondada por um baço arredondado e cinco grammas, com vinte e um centímetros de comprimento e dez de largura.



Fig. 80. — Tuberculose dos gânglios mesentéricos — Redução $\frac{1}{5}$.



Fig. 81. — Carcinoma secundário dum gânglio intercostal. — Redução $\frac{1}{3}$.



Fig. 82. — Baços múltiplos. — Redução $\frac{1}{3}$.



Fig. 83. — Condroma do baço. — Redução $\frac{1}{5}$.

Está ligeiramente incurvado sobre a face interna que é percorrida por sulcos superficiais que o dividem em lóbulos rectangulares.

No terço superior do bordo anterior há uma depressão; no bordo posterior, no terço superior, existe uma outra depressão profunda e acentuada.

Havia cirrose hepática.

Conservação em álcool.

277. — **ESPLENITE.** — Esta peça tem o peso de 2.770 gramas. É um baço que tem trinta e dois centímetros de comprimento, por dezoito de largura e cuja cor é amarelo claro.

Sobre a superfície externa encontram-se quatro sulcos transversais, dos quais os dois inferiores são mais profundos, encontrando-se entre eles várias concreções acastanhadas, cujo centro é calcáreo.

278. — **ESPLENITE.** — Baço seccionado longitudinalmente. As suas duas metades perfazem 525 gramas e tem o comprimento máximo de 15 centímetros.

As duas metades, cuja superfície de secção é acastanhada e está cheia de pequenas e numerosas pontuações escuras, tem a largura máxima de 9 centímetros e meio. A cápsula está um pouco engrossada e a sua superfície rugosa. Havia cirrose hepática.

Preparação de **GERALDINO BRITES.**

Conservação em liquido de **KAISERLING.**

Tumores

279. — **CONDROMA DO BAÇO** (fig. 83). — A peça tem o peso de 513 gramas e é constituída pelas duas metades dum baço, que foi seccionado no sentido antero-posterior.

Tem o comprimento de 14 centímetros por 9,5 centímetros de largura. Na face interna das duas metades, que tem cor vermelho escuro, distinguem-se perfeitamente numerosos focos neoplásicos de forma variável, alongados, arredondados, e de consistência cartilaginosa.

A face externa duma dessas metades, dum branco sujo, mostra numa das extremidades uma mancha esverdeada, com pontos escuros.

Próximo da extremidade superior da face externa do outro fragmento, encontra-se, juntamente com a hipertrofia da cápsula, uma elevação, à qual se segue uma profunda depressão.

Conservação em álcool.

LIVRO SEXTO

Lesões do aparelho respiratório

CAPÍTULO PRIMEIRO

Lesões da laringe

280. — PÓLIPO DA LARINGE. — A peça consta da laringe e da traqueia, incisadas ao longo da sua face posterior, mostrando um tumor alongado, implantado cêrca de um centímetro abaixo das cordas vocais.

281. — OSSIFICAÇÃO DA CARTILAGEM TIROIDE (fig. 84).

282. — OSSIFICAÇÃO DA CARTILAGEM TIROIDE.

283. — OSSIFICAÇÃO DA CARTILAGEM TIROIDE.

284. — OSSIFICAÇÃO DA CARTILAGEM TIROIDE.

Quatro peças análogas, onde se vê o tecido cartilágineo da tiroide substituído quasi completamente por tecido ósseo.

CAPÍTULO SEGUNDO

Lesões da traqueia e dos brônquios

285. — OCLUSÃO DO BRONQUIO ESQUERDO POR ASCARIS LUMBRICOIDES (fig. 85). — Vê-se a traqueia bifurcando-se nos dois grossos bronquios. Está aberta ao longo da sua face anterior, bem como o bronquio esquerdo. Neste encontra-se uma lombriga que tambem ocupa parte do bronquio mais fino em que êste, por seu turno, se divide.

CAPÍTULO TERCEIRO

Lesões do pulmão

Enfisema

286. — VESÍCULA DE ENFISEMA PULMONAR (fig. 86). — Trata-se de uma vesícula de enfisema com 6 centímetros de alto por 5 de largo tendo o aspecto de uma bexiga atada na abertura, transparente, com alguns traços negros e uma mancha escura junto do hilo.

287. — ENFISEMA PULMONAR. — É uma pequena porção de tecido

de pulmão que em parte apresenta as vesículas pulmonares muito dilatadas, de paredes finas e transparentes.

Bronco-pneumonia

288. — PULMÃO DE CRIANÇA RECEMNASCIDA. — Os lóbulos dêste pulmão teem um aspecto marmóreo, excepto na parte do pulmão esquerdo, cuja côr vinosa indica a sua hepatisação.

Fazendo um corte sôbre um dos lóbulos observa-se que o parenquima pulmonar, tornado impermeável, apresenta estrias sanguíneas à volta de um tecido que à pressão deixa exsudar um líquido grumoso e opaco.

Pneumonia

289. — HEPATISAÇÃO VERMELHA. — A superfície do pulmão tem aderente o folheto visceral da pleura, mais espesso que o normal e com falsas membranas esbranquiçadas, opacas, flutuando no liquido conservador.

Na região póstero-externa encontram-se os restos dos órgãos do mediastino posterior.

A peça não flutua no liquido.

Êste pulmão está dividido por série de golpes verticais, dirigidos do vértice para a base e convergindo na direcção do hilo que quasi atíngem, numa série de lâminas espessas de tecido pulmonar.

Nas superfícies de secção veem-se manchas vermelho-escuras, irregulares, destacando-se da côr geral acastanhada do fundo. Estas manchas são sobretudo abundantes no lóbulo superior do pulmão.

Alguns dos pequenos bronquios apresentam-se obturados por pequenos rolhos de substância fibrinosa, escura, sanguinolenta.

A mucosa bronquica não está injectada.

Conservação em liquido de KAISERLING.

290 e 291. — PLEURISIA PURULENTA. PNEUMONIA COM FOCOS DE HEPATISAÇÃO VERMELHA E CINZENTA.

(Coleção do prof. ÁLVARO DE MATOS. Exemplar n.º 1. A. J., carvoeiro).

Peça n.º 1. «A causa da morte não vinha mencionada».

Autópsia e análise histológica, pleurisia purulenta. Pneumonia com nódulos de hepatisação cinzenta e vermelha. Antracose pulmonar. Infiltração gordurosa no figado.

Peça n.º 2. — Dois fragmentos de pulmão.

Um dêles apresenta-se com pontuações negras (antracose) com alguns orificios dos bronquios e resto da pleura visceral.

O segundo tem pontuações negras (antracose) e vêem-se os bronquios e septo inter-lobar.

A consistência de ambos é dura.

292 e 293. — NÓDULOS PNEUMÓNICOS NO PULMÃO. (Coleção do prof. ÁLVARO DE MATOS). Exemplar n.º 3.

R. M., jornaleiro, idade 45 anos, de Pombal. Peças n.º 1 e n.º 2.

Causa da morte: cirrose hepática.

«A autópsia e análise histológicas revelaram tuberculose miliar hepática e nefrite intersticial com formações quísticas. No pulmão encontram-se alguns nódulos pneumónicos».

Pneumoconioses

294, 295 e 296. — PNEUMOCONIOSE ANTRACOSICA (fig. 87).

M. R., de 48 anos, de Pontevedra, operário das minas de antimónio (Coimbra).

Peça n.º 1. Conservação em líquido de KAISERLING.

Pulmão direito.

A superfície externa dêste pulmão tem uma côr geral azul muito escura, principalmente carregada junto do vértice e na face posterior, onde nitidamente se observa através da pleura que o envolve.

Cortado em duas partes por um golpe vertical do vértice à base, apresentam as superfícies da secção dêste pulmão o seguinte aspecto:

O lóbulo superior que, na secção, nitidamente se diferencia do inferior, constituído por um tecido de aspecto areolar pelo facto das vesículas aereas estarem muito distendidas. A côr geral do tecido pulmonar neste lóbulo, é cinzento azulado, bastante escuro.

Os bronquios que foram compreendidos no corte tem as suas paredes mais espessas do que o normal.

Na secção dos lóbulos inferior e médio, vê-se, em toda a periferia, uma faixa de tecido de aspecto análogo ao que fica acima descrito; no centro, em tórno das secções dos bronquios, blocos de tecido pulmonar, ligeiramente avermelhado, muito compacto, destacando-se por isso nitidamente no seio do tecido enfisematoso do resto do pulmão.

Nos grossos bronquios, cuja parede é também muito espessa, há pequenos depósitos de coágulos sanguíneos.

A secção interessa os gânglios peribronquicos que também se apresentam com uma côr azul muito escura.

Peças n.ºs 2 e 3. Pulmão esquerdo.

Êste pulmão foi dividido verticalmente. É a parte posterior que se encontra conservada.



Fig. 84.—Ossificação da cartilagem tiroide. — Redução $\frac{1}{2}$.



Fig. 85.—Oclusão do brônquio esquerdo por ascaris lumbricoides. — Redução $\frac{1}{2}$.



Fig. 86.—Vesícula de enfisema pulmonar. — Redução $\frac{1}{2}$.



Fig. 87.—Pneumoconiose antracótica. — Redução $\frac{1}{5}$.



Fig. 88.—Antracose pulmonar. — Redução $\frac{1}{5}$.



Fig. 89.—Foco tuberculoso com caseificação na parte anterior do pulmão esquerdo. — Redução $\frac{1}{2}$.

Trata-se do pulmão esquerdo do mesmo individuo de que já foi descrito o direito.

A superfície externa com a pleura visceral aderente, tem largas membranas esbranquiçadas que constituíam fortes e largas aderências à parede do torax.

Através da pleura vê-se que a côr geral do pulmão é idêntica à descrita no pulmão direito.

Na superfície do corte há lesões de enfisema análogas às do pulmão direito. A côr do tecido é porém mais escura neste pulmão.

As paredes dos bronquios são menos espessas.

A análise química não demonstra a existência do antimónio. (GERALDINO BRITES).

297. — ANTRACOSE PULMONAR (fig. 88). — A peça é um fragmento de pulmão esquerdo.

As superfícies de secção apresentam de anormal a côr escura, de ardósia, disseminada desigualmente por todo o tecido que se deprime facilmente com o dedo.

Tuberculose

298. — TUBERCULOSE PULMONAR. — Peça constituída por uma lasca de tecido pulmonar, que apresenta nódulos esbranquiçados de substância caseosa, ocupando quasi a totalidade do tecido do corte e envolvidos pelo tecido pulmonar de côr rosada.

299. — TUBERCULOSE PULMONAR. — Peça formada pela traqueia e pelos dois pulmões de uma creança.

No pulmão direito há dois lobos.

O esquerdo tem três lobos sendo um na face posterior.

A consistência é grande, a côr é castanho acinzentado.

No pulmão direito há um corte, deixando vêr na parte interna do pulmão uma substância gelatinosa.

No pulmão esquerdo há também um corte que mostra a existência duma pequena caverna.

Conservado em sêco.

300, 301 e 302. — TUBERCULOSE PULMONAR. — (Coleção do prof. ÁLVARO DE MATOS. Exemplar n.º 2). A. M. P., oleiro, de 61 anos, de Coimbra.

Peça n.º 1.

«Causa da morte: tuberculose pulmonar.

No vértice processo cicatricial de origem sífilítica.

Na base pequena caverna que continúa para o resto do pulmão.

O pulmão está mais ou menos permeável, apresentando a côr vermelho clara.

Peça n.º 2.—A peça apresenta todo o quadro anátomo-patológico da tuberculose pulmonar, cicatriz antiga na base, envolvida por zonas caseificadas e focos isolados que estabelecem a transição para o tecido normal do vértice. A varêta marca o trajecto de uma caverna que se continúa.

Peça n.º 3.

«Causa da morte: tuberculose pulmonar.

No foco em que falta um fragmento (destinado á histologia patológica), tuberculose pulmonar e sífilis do pulmão».

303, 304 e 305.—PLEURISIA SERO-FIBRINOSA. TUBERCULOSE PNEUMÓNICA.—(Colecção do prof. ÁLVARO DE MATOS). Exemplar n.º 4. J. F., jornaleiro, idade 70 anos, de Cantanhede.

Peça n.º 1. «Autópsia e análise histológica: pleuresia sero-fibrinosa. Tuberculose pneumónica; corte no pulmão esquerdo interessando os dois lobos, gânglios peribrônquicos. Sangue nos bronquios. Na base caverna que se continua para um e outro lado.

A côr, tanto no vértice como na parte média, é escura, estando a base congestionada.

Peça n.º 2. «Causa da morte: não vinha indicada.

«Autópsia e análise histológica: pleuresia sero-fibrinosa, tuberculose pulmonar; corte no pulmão esquerdo, interessando os dois lobos, gânglios peribrônquicos, sange nos bronquios, na base uma caverna que se continua para o outro lado».

Côr da peça: a base congestionada, o vértice de côr escura. O hilo apresenta-se secionado e mostra alguns orificios resultantes dos cortes dos bronquios.

Peça n.º 3 (fig. 89).—Foco tuberculoso com caseificação na parte anterior do pulmão esquerdo.

A côr geral da peça é escura. Na face externa ainda se vêem restos da pleura. Grande parte do pulmão está permeável».

306, 307, 308 e 309.—TUBERCULOSE PULMONAR.—(Colecção do prof. ÁLVARO DE MATOS). Exemplar n.º 5. C. R. C., jornaleiro, de idade 28 anos, de Alvaiázere.

Peça n.º 1. «Causa da morte: tuberculose pulmonar.

Pulmão esquerdo. Algumas cavernas pequenas, zonas caseificadas e tuberculose miliar particularmente nítida no lobo inferior».

Peça n.º 2.—Corte de uma caverna no vértice do pulmão direito.

São dois fragmentos de tecido pulmonar.

O maior, que tem uma caverna com a sua cápsula fibrosa, é bastante consistente, de côr amarelo claro, sendo escura a superfície exterior.

O outro fragmento apresenta bronquiolos com sangue. No resto tem o mesmo aspecto do primeiro.

Peça n.º 3. — Apresenta uma côr cinzenta mais ou menos escura; vêem-se os cortes dos vasos com sangue coagulado, e os cortes dos bronquios.

Parece ter tuberculose miliar porque se encontram granulações mais duras no seio do tecido.

Peça n.º 4. — Corte do pulmão; tem a côr cinzenta clara excepto na superfície externa, que parece estar congestionada, vendo-se ainda alguns capilares com sangue.

A consistência geral é de uma certa duresa».

310. — TUBERCULOSE PULMONAR. — (Colecção do prof. ÁLVARO DE MATOS. Exemplar n.º 6. «Homem de 47 anos. Um fragmento de cada pulmão e a maior caverna que nêles encontrei.

«Grande caverna, com tubérculos no lobo inferior do pulmão esquerdo.

Tem a côr negra devida a antracose, excepto no fragmento mais pequeno, que se apresenta mais ou menos avermelhado, decerto devido a congestão.

Além da caverna maior tem outras mais pequenas.

Apresenta em toda a superfície de secção nódulos tuberculosos.

311. — TUBERCULOSE. — Esta peça é constituída pelos órgãos torácicos que parecem ter pertencido a um individuo novo. Sôbre a superfície do pulmão direito (lóbulo superior), encontram-se vestígios de aderências pleurais extensas. O parenquima pulmonar parece normal no direito, entretanto a base dêsse pulmão, na porção anterior e inferior do lóbulo anterior, encontra-se totalmente aderente ao pericárdio, tendo sôbre a sua superfície externa várias placas de aspecto granuloso.

A cavidade pericárdica está aberta, contendo um coração pequeno de aparência normal.

A cavidade pericárdica não está aumentada de volume, nem a face visceral do folheto apresenta sinais dignos de menção; pelo contrário, a sua face externa, sobretudo na base do coração, encontra-se invadida por massas alongadas aderentes entre si, estendendo-se para a região cervical, a qual se encontra igualmente invadida pelo processo.

Encostado ao pulmão direito, na porção correspondente ao lóbulo

superior, encontra-se uma massa oval da mesma natureza das já descritas; seccionada, mostra-se constituída por tecido areolar de malhas estreitas, sobretudo na extremidade inferior, enquanto que na extremidade superior se encontra uma cavidade de paredes anfractuosas.

A peça contém também o diafragma, cheio de granulações na sua face torácica e aderindo fortemente ao bloco, fígado e baço, pela sua face abdominal.

CAPÍTULO QUARTO

Lesões da pleura

312.—**ADERÊNCIAS PLEURAS.**—Esta peça é um pedaço de pulmão direito reduzido de volume, permeável ao ar e cuja côr ardosiada mostra a existência da antracose.

É notável pelas aderências pleurais vastas, fibrosas, aderindo ao periósteo das costelas, deixando entre si um canal alongado e que depois se desdobra em leque para a base do pulmão e face interna da região póstero-lateral das costelas.

Pelo tecido pulmonar estão disseminadas pequenas granulações amarelas, pouco numerosas, semelhando lesões de granulia ligeira.

313.—**TUBERCULOSE PULMONAR DIREITA. ADERÊNCIAS PLEURAS ESPESAS E EXTENSAS** (fig. 90).—Peça formada pela coluna vertebral e dôze costelas direitas, encontrando-se a 4.^a, 5.^a, 6.^a, 7.^a, 8.^a e 9.^a seccionadas.

Na parte interna da peça encontra-se só parte do pulmão, porque a parte superior está cortada até ao hilo, vendo-se ainda uma parte aderente à pleura. No pulmão, sobre o leito do coração, ainda se vê o pericárdio, e em baixo o diafragma e o seio costo-diafragmático.

O tecido pulmonar tem uma côr escura em toda a extensão,

314.—**PLEURITE CRÓNICA ADESIVA. PULMÃO ESQUERDO** (fig. 91).—

A pleura, que tem uma côr geral branca, tornou-se tão espessa e resistente, que divide a cavidade pleural em dois lóculos distintos, tendo a sua saliência a forma de uma quilha.

Tem sete costelas ligadas à pleura.

315.—**CALCIFICAÇÃO DA PLEURA.**—Os dois folhetos da pleura estão soldados na base do pulmão, por forma que, desta união, resultou um folheto único, duro, e que se apresenta calcificado, comprimindo o pulmão, folheto que tem a forma de um triângulo, cujo lado maior



Fig. 90. — Tuberculose pulmonar direita. Aderências pleurais espessas e extensas
— Redução $\frac{1}{5}$.



Fig. 91. — Pleurisia crônica adesiva.
— Redução $\frac{1}{3}$.



Fig. 92. — Equimoses sub-pleurais.
— Redução $\frac{1}{2}$.



Fig. 93. — Epitelioma do labio.
— Redução $\frac{1}{5}$.

assenta sobre a porção das costelas que se encontram ressecadas e ligadas ainda à coluna vertebral.

Além disso nesta peça encontra-se a porção terminal da traqueia com a sua bifurcação, os vasos do hilo, e finalmente o diafragma aderente à pleura.

316. — EQUIMOSSES SUB-PLEURAS (fig. 92). — São os dois pulmões que se apresentam de cor cinzento-clara, excepto no bordo anterior do lobo superior e no bordo inferior do lobo inferior; algumas manchas semeadas por toda a superfície do pulmão apresentam uma cor avinhada escura, sinal de congestão cadavérica.

Teem uma relativa permeabilidade, não tão acentuada como no normal, talvez devido à hipostase; apresentando umas vesículas de ar no bordo anterior.

Na parte média e externa do lobo superior e na parte postero-interna do lobo inferior, vêem-se superfícies rugosas e duma cor acastanhada, devidas a equimoses sub-pleurais.

Peça proveniente de uma autópsia feita na MORGUE a uma creança atropelada por um carro electrico.

LIVRO SÉTIMO

Lesões do aparelho digestivo e anexos

CAPÍTULO PRIMEIRO

Lesões da boca

317. — GENGIVITE EXPULSIVA. — Dentes do saudoso prof. COSTA SIMÕES, oferecidos ao Museu do «Instituto de Anatomia Patológica» depois de restabelecido da sua gengivite.

318. — EPITELIOMA DO LÁBIO (fig. 93). — A peça é constituída por uma cabeça masculina, cujo lábio superior se nos apresenta engrossado, volumoso, invadido na extensão de dois centímetros e meio, por um tumor que se estende sobre a metade direita da face, muito aumentada de volume.

O aspecto lobulado do tumor é muito característico e uma incisão feita sobre a região da bola gordurosa de BICHAT, mostra-nos uma massa ovoide, perfeitamente circunscrita, amarelo torrada, de consistência mole, (metastase do tumor).

Conservação em álcool.

319. — EPITELIOMA DO LÁBIO. — Peça constituída por um fragmento em V, do lábio inferior, estendendo-se duma commissura à outra e ocupando-o em toda a espessura.

Sôbre parte do tecido são, observa-se tecido epiteliomatoso, fazendo saliência, cheio de lobulações, tendo consistência friável, côr branca e o volume duma pequena noz.

320. — EPITELIOMA DA LÍNGUA. (Colecção SOUSA REFOIOS, n.º 60). — A peça, cujo volume total é pouco mais ou menos o de um ovo de galinha, é constituída por uma porção da língua, de forma elíptica, tendo cinco centímetros de eixo maior por três centímetros de eixo menor.

Sôbre esta porção de tecido que fica descrito, assenta um epitelioma do tamanho duma noz, mas um pouco achatado, de aspecto granuloso, amarelo, com um leve tom rosado e bastante duro.

Conservação em líquido de KAISERLING.

CAPÍTULO SEGUNDO

Estômago

Anomalias

321. — ESTÔMAGO BILOCULADO (fig. 94). — Estômago bilocular dum recém-nascido a termo.

Capacidade máxima: 265 c. c.

Gastrites

322. — GASTRITE AGUDA TÓXICA (fig. 95). — A peça é constituída por um estômago, na mucosa do qual se encontram equimoses difusas e erosões em quási toda a superficie.

Esta peça provêm de uma autópsia feita pelo prof. LOPES VIEIRA em um caso de envenenamento pelo bicloreto de mercúrio.

323. — GASTRITE AGUDA TÓXICA, CONSECUTIVA A INTOXICAÇÃO PELO FÓSFORO. — «O estômago, que se achava em estado de vacuidade, apresenta na superficie interior ou mucosa uma mancha equimótica e apenas algumas ligeiras exulcerações da mucosa com fundo branco sem aureola rubra nem tumefação de bordos, indicando assim falta completa da reacção vital que aliás poderia presumir-se, visto a alegação de se haver ingerido massa fosfórica de grande quantidade de cabeças de fósforos apenas havia 8 dias».

Nota da autópsia redigida pelo prof. LOPES VIEIRA.

120. — *Estimotea* no larvo. — *Beça* comprida por um terço
 em V, do lado interior, estendendo-se duas comissuras a outra
 e quando em toda a extensão.

121. — *Beça* do lado são observam-se tendo equidistantes, e
 sendo arredor, cheio de tubérculos, tendo consistência firme, e
 branca e a volume duma pedregalinha.

122. — *Estimotea* no larvo. — (Cópia do Stock, *Revue*, n.º 10.)
 A *beça* que se vê aqui é pouco mais ou menos o de um larvo
 e apresenta-se com uma porção de hígado, de forma elíptica,
 tendo cinco comissuras de uma maior, porções comissuras de
 menor.

Sobre esta porção de tecido que fica descreita, assenta um
 tipo de tamanho duma *hex*, mas um pouco achatado, e
 arredor arredor, com um leve torção e bastante
 consistência em relação de *Katarrho*.

CAPÍTULO SEGUNDO

Estimotea

Anomalia

123. — *Estimotea* anormal (fig. 123). — *Estimotea* bilobada, com
 comissuras e sem.

124. — *Estimotea* anormal; só a c.

Gastrea

125. — *Estimotea* anormal (fig. 125). — A *beça* é comprida
 por um terço, no lado do qual se encontram comissuras
 e quando em toda a extensão.

126. — *Estimotea* anormal (fig. 126). — A *beça* é comprida
 por um terço, no lado do qual se encontram comissuras
 e quando em toda a extensão.

127. — *Estimotea* anormal (fig. 127). — A *beça* é comprida
 por um terço, no lado do qual se encontram comissuras
 e quando em toda a extensão.

128. — *Estimotea* anormal (fig. 128). — A *beça* é comprida
 por um terço, no lado do qual se encontram comissuras
 e quando em toda a extensão.

129. — *Estimotea* anormal (fig. 129). — A *beça* é comprida
 por um terço, no lado do qual se encontram comissuras
 e quando em toda a extensão.

130. — *Estimotea* anormal (fig. 130). — A *beça* é comprida
 por um terço, no lado do qual se encontram comissuras
 e quando em toda a extensão.



Fig. 94. — Estômago biloculado.
— Redução $\frac{1}{5}$.



Fig. 95. — Gastrite aguda tóxica. — Redução $\frac{1}{3}$.



Fig. 96. — Sarcoma do estômago.
— Redução $\frac{1}{5}$.



Fig. 97. — Carcinoma da região pilórica.
— Redução $\frac{1}{5}$.

A peça é constituída por um estômago aberto segundo a grande curvatura e apresentando a mucosa da região pilórica e a do baixo fundo toda edemaciada, lisa, assetinada e de côr branca amarelada e várias ulcerações de fundo esverdeado.

O orifício pilórico está edemaciado.

Tumores

324.—SARCOMA DO ESTÔMAGO (fig. 96).—Peça composta do figado, do rim esquerdo e duma enorme massa tumoral que ocupa o estômago. O tumor dispoz-se por forma que invadiu as paredes do órgão, às quais deu a espessura de cinco centímetros, deixando entretanto ficar o orifício esofágico e o piloro, comunicando mal com a cavidade anfractuosa e cheia de septos. É extremamente volumoso, branco, lobulado externamente, sobretudo na região pilórica, com aderências ao figado com especialidade ao lóbulo de SPIEGEL. Não há metástases nos órgãos vizinhos. A parte do tumor que corresponde à cavidade, é rugosa e mamilonada.

Preparação de FREITAS COSTA.

325.—CARCINOMA DA REGIÃO PILÓRICA.—Estômago seccionado segundo a grande curvatura e tendo ligado o duodeno. Junto do orifício pilórico encontra-se a massa do tumor que fez corpo com as paredes do órgão, fazendo saliência na cavidade e tomando ali um aspecto foliáceo; externamente o tumor, cuja consistência é mole, estabeleceu com a terceira porção do duodeno, aderências sob a forma de pequenos prolongamentos.

326.—CARCINOMA DA REGIÃO PILÓRICA (fig. 97).—A peça é constituída pelo estômago, diminuído de volume, de paredes muito hipertrofiadas e aberto no sentido da grande curvatura.

Tem junto o duodeno envolvendo em ansa o pancreas.

A massa do tumor está situada junto do piloro com o qual tem conexões íntimas, invade a pequena curvatura, na parte média da qual se nota a existência duma cavidade profunda, de forma elíptica, cujo eixo maior é dirigido de cima para baixo e da direita para a esquerda. Os bordos são finos e cortantes e o tumor irradia para as duas faces do estômago que invade em pequena extensão.

A massa do tumor é lisa; a mucosa do estômago está muito enrugada e cheia de pequenas depressões, atingindo no local do tumor a espessura de três centímetros. Tem coloração amarelo cinzenta.

Preparação de FREITAS COSTA.

327.—CARCINOMA DA REGIÃO PILÓRICA.—É um estômago de volume normal, com paredes pouco espessadas, aberto segundo a linha da grande curvatura, e mostrando o cardia.

Na região pilórica, à volta do orifício pilórico, dispõe-se uma massa tumoral formando uma placa circular de bordos espessos, estendendo-se para a pequena curvatura e face posterior, invadindo a mucosa sã e em cujo centro se elevam, contornando o orifício do piloro, grumos de tecido em couve flôr.

Ao longo da pequena curvatura encontram-se pequenas metastases pouco endurecidas.

O máximo de espessura do tumor é de dois centímetros. No sentido da pequena curvatura chega a atingir o comprimento de seis centímetros.

A peça está conservada em líquido de KAISERLING.

328.—CARCINOMA DA REGIÃO PILÓRICA.—Na face interna dum estômago, cujas paredes hipertrofiadas contrastam com um volume reduzido da cavidade, encontra-se a massa do tumor, que se dispõe à volta do piloro e dali irradia pela região da pequena curvatura, sob a forma duma placa grossa e dura, chegando a ter junto do orifício pilórico quatro centímetros de espessura. O resto da mucosa encontra-se levemente amarelada e lisa.

Líquido conservador de KAISERLING.

329.—CARCINOMA DA REGIÃO PILÓRICA.—Ao estômago estão anexados o pâncreas e um segmento do intestino delgado. As paredes do órgão estão engrossadas e a cavidade diminuída de volume.

Todo o antro pilórico está repleto duma massa tumoral que quasi obtura o orifício pilórico, adere ao duodeno e à cabeça do pâncreas, e tem o volume dum rim, elevando-se a meio da pequena curvatura e atingindo nêsse ponto a espessura de três centímetros.

O orifício pilórico mal permite a espessura dum lapis. A superfície do tumor é rugosa e amarelada.

Líquido de conservação de KAISERLING.

330.—CARCINOMA DA REGIÃO PILÓRICA.—Peça constituída por um estômago, tendo anexos o pâncreas e os segmentos do duodeno. Aberto segundo a grande curvatura, mostra as paredes muito hipertrofiadas. Está muito dilatado.

O tumor ocupa o antro pilórico onde tem o seu maior desenvolvimento, estende-se até ao cardia e ainda às faces laterais da pequena tuberosidade, na extensão de quatro centímetros. Tem o volume

dum grosso punho, atingindo a espessura de nove centímetros na região pilórica; está ulcerado numa extensão de três centímetros e continua-se insensivelmente com o resto da mucosa, levemente enrugada. Ao longo da face externa da pequena curvatura, o estômago tem várias saliências lobuladas. O piloro está permeável, reduzido à espessura dum pequeno lapiz.

Preparação de FREITAS COSTA.

CAPÍTULO TERCEIRO

Intestinos

Ulcerações

331. — **ULCERAÇÕES DO INTESTINO DELGADO** (fig. 98). — A peça é constituída por um segmento do intestino delgado, aberto longitudinalmente, sobre cuja mucosa se encontram ulcerações serpigínoides, deixando entre si pequenas porções de mucosa aparentemente sã.

332. — **ULCERAÇÕES DAS PLACAS DE PEYER (FEBRE TIFOIDE)** (fig. 99). — A peça é constituída por segmentos de intestino grosso, sobre os quais se destacam nitidamente quatro placas de PEYER, de dimensões variadas, desde o tamanho de uma pequena moeda até uma oval de 5 centímetros de comprimento por 3 de largo.

Todas estas placas estão edemaciadas fazendo relêvo notável sobre a mucosa, mostrando elevações e depressões que lhe dão o aspecto crivoso; em duas delas veem-se perdas de substância mais ou menos circulares que põem a sub-mucosa a descoberto.

333. — **ULCERAÇÕES DAS PLACAS DE PEYER (FEBRE TIFOIDE)**. — Peça formada por segmentos de intestino, com ulcerações não só das placas de PEYER, mas também da mucosa intestinal.

334. — **ULCERAÇÕES DAS PLACAS DE PEYER (FEBRE TIFOIDE)**. — «Sob o ponto de vista anatomo-patológico, o caso fornece um exemplo muito saliente da lesão característica das placas de PEYER, principalmente na segunda porção do intestino delgado. A alteração denunciava-se exteriormente por manchas mais avermelhadas sobre a parede ou superfície exterior do intestino; e algumas por mancha escura correspondente ao estado de mortificação de algumas placas». LOPES VIEIRA.

A peça é constituída por um fragmento da primeira porção do intestino delgado de mucosa branco acinzentada, lisa, sobre a qual se

destacam placas arredondadas de um centímetro de diâmetro, retraindo a mucosa e orladas por uma depressão talhada a pique da mucosa sã.

No outro fragmento destaca-se sobre a mucosa da mesma côr da do primeiro, uma placa de PEYER de forma oval (3 cent. x 2 cent.), de uma côr acastanhada-clara e ulcerada.

Estenoses

335.—ESTENOSE DO INTESTINO DELGADO (fig. 100).—A peça é constituída por um segmento de intestino delgado (jejuno ileon), cujo diâmetro se encontra diminuído na extensão de sete centímetros e cujas paredes se encontram espessadas por forma a permitirem apenas a passagem de um lapis.

Preparação do prof. LÚCIO ROCHA.

Oclusões intestinais

336.—OCLUSÃO INTESTINAL POR ESTRANGULAMENTO (fig. 101).—A peça é constituída por parte do cecum com o seu apêndice e uma porção do jejuno ileon (cêrca de 4 decímetros).

A dois ou três centímetros da válvula ileo-cecal, encontra-se uma porção de intestino delgado enrolado sobre si mesmo com a disposição de um nó que estrangulou uma ansa do jejuno ileon.

Conservada em seco.

337.—OCLUSÃO INTESTINAL POR ASCARIS LUMBRICOIDES (fig. 102).—Trata-se de uma ansa de intestino delgado, disposta por forma circular, incisada no sentido longitudinal, mostrando no seu interior um novelo de ascaris lumbricoides, que impediam o curso das fezes, das quais se conservam quatro ou cinco cibalas.

Tuberculose intestinal

338.—TUBERCULOSE CECAL E MESENTÉRICA.—A peça é constituída pelo colon inserido no seu mesentério e que se encontra todo infiltrado de nódulos com o volume de avelãs grandes formando um verdadeiro rosário; infiltração que também se estende às paredes do próprio intestino.

A infiltração é maior na ampôla cecal, que está repleta de nódulos de volume variável.

Junto existe o apêndice, que nada tem de notável.

339.—TUBERCULOSE INTESTINAL (MILIAR).—Não obstante o exemplar estar muito descorado pela acção do álcool, vê-se que é formado por algumas ansas intestinais, uma das quais espalmada, sobre cuja

destacam placas arredondadas de um centimetro de diametro, rodeadas
 e rodeadas por uma depressão raiada a pique de mucosa se
 no outro fragmento, descolam-se sobre a mucosa da mesma cor
 do do principio, uma placa de Pezom de forma oval (3 cent. x 2 cent.)
 de uma cor acastanhada-clara e ulcerada.

Estenoses

335.—Estenose do intestino delgado (fig. 100).—A peça é cons-
 tituida por um segmento de intestino delgado (jejuno-ileon), cujo
 diametro se encontra diminuido na extensao de sete centimetros e
 estas partes se encontram espessadas por forma a permitirem
 apenas a passagem de um lapiz.
 Preparação do prof. I. deo Rocha.

Occlusões intestinaes

336.—Occlusão intestinal por estrangulamento (fig. 101).—A
 peça é constituída por parte do cecum com o seu apêndice e uma
 porção do jejuno-ileon (cerca de 1 decimetro).

A dois ou três centimetros da valvula ileo-cecal, encontra-se uma
 porção de intestino delgado enroscado sobre si mesmo com a di-
 reção de um no que estrangulou bem mais do jejuno-ileon.
 Conservada em seco.

337.—Occlusão intestinal por ascarias lumbricoides (fig. 102).—
 Tronco de uma anse de intestino delgado, disposto por forma a
 estar inclinado no sentido longitudinal, mostrando no seu interior um
 noveto de ascarias lumbricoides, que impediram o curso das fezes, de
 que se conservam quatro ou cinco cibatias.

Tuberculose intestinal

338.—Tuberculose cecal e mesenterica.—A peça é constituída
 pelo cecum inserido no seu mesentrio e que se encontra todo inchado
 de nodulos com o volume de avellãs brancas formando um vasto
 tumor mole; induração que tambem se estende as partes da por-
 ção mesentria.

A induração é maior na ampolla cecal, que esta repleta de nodulos
 de volume variavel.

Quando existe o apêndice, que nada tem de doente.

339.—Tuberculose intestinal (mitas).—Não obstante a esta-
 ção estar muito descolado pelo acido de alcool, vê-se que é bastante
 por serem as suas intestinaes, uma das partes examinadas, sobre a qual



Fig. 98. — Ulcerações do intestino delgado. — Redução $\frac{1}{3}$.



Fig. 99. — Ulceração das placas de PEYER (febre tifoide). — Redução $\frac{1}{3}$.

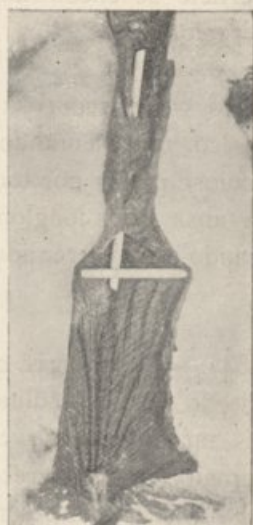


Fig. 100. — Estenose do intestino delgado. — Redução $\frac{1}{3}$.



Fig. 101. — Oclusão intestinal por estrangulamento. — Redução $\frac{1}{3}$.



Fig. 102. — Oclusão intestinal por ascaris lumbricoides. — Redução $\frac{1}{3}$.



Fig. 103. — Carcinoma da parotida e da sub-maxilar. — Redução $\frac{1}{3}$.